

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

**AQUI, ALI E ACOLÁ: CAMINHOS E EXPERIÊNCIAS DO
ENSINO DO LUGAR EM PRÁTICAS DOCENTES.**

Paulo Estevão Bueno de Camargo

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Doin de Almeida

Dissertação de Mestrado elaborada junto
ao Programa de Pós-Graduação em
Geografia – Área de Organização do
Espaço, para obtenção do título de Mestre
em Geografia.

Rio Claro – S.P.
2008

910.07 Camargo, Paulo Estevão Bueno de
C172a Aqui, ali e acolá: caminhos e experiências do ensino do
 lugar em práticas docentes / Paulo Estevão Bueno de Camargo
 . - Rio Claro : [s.n.], 2008
 121 f. : il., figs.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista,
 Instituto de Geociências e Ciências Exatas
 Orientador: Rosângela Doin de Almeida

 1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Ensino do espaço local.
 3. Sujeitos. 4. Universo escolar. 5. Ensino fundamental. 6.
 Atlas. I. Título.

SUMÁRIO

Índice.....	vii
Índice de Figuras.....	viii
Resumo.....	ix
Abstract.....	x
Apresentando o caminho (Uma breve introdução).....	1
Capítulo I – Primeiro trecho – Caminhos que se formam.....	4
Capítulo II – Segundo Trecho – Caminhando por aqui.....	26
Capítulo III – Terceiro Trecho – Uma história de um lugar que fica logo ali.....	48
Capítulo IV – Quarto Trecho – O acolá não distante.....	70
Ao caminhar encontrei... (Ensejos de conclusão).....	82
Bibliografia (Norteadores do Caminho).....	87
Anexos.....	92

ÍNDICE

	Páginas
1. Apresentando o Caminho.....	1
1.1. Um breve atalho.....	2
2. Capítulo I	
Primeiro Trecho – Caminhos que se formam.....	4
2.1. Sobre pesquisas.....	5
2.2. Sobre enxergar.....	9
2.3. Sobre registros.....	12
2.4. Sobre colaboração.....	14
2.5. Sobre saberes e práticas.....	19
2.6. Sobre lugar(es).....	24
3. Capítulo II	
Segundo Trecho – Caminhando por aqui.....	26
3.1. A professora Giovana.....	26
3.2. A Escola.....	31
3.3. As práticas, o ensino do lugar e as relações entre os sujeitos.....	33
4. Capítulo III	
Terceiro Trecho – Uma história de um lugar que fica logo ali.....	48
4.1. Onde aconteceu?.....	49
4.2. Sujeito principal.....	52
4.3. Os contos do lugar e alguns outros sujeitos.....	57
5. Capítulo IV	
Quarto Trecho – O acolá não distante.....	70
5.1. Mudanças no/do olhar.....	71
5.2. Sobre identidade e o (re)conhecimento do lugar.....	72
6. Ao caminhar encontrei... (Ensejos de conclusão).....	82

7. Bibliografia (Norteadores do caminho).....	87
--	-----------

ANEXOS

1. Registros de aulas da professora Giovana.....	92
2. Registros de aulas da professora Deise.....	105
3. Registro de aula da professora Luciana.....	116

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Imagem da EMEF “Prof. Luiz Martins Rodrigues Filho”.....	31
Figura 2. Mapa do setor Bom Sucesso.....	33
Figura 3. Página do Atlas utilizada pela professora Giovana em atividade.....	38
Figura 4. Imagem da EMEF “Dr. Ulysses Guimarães”.....	49
Figura 5. Mapa da expansão urbana dos bairros do município de Ipeúna/SP....	50
Figura 6. Vista panorâmica da EMEF “Antonio Palioto”.....	75
Figura 7. Mapa dos arredores da EMEF “Antonio Palioto”.....	76

Resumo

Uma investigação envolvendo saberes e práticas docentes sobre o ensino do espaço local (lugar), através de Atlas Municipais Escolares, em terceiras e quartas séries do Ensino Fundamental é o foco principal da pesquisa. Desta forma busca compreender as relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos dos universos escolares investigados quanto ao tema proposto pelas pesquisas ao qual as professoras participavam sendo que foram investigados três universos e suas respectivas professoras que se encontravam, na época, envolvidas em projetos mais amplos que, no caso de duas professoras, buscou integrar universidade e escola, por meio de uma pesquisa em colaboração envolvendo os municípios de Rio Claro e Ipeúna, ambos deste Estado e, no outro caso, uma ação entre assessores externos e a Prefeitura Municipal de Sumaré/SP, para elaboração de um Atlas Municipal Escolar daquele município. São três localidades, três professoras e seus universos aqui investigados que, através dos registros etnográficos de observações de suas aulas e entrevistas com as professoras, enquanto coleta de dados, trabalhando com e sobre a idéia de lugar como tema recorrente aos Atlas. Sendo assim, o lugar construiu-se/constituíu-se através das práticas das professoras, cada qual a sua maneira.

Palavras-chave: Práticas Docentes, Atlas Escolares, Ensino do Espaço Local, Lugar, Sujeitos, Universo Escolar.

Abstract

An investigation involving knowings and teachers practices about local (place) instruction, through Municipal School Atlas, in third and fourth grades of Elementary School is the main focus of this research. This way it searches to comprehend the relations established between the different individuals of the schools universes investigated as far as the theme proposed by the researches with the teachers participated goes being that three universes and their respective teachers were investigated, and that at the time found themselves involved in bigger projects, in the case of two teachers, it sought to integrate university and school by means of a research in cooperation with the municipal districts of Rio Claro and Ipeúna, both from the state of São Paulo, and in other case, an action between outside assessors and the Municipal City Hall of Sumaré/SP, to the elaboration of an School Municipal Atlas of that municipal district. There are three locations, three teachers and their universes investigated here that through ethnography records about observation of their lessons and interviews with the teachers, while collecting information, working with and on the idea of space as a theme of the Atlas. Therefore the space build up through teachers skills, each on your own way.

Key words: Teachers Skills, School Atlas, Local Space Teaching, Space, Subjects, School Universe.

1. APRESENTANDO O CAMINHO

O caminho que ele segue vai lhe ficar gravado na lembrança com a excitação produzida pelos lugares novos
Marcel Proust

Novos lugares. Lugares por onde caminhar.

Esta pesquisa percorre caminhos distintos e, ao mesmo tempo, semelhantes.

Não iguais.

A igualdade, neste caso, seria impossível.

Caminho por eles com o olhar de um viajante em busca desta excitação que Proust descreve.

Conhecer é algo dos mais significativos na vida.

Tem o poder da transformação.

Conhecer no sentido de desbravar/desvendar/adquirir conhecimento.

Transformei-me, um pouco, em cada palavra aqui depositada.

Palavras que, unidas, formam o alicerce, a base, o chão deste caminhar.

O que seríamos nós sem o universo infinito de possibilidades que a união de palavras nos proporciona¹?

Palavras que indicam caminhos: Aqui, Ali e Acolá.

São estes os três caminhos.

Como percorrê-los?

Pela estrutura.

Da escrita.

As questões relativas à pesquisa, minha trajetória por ela, a questão que a enseja compreender e os alicerces teóricos metodológicos que utilizei, *a priori*, para compor seus enredos encontram-se num primeiro capítulo ou seria, por tratar-se de um caminho, trecho?

É um trecho.

Do percurso.

Ao prosseguir com a leitura serão apresentados ao leitor trechos que tratam dos universos escolares pesquisados e seus sujeitos, bem como das relações estabelecidas entre eles dentro destes universos. Ou seriam lugares?

Neste percurso, uma seqüência de três trechos: Aqui, Ali e Acolá.

Nomes diferentes para lugares diferentes que percorri na busca pela compreensão da questão desta pesquisa.

E, para encerrar, mas não findar, os sentidos/relações/significações/constatações encontrados em ensejos de uma conclusão.

1.1. Um breve atalho

O atalho facilita o caminho.

Portanto, faço uso de um atalho para ajudar o leitor a compreender melhor a estrutura desse trabalho.

Farei, no decorrer de minha escrita uma investigação para a melhor compreensão de algumas questões que, no momento oportuno, serão colocadas.

¹ A importância da palavra ganha maior vivacidade ao fazer uso das idéias de Larossa Bondía, que discorre da seguinte maneira sobre a relação homem-palavra: “O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo o humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra” (2001, p. 2).

Para tanto fiz uso de uma escrita em forma narrativa, partindo do princípio de que os seres humanos são contadores de histórias e que nossas vidas e vivências podem ser relatadas (CONNELLY & CLANDININ, 1995).

O texto encontra-se estruturado de uma forma em que os autores, norteadores do meu caminho, aparecem no narrar dos acontecimentos. Estão articulados com os acontecimentos e vivências, por mim experimentadas e, também, pelos outros sujeitos que se tornam personagens destas histórias, como os professores e alunos, entre outros.

Obstante, não se pode esquecer que esses sujeitos também são “contadores de histórias e também personagens nas histórias dos demais e em suas próprias” (CONNELLY & CLANDININ, 1995, p. 12, tradução minha), e que, por assim ser, narrarei histórias de sujeitos, intrínsecos a esta pesquisa.

Essas histórias, transformadas em uma narrativa, no caso, são extraídas de experiências entre esses sujeitos, por mim observadas e registradas.

São delas que a narrativa irá emergir, de um tempo passado, contado entre o passado, do algo já ocorrido, com o presente, ou seja, com o momento da concretização da escrita, podendo “o tempo ser ajustado a história que se conta” (CONNELLY & CLANDININ, 1995, p. 31).

E por último elucidado o caráter vicariante da pesquisa narrativa e, também, qualitativa, sendo as características dessa no decorrer do texto apresentadas.

Ao tornar relatada uma experiência² narrativa, deixa-se que outros sujeitos a leiam e, conseqüentemente, tenham posições, impressões, idéias e diferentes caminhos na interpretação da leitura, desde que o texto possa ser vivenciado pelos outros autores. Portanto, cada qual terá sua interpretação e compreensão das experiências narradas e dessa maneira, diversas significações e constatações podem emergir de uma mesma narrativa.

Após a leitura desejo não ser o único caminhante destes caminhos. Desejo que vários outros surjam e, caso não compartilhem impressões que me ajudem a melhor compreendê-los, que possam então carregar, pelo tempo que for, alguns significados oriundos das palavras que compõem este enredo/caminho.

Portanto, é momento de seguir...

Caminhando...

² Experiência ganha, aqui, o sentido de ser “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma” (LAROSSA BONDÍA, 2001, p. 7).

2. CAPÍTULO I

PRIMEIRO TRECHO – CAMINHOS QUE SE FORMAM

Os olhos não vêem coisas
mas figuras de coisas
que significam outras coisas.
Italo Calvino

Os primeiros passos são sempre os mais marcantes e importantes de qualquer trajetória. Muitas vezes, nem somos nós quem o damos. Ele parte de um outro tempo/lugar e chega, de mansinho, transformando.

Minha história nesta pesquisa, desde o começo, vem de um outro tempo, resultante no hoje.

Outros caminhos que culminaram neste trabalho.

Outro caminho.

Um caminho é algo a ser percorrido. Cabe a você e, somente você, decidir de qual forma percorrê-lo.

Ao escolher, resta seguir em frente. Sem medo.

A tessitura desta dissertação é vista como um caminho.

Não único, mas múltiplo. Múltiplo nas idéias, nos sentidos, nos saberes presentes e nas escolhas. Que resultaram em um único trabalho.

Sobreposições de tempos/lugares/saberes/experiências que formam o emaranhado de trilhas, resultantes no caminho, afinal.

Para começar um passo, dois, três...

Meus?

Não somente. De vários sujeitos presentes neste enredo/caminho.

2.1. Sobre pesquisas

Ao buscar representações de seus municípios através de um Atlas, para utilizarem em sala de aula, alguns professores, da rede pública de ensino, deram início a uma pesquisa³, em colaboração com esta Universidade em meados do ano de 1996, o que resultou na elaboração de Atlas Municipais Escolares dos municípios paulistas de Limeira, Rio Claro e Ipeúna.

Aquela pesquisa, composta por sujeitos/tempos/lugares singulares a ela, foi o alicerce ao qual meu trabalho encontra-se vinculado. Um novo caminho partiu da necessidade de dar resposta aos anseios oriundos da forma de utilização dos Atlas em sala de aula, ou seja, como os novos instrumentos didáticos seriam utilizados durante as aulas. Como ensinar com o Atlas⁴? Era a questão norteadora que deu origem a uma nova fase de pesquisa (ALMEIDA; OLIVEIRA JR.; TENCA; BONOTTO; PEDUTTI, 2004), uma vez que “a presença e a circulação de uma representação [...] não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários” (CERTEAU, 1994, p. 40).

É neste momento que o meu caminhar encontra-se com o de outras tantas pessoas.

Enquanto estudante de graduação em Geografia buscava algum docente acadêmico que desenvolvesse trabalho na área educacional envolvendo a Geografia. Com as indicações de uma colega de curso cheguei até a professora Rosângela que estava no início/continuar de uma pesquisa que envolvia professores da rede pública de ensino e da Universidade, onde seria necessária a participação de estudantes de graduação.

Uma investigação sobre saberes e práticas docentes no ensino fundamental foi o foco principal da pesquisa⁵, que visava propor orientações curriculares para a formação de

³ Maiores detalhes encontram-se no seguinte trabalho: ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Integrando Universidade e Escola por Meio de uma Pesquisa em Colaboração**. Tese (Livre Docência) - Unesp. Rio Claro, 2001.

⁴ Gonçalves ajuda na percepção da importância dos Atlas quando escreve que: “No que tange a construção de saberes e práticas a respeito do ensino da localidade, que tem como uma das fontes um Atlas Municipal Escolar, este torna-se um material inovador, visto que o município, como é geralmente estudado nos livros didáticos, não se refere a nenhum lugar real, uma vez que é visto de forma genérica e descritiva” (2006, p. 3)

⁵ Pesquisa: Integrando universidade e escola por meio de uma pesquisa em colaboração - Fase 02 (Projeto – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) nº 02/00117-0). Maiores detalhes, de todo o

professores no ensino do espaço local (áreas de História, Geografia e Ciências), realizada em colaboração entre a Universidade e as Prefeituras Municipais de Ipeúna e Rio Claro, com o objetivo de investigar o professor e suas práticas, que resultou em análises, dentro do contexto colaborativo, com vistas à melhoria da qualidade do ensino.

Os participantes do grupo de pesquisa eram os coordenadores da Universidade, professores tutores, sujeitos estes, autores dos Atlas, advindo da pesquisa anterior e/ou estudantes de pós-graduação; professores pesquisadores, integrantes da rede municipal de ensino dos municípios de Rio Claro e Ipeúna, além de professores em formação. Neste caso eu e mais alguns colegas de graduação.

Como diferentes sujeitos se relacionam com o conhecimento do lugar, presente nas páginas dos Atlas, dentro do contexto escolar foi a questão norteadora de todo o projeto.

Para que isto emergisse das práticas docentes no cotidiano escolar era necessário investigar⁶. Traçar caminhos. Estruturar as relações no interior do grupo, para que, desta forma, cada qual, dentro de sua específica área/função colaborasse para o andamento da pesquisa.

Como explicitado logo acima, o grupo de trabalho era composto de diversos sujeitos e as relações estabelecidas entre eles foram delineadas pela própria pesquisa.

Os professores tutores eram parceiros ativos dos pesquisadores, desenvolvendo atividades de ensino e ajudando nos anseios e dúvidas destes outros professores no momento da atividade ganhar forma em sala de aula.

Os professores pesquisadores, além de elaborarem, em conjunto com os tutores, as atividades de ensino e aplicá-las em suas turmas, deveriam registrar em diários de aula (ZABALZA, 1994), estas atividades para posterior discussão no grupo de pesquisa.

processo de pesquisa e suas conclusões podem ser encontrados em: ALMEIDA, R.D.; OLIVEIRA JR., W. M. ; TENCA, A.; BONOTTO, D. M. B.; PEDUTTI, S. K. **Integrando Universidade e Escola por meio de uma Pesquisa em Colaboração – Atlas Municipais Escolares – Fase 2**. 2004. (Projeto – FAPESP nº 02/00117-0).

⁶ Para explicitar a gama de investigações que emergiram dessa pesquisa cito, aqui, os trabalhos relativos aos integrantes do grupo: AGUIAR, Lígia Maria Brochado de. **A cumplicidade entre a oralidade e a visualidade: lendo o mundo através dos mapas**. Tese (Doutorado). UNESP. Rio Claro, 2005; CAZETTA, Valéria. **Práticas educativas, processos de mapeamento e fotografias aéreas verticais: Passagens e constituição de saberes**. Tese (Doutorado). UNESP. Rio Claro, 2005; GONÇALVES, Amanda Regina. **Os espaços-tempos cotidianos na geografia escolar: do currículo oficial e do currículo praticado por professores de uma rede colaborativa de trabalho**. Tese (Doutorado). UNESP. Rio Claro, 2006; LOCALI, Rafaela. **Práticas Docentes sobre Ensino do Lugar e Cartografia Escolar no Contexto de uma Pesquisa Colaborativa: Processos de uma Construção**. Dissertação (Mestrado). UNESP. Rio Claro, 2008; MACHADO, Hélia Maria de Fátima Gimenez. **Uma História para Ipeúna**. Dissertação (Mestrado). UNESP. Rio Claro, 2004; OLIVEIRA, Adriano Rodrigo. **A cartografia escolar e as práticas docentes nas séries iniciais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado). PPGE, CECH, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, 2003.

Aqui meu caminho começa a ganhar norte.

A pesquisa de Iniciação Científica⁷, resultante de minha participação no projeto, com duração de três anos, levando-se em conta todos os caminhos percorridos, teve como objetivo principal a observação do ambiente e dos sujeitos no Universo Escolar (EDWARDS, 1997), com suas práticas e saberes docentes em atividades de ensino (MOURA, 1996).

Era uma outra forma de observar as atividades de ensino e de registrá-las. Era o olhar do outro. Não do professor e nem do tutor.

Não deveria ser neutro, mesmo porque isto é impossível, mas idôneo. Cada palavra ganha vida pelas mãos e voz do sujeito pesquisador. E este sujeito carrega consigo outras visões de mundo/vida. Porém, era necessário que os registros abarcassem o máximo possível do universo escolar a ser observado, somente assim seria possível perceber as ações que abarcam daquele cotidiano. Escola, alunos e professores, intrínsecos em uma rede de relações.

É desta rede que vamos puxando os fios, desatando os nós para a pesquisa (AZEVEDO, 2002).

Para tanto foi necessário um exercício amplo de aprender a enxergar.

Neste momento do caminhar, insiro a existência de uma outra pesquisa.

Uma pesquisa, próxima da já vivenciada, nesta Universidade, ganhou forma em um município não muito distante daqui.

A necessidade de inserir o universo escolar do município de Sumaré, Estado de São Paulo, em propostas de preservação do Meio, ações que motivassem a paz e, principalmente, ajudassem a desenvolver um maior conhecimento sobre o município, trouxe a possibilidade de desenvolver uma pesquisa colaborativa entre os professores da rede municipal na elaboração de um Atlas Municipal Escolar, naquela cidade.

Sumaré vivenciou durante as décadas de 1980 e 1990, por localizar-se na Região Metropolitana de Campinas e ser, juntamente com outros municípios, pólo de desenvolvimento industrial, um grande aumento populacional, devido, em grande parte, as migrações. Esta população, que por um lado, busca melhores condições de vida e, por outro, por ser original de outros lugares que não este que habita, tem dificuldade de desenvolver sentidos de identidade e pertencimento com o local em questão.

⁷ Pesquisa: “Uma investigação sobre saberes e práticas docentes no ensino da localidade, em 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental (áreas de História, Geografia e Ciências) em Ipeúna – SP” (Projeto - FAPESP n° 01/11841-9).

Sendo assim, acredita-se que este fator aliado a outros de cunho social, ajudou no aumento dos índices de violência no município e, também, como consequência da ocupação desordenada, agravaram-se os problemas ambientais naquela localidade. Todo este conjunto de circunstâncias tornou Sumaré uma cidade estranha (ao nosso olhar), por não apresentar, em primeiro momento, uma identidade única ou própria. Obviamente, a pesquisa em questão, busca desenvolver este sentimento, nos sujeitos atuantes na pesquisa e, por consequência, naqueles que utilizarão o material posteriormente.

Fazer com que uma criança desenvolva um sentimento de identidade com o lugar em que vive por meio do conhecimento aprofundado dos elementos que o estruturam torna possível que, este investimento, gere situações futuras de uma melhor (con)vivência espacial e social.

O Atlas Municipal Escolar de Sumaré trará uma possibilidade para que isto aconteça por ser elaborado por professores da Rede Municipal de Ensino, proporcionando que conhecimentos específicos sobre a cidade, sob aspectos geográficos, históricos e ambientais sejam divulgados e inseridos no cotidiano escolar do município. Portanto, disponibilizar para os usuários das escolas estes conhecimentos, através de informações acessíveis é o papel que Atlas terá dentro deste universo escolar.

Como participante⁸ desta pesquisa, me coloquei como observador do desenvolvimento do projeto. Para isto, acompanhei reuniões entre os professores da rede municipal de ensino, participantes do projeto, os coordenadores da Secretaria de Educação do município somados aos assessores externos que, neste caso, funcionavam como elementos catalisadores das produções de todos os envolvidos. Estas reuniões tinham como função orientar os participantes sobre o embasamento teórico-metodológico da pesquisa e do papel de cada um dentro do contexto colaborativo no qual a pesquisa está inserida e, também, participar da produção das páginas do Atlas, através de debates entre os professores.

Assim sendo, a investigação se debruçou sobre a formação de professores, uma vez que são formadores de opinião, além de moradores da comunidade local, e teve como meta principal a construção de saberes a respeito do ensino de conteúdos que envolvem a localidade, tomando como linguagem as representações gráficas.

⁸ É pertinente, neste momento, colocar que cheguei a esta pesquisa a convite da Profa. Dra. Rosângela que coordenaria o projeto. Como ainda buscava caminhos para minha pesquisa foi pertinente este contato com um outro grupo, uma vez que, meu papel ali seria, a princípio, o mesmo desempenhado na pesquisa anterior, porém com um acompanhamento maior e inicial, referente a elaboração dos conteúdos que seriam inseridos nas páginas do Atlas Municipal.

Os conteúdos do Atlas, derivados dos eixos principais (Geografia, História e Meio Ambiente), eram detalhados pelos professores e, conforme os esboços das páginas iam sendo realizados, eram trabalhados em atividades nas salas de aula.

Nesta pesquisa, o foco da investigação é lançado em apenas uma professora. Algumas razões, derivadas do andamento do projeto não possibilitaram que houvesse uma continuidade dos registros das atividades em sala de aula, bem como um maior aprofundamento em suas práticas e saberes, bem como no cotidiano escolar. Lanço mão também de uma entrevista com esta professora, através da qual é possível encontrar referenciais advindos de sua experiência de vida, bem como aqueles adquiridos de maneira formal nas instituições de ensino ganham forma através de palavras.

Sendo assim, exponho a possibilidade da análise dos registros referentes a esta professora apresentarem-se menos completos. Contudo, eles revelam pistas importantes sobre a questão que esta pesquisa visa aprofundar. É um outro lugar e, por isto, as relações ali se estruturam de uma maneira diferente.

Posto isto, deixo claro que, neste trabalho, quando escrevo sobre grupo de pesquisa, me refiro sempre a aquela pesquisa vivenciada por mim em profundidade, da qual tenho um rico conhecimento para expor, ou seja, em qual participei ativamente de todos os processos. A pesquisa posterior, realizada no município de Sumaré, aparecerá apenas neste trecho do trabalho e, também, no momento oportuno de colocar em palavras sobre a professora acompanhada e alguns caminhos que trilhei nesta pesquisa.

No meu caminhar pelas escolas que acompanhei, semanalmente durante meses, fui [re]aprendendo a enxergar o universo escolar. Caminhos teóricos e metodológicos, conversas, opiniões, gestos, sentidos entre outros tantos mais, fizeram-me investigador, sem que, ainda, houvesse percepção deste fato.

Mas como?

2.2. Sobre enxergar

Antes de tudo, enxergar.

Quando me encontrei pela primeira vez num ambiente a ser observado, neste caso, a sala de aula da professora Deise, não sabia ao certo, como observar/olhar/enxergar/perceber todos os elementos que compõem o simples/complexo que se chama sala de aula, afinal “múltiplas são as tensões que envolvem o/a pesquisador/a em seus movimentos de chegada à

escola e a tentativa de registro minucioso do que pretende observar/investigar” como coloca, em palavras, Tavares (2003, p.43).

Naquele tempo, em que eu ainda estava em formação, tanto em pesquisa, quanto em vida e profissão, parecia uma tarefa impossível de ser realizada. E não foi.

No começo havia medo e dúvidas que pareciam ser infinitas. Afinal, como eu, um simples estudante de graduação, no momento, poderia capturar pelos olhos e transformar em palavras os infinitos movimentos de uma sala de aula?

Fui buscar as respostas em pensamentos de outros.

É isto que torna a pesquisa interessante. Nas visões de outros, você encontra a sua. Não igual, mas como sustentáculo de idéias, métodos e ações. Aquele pensamento humano simples de que se alguém já fez e deu certo, comigo vai dar também.

Muitas leituras foram feitas. Trilhas, caminhos, estradas de pensamentos atingem a mente com uma velocidade incrível. E eu ali, no meio de tantas letras me perguntando: Tudo pode ser usado? Será que isto serve? E aquilo?⁹

Dúvidas.

Mas o tempo, *mano velho*, como está na canção, companheiro indissociável da vida, em algum momento, no ritmo de cada um, penso eu, clareia a mente, permite enxergar.

Enxergar os caminhos, as formas e os passos que devem ser dados. Somente quando se enxerga existe clareza de idéias. Não basta olhar, passar os olhos.

Enxergar¹⁰, para mim, é um ato simples/complexo de percepção de partes que, juntas, formam o melhor caminho. Não existe certo ou errado. Simples, já que, uma vez percebido, o ato de enxergar assim se torna. Complexo, pois exige maturidade e crescimento, principalmente como ser humano e, de certo, isto não é fácil.

Nas palavras de Heidegger (1969, p. 69), encontro a síntese deste meu pensamento: “o simples guarda o enigma do que permanece e do que é grande. Visita os homens inesperadamente, mas carece de longo tempo para crescer e amadurecer”.

E a pesquisa nisto tudo?

⁹ Como complemento, Amorim (2000, p. 9) assim discorre: Nas pesquisas, debruçamo-nos sobre fenômenos para a investigação, descrevendo-os, analisando-os, discutindo-os, em um movimento no qual se articulam referenciais teóricos e aquilo que recortamos da realidade e que nos enseja compreender.

¹⁰ Sobre como olhar/enxergar e suas multiplicidades, Martins (1996, p. 20 e 21) coloca: Qual o meu jeito de olhar? Só vejo o utilitário, olhar prático, objetivo, frio? Só vejo e analiso pelo gosto, não gosto? Ou pelo bonito ou feio? Serve para mim ou não? Fantasia este olhar com lentes cor de rosa? Olhar de Polyana? Olhar de piedade ou de inveja do que não é igual a mim? [...].

Os caminhos metodológicos que percorri até o momento serão aqui expostos. Não em sua totalidade. Existem embasamentos que surgirão em momentos diversos da dissertação, inseridos no contexto oportuno da pesquisa. Neste momento, apresentarei em quais métodos/metodologias busquei enxergar o caminho que iria percorrer.

O primeiro entendimento advém da pesquisa qualitativa. É esta abordagem utilizada para a obtenção de dados da pesquisa.

Esta abordagem busca no meio a sua concretude. São os sujeitos, inseridos no ambiente que vivenciam/percebem/praticam/utilizam os elementos principais da pesquisa e, para tanto, como sugerem André & Lüdke (1986, p. 12):

O pesquisador deve, [...], atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado.

Sendo assim, através da observação, é que a pesquisa foi configurando-se, ganhando forma. Observar as aulas de duas professoras e, tentando capturar pelos olhos, toda a complexidade do momento observado, foi minha tarefa principal para a obtenção de dados para a pesquisa. O pesquisador, neste caso, é aquele que contará a história que ali está sendo vivenciada, por ele e outros sujeitos, que ganham vida com seu depoimento. Ele não é personagem principal daquele enredo, mas, um narrador que dá voz aos personagens principais (PELISSARI, 1998).

A abordagem qualitativa apresenta características que permitem um maior envolvimento com o ambiente estudado, ou seja, tendo o ambiente e os sujeitos que o compõem como fonte de dados principal, o investigador, que se torna o instrumento principal de trabalho, mergulha neste ambiente e extrai dele os elementos necessários para sua investigação (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Esses elementos extraídos do ambiente e dos sujeitos são descritivos, sob a forma de palavras e imagens. No início existe uma ânsia de se conseguir ouvir, olhar e descrever tudo o que acontece no momento da observação. São tantas informações que parece não haver palavras no mundo que contemplem as complexidades do cotidiano escolar.

Tal fato aconteceu porque cheguei às escolas “com os sentidos todos alertas para que captassem tudo aquilo que se oferecesse a eles” (TAVEIRA, 2002, p. 108).

Contudo, experiências já vivenciadas, tornam-se peças na composição da observação, uma vez que trago comigo um arcabouço teórico e prático que focam a observação para aquilo que se busca descobrir.

A importância dos registros serem minuciosos, em relação aos dados coletados e registrados, é grande já que são neles que o investigador vai debruçar-se para realizar sua pesquisa. Os dados, neste caso, advêm de registros e da observação direta e simples do ambiente e das relações estabelecidas entre os sujeitos dos ambientes ou universos investigados.

Com a investigação qualitativa o investigador passa a interessar-se mais pelo processo, ou seja, pelo uso de significados, diálogos, noções, atitudes, histórias e mundos, entre outros, tanto dos sujeitos individuais ou do grupo, e da compreensão do processo de formação destes dentro do ambiente é que o investigador terá suporte em sua pesquisa.

Para tanto, lança mão da indução, como forma de análise de seus dados. Estes dados são passíveis de reflexão, através de uma estruturação deles, enquanto peças do conjunto da pesquisa. À medida que os dados passam por uma reflexão e análise, são abertas ao investigador, as relações do ambiente investigado. Através dos significados, que possuem importância vital nesta abordagem de pesquisa, é possível descobrir diferentes modos de vida, de significações de vida e de pensamentos, dentro do ambiente (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Neste sentido, o ambiente compreende o universo escolar, tanto das professoras, ou seja, a escola, a turma e as atividades dos professores participantes da pesquisa como, também, o conjunto dessas, os encontros, discussões de fundamentação teórica, diálogos e interações ocorridas entre todos os elementos do ambiente. Porém, a textura e tessitura da investigação ocorrem quando há um contato longo e necessário, para que, os elementos possam de fato ser analisados e investigados (ANDRÉ & LÜDKE, 1986) e, também, possibilitem “uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar” criando, assim, um novo conhecimento, como elucida Cruz Neto (1994, p. 51).

2.3. Sobre registros

Como, então, registrar?

Para que os dados fossem coletados de maneira adequada à pesquisa, utilizei de um instrumento, o diário de campo.

Caderno simples, com anotações complexas, de pensamentos, memórias, momentos presentes e passados, expectativas, olhares e vozes múltiplas que, juntos, iam formando um enredo para minha pesquisa, por serem, segundo Pelissari (1998, p. 01):

um recurso metodológico individual e pessoal, que no conhecimento e/ou reconhecimento, de uma situação específica, ou contexto, retrata o que se olha, como se olha e o que faz (ou poderá fazer) com o que está olhando.

Na pesquisa qualitativa é imprescindível que os dados coletados, contidos nos diários de campo, sejam descritivos.

O uso de procedimentos etnográficos, como a coleta e descrição dos dados, permite, ao pesquisador, encontrar-se na pesquisa e, também, organizar os elementos apreendidos na observação, uma vez que:

A escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. É nesse sentido que o registro amplia a memória e historiciza o processo, em seus momentos e movimentos, na conquista do produto de um grupo (WEFFORT, 1996, p.41).

Ao fazer uso de registros etnográficos, que guardam, através de palavras, um acontecimento e seus detalhes, o investigador mergulha novamente no fato ocorrido, que permanece em sua mente como algo presente, através de lembranças, questionamentos, momentos e, principalmente, experiências. É a escrita que transforma o olhar em enxergar na pesquisa. É através da escrita que se consegue dar forma ao conteúdo apreendido. Transformar sons e imagens em palavras. O poder da palavra, ou melhor, da escrita é infinito.

Pelissari (1998, p. 02) complementa:

É aí que entra a qualidade ímpar do ato de narrar: quem escreve um diário de campo, precisa se pensar como sendo alguém que está dando um depoimento, contando uma história que está sendo vivenciada [...].

Descrever os fatos é como montar um quebra cabeças, quanto mais tempo você vivencia o ambiente, os sujeitos e as interações entre eles mais claros se tornam. Ler e reler os registros é fazer um jogo de encaixe, transformando fragmentos num todo. De um pedaço de nuvem numa paisagem completa.

Nos registros¹¹ “as diversas vozes que constituem os discursos [...] dos sujeitos estarão sempre presentes, relacionando-se e criando novas vozes”. (WIELEWICHI, 2001, p. 27). Vozes essas que ganham vida com a leitura, interpretação e reflexão dos registros.

Escrever, registrar e, posteriormente, narrar os fatos, dão vida aos acontecimentos. É como contar uma história, os detalhes revivem a memória de quem presenciou e ativam a imaginação de quem mergulha neste universo, através da leitura.

Os registros não serviram somente para minha pesquisa, mas, também, para todos os sujeitos que integraram o grupo, como fonte de referências, descobertas e reflexões tanto de atividades por eles desenvolvidas quanto do papel deles na pesquisa.

2.4. Sobre colaboração

Para tanto, é também necessário que se estabeleça uma atividade colaborativa, entre os pesquisadores da Universidade e os professores para que, desta forma, sintam-se capazes de desenvolverem “capacidades para transformar reflexivamente e discursivamente sua própria prática”, sendo elas transformadoras das práticas, como aponta Elliot (1998, p.142).

Neste tipo de relação, a colaborativa, os professores universitários e professores¹² de Educação Básica trabalham em conjunto, onde os acadêmicos (coordenadores e tutores) tornam-se fontes de consulta, apoio e suporte para os professores desenvolverem suas atividades reflexivas e prático-pedagógicas, ganhando maior autonomia como integrantes da pesquisa, levando em consideração seus interesses, necessidades, preceitos e diferentes linguagens (MONTEIRO, 2001).

Com a pesquisa colaborativa o envolvimento dos sujeitos se dá em diferentes esferas, conduzindo a pesquisa para trocas constantes de experiências, formando uma comunidade de aprendizagem.

Encontrei nas escritas de Dario Fiorentini, uma passagem que explica, de forma precisa, as relações estabelecidas dentro de um contexto colaborativo de pesquisa:

¹¹ Para facilitar a leitura coloco que os registros não se apresentam completos no corpo deste trabalho e que a versão integral encontra-se em seu anexo. É importante colocar que os trechos selecionados podem encontrar-se com rupturas, para melhor elucidação e, quando assim ocorrido, os fragmentos foram separados com o uso de três pontos, entre um trecho e outro. O uso de [...], em qualquer parte do texto, sugere a interrupção da escrita e, conseqüentemente, a junção de um trecho ao outro.

¹² Tardif (2002, p. 123), coloca a importância desta relação ao elucidar que uma pesquisa deve se focar: [...] não sobre o ensino e sobre os professores, mas para o ensino e com os professores. Noutras palavras, se a pesquisa universitária vê nos professores sujeitos do conhecimento ela deve levar em consideração seus interesses, seus pontos de vista, suas necessidades e suas linguagens, e assumir isso através de discursos e práticas acessíveis, úteis e significativas para os práticos.

Na *colaboração*, todos trabalham conjuntamente (co-laboram) e se apóiam mutuamente, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo do grupo. Na *colaboração*, as relações, portanto, tendem a ser não-hierárquicas, havendo liderança compartilhada e co-responsabilidade pela condução das ações (2004, p. 50).

Neste aspecto, os participantes da pesquisa buscam compartilhar os significados sobre as atividades realizadas a apreendendo outros, também compartilhados, inserindo-os em suas vidas e práticas profissionais (FIORENTINI, 2004). Este movimento é visto neste grupo de pesquisa, através dos enredos emergidos dos registros das atividades de ensino dos professores. Quando existe a possibilidade de [re]leitura de uma situação, diferentes aspectos que antes passariam despercebidos acabam destacando-se.

A possibilidade de enxergar por um outro ângulo qualquer situação vivenciada é enriquecedora e transformadora, pois sugere uma reflexão.

È através da reflexão, sobre suas práticas, que o professor poderá encontrar e desenvolver novos conhecimentos em seu caminho, enquanto prático.

Essa reflexão, por si mesma, torna-se *crítica e criativa*, pois:

Esses dois elementos constitutivos da cultura reflexiva são básicos, porque a crítica supõe a análise dos componentes da autocompreensão dos professores à luz de uma mais autônoma reflexão sobre a experiência. É criativa porque, ao tratar de resolver os dilemas presentes em sua autocompreensão, os professores desenvolvem novas formas de compreensão das relações entre os valores educativos e suas práticas. (PEREIRA, 1998, p. 175)

Os professores, durante a pesquisa, realizaram esse movimento ao (re)lerem as atividades registradas. A experiência, ali vivenciada, ganhava forma com a escrita e, sendo assim, as vozes e relações estabelecidas emergiam através daquele conjunto de situações relatadas. Refletir, assim, foi um movimento possível, pois os professores detinham um instrumento facilitador, o registro.

Neste contexto, Elliott (1998, p.142), coloca em claras palavras os resultados que podem ser alcançados através de uma pesquisa colaborativa, ao escrever que:

A tarefa do pesquisador acadêmico seria a de estabelecer uma forma de pesquisa colaborativa que fosse transformadora da prática curricular e que, no processo, favorecesse uma forma particular de desenvolvimento do professor, sobretudo o desenvolvimento de capacidades para transformar reflexivamente e discursivamente sua própria prática [...].

Enquanto produtores de saberes e práticas, o papel do professores torna-se fundamental para que essas trocas enriquecedoras aconteçam de forma constante e que, uma mudança das visões de ensino ganhe forma, tanto para eles quanto para os pesquisadores.

Ao realizarem o trabalho cotidiano com os alunos, os professores tornam-se mediadores dos saberes escolares, além de seus próprios, uma vez que trazem consigo uma história de vida, experiências pessoais e profissionais¹³, que funcionam como organizadores de suas práticas (TARDIF, 2002).

Esses saberes tornam-se práticas quando passam para o ambiente da sala de aula ou um outro, transpondo a mente do professor, com suas expectativas, idéias e ideais, objetivos e, principalmente, vontade de que, daquela forma como foi pensada, a construção do conhecimento juntamente com os alunos, gere os resultados imaginados.

Contudo, esse movimento entre o pensar e o fazer¹⁴ carrega a história de vida do professor, porque não há existência dissociada entre o pessoal e o profissional.

Acompanhar as atividades dos professores, tanto em sala de aula, quanto na pesquisa, abriu caminhos para que pudesse delinear a forma de trabalho do professor e como este se insere por meio dos diferentes contextos analisados (prática em sala de aula e integrante de um grupo de pesquisa).

Sobre a importância da atividade prática docente e dos pontos de vista, profissionais e pessoais do sujeito professor, para mudança em suas práticas, Tardif (2001, p. 118) expõe que:

em toda atividade profissional, é imprescindível levar em consideração os pontos de vista dos práticos, pois são eles realmente os pólos ativos de seu próprio trabalho, e é a partir e através de suas próprias experiências, tanto pessoais quanto profissionais, que eles constroem seus saberes, assimilam novos conhecimentos e competências e desenvolvem novas práticas e estratégias de ação.

Para descobrirmos como esses fatores acontecem no cotidiano¹⁵ do professor, através de sua prática docente e dos saberes que são engessados e ela e, com sua participação no

¹³ Sobre os saberes profissionais ou da experiência docente, Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 228) explicam que: Eles formam um conjunto de representações a partir das quais o(a)s professor(a)s interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões.

¹⁴ Pensar e fazer ganha, neste momento, também, um sentido de refletir. Reflexões acerca de sua prática foram possíveis através dos registros de aulas. O professor, então, possuía em mãos um relato de sua aula e de suas atividades para ler e reler e, assim, observar outra visão sobre o desenvolvimento das atividades.

¹⁵ O cotidiano escolar ganha forma, neste momento, pelas palavras de Nilda Alves que, além de não negar o cotidiano escolar como “*espaço/tempo* de saber e criação” vai “reafirmá-lo como sendo de prazer, inteligência,

projeto de pesquisa, devemos analisar, a princípio como este professor permeia seus caminhos de conhecimento, através de suas práticas, métodos, saberes, perspectivas e experiências profissionais e/ou pessoais.

Há, para se conhecer, diversos artifícios utilizáveis, porém, nenhum deles permite uma interação maior do que a entrevista. Quando feita de maneira receptiva, de ambas as partes, argumentador e expoente, ela flui, como riacho tranquilo, em palavras, revelações e narrativas de experiências.

Entrevistar permite a emersão de signos escondidos na vida de quem dá seu depoimento, conta sua história ou, também, responde a questões específicas embasadas nas necessidades da pesquisa.

Signos, neste caso, são as estruturas de composição da trama da vida do entrevistado. Para aprendermos, é necessário o descerramento destes signos. Sobre isto, Deleuze (2003, p. 04), coloca:

Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. [...] Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos [...]

Pesquisar é aprender.

Quando me inseri em um mundo, universo, contexto, procurei desvendar, analisar, perceber como, quando e por que de ser como é, de estar como está e de tudo acontecer da maneira como nele acontece.

Entrevistar as professoras Deise, Giovana e Luciana permitiu que adentrasse em seus universos de experiências. Palavras que, juntas, formam um único e singular relato.

Para que isto fosse concretizado, é de fundamental importância que o pesquisador colocasse as regras, os hábitos e a forma como ocorreu a entrevista, atento aos detalhes da singularidade da história ali narrada. (BOURDIEU, 2003)

Contudo, é de suma importância colocar que, enquanto participantes do mesmo grupo de pesquisa, entrevistador e entrevistadas ou, também, pelo fato de sermos professores, no caso da professora Luciana, os universos conhecidos, experiências, embora diferentes, convergem para uma aproximação social, o que assegurou uma comunicação livre de entraves.

imaginação, memória e solidariedade, precisando ser entendido, também e sobretudo, como *espaço/tempo* de grande diversidade” (2002, p. 16 e 17).

Isto se torna possível, também, pelos chamados “sinais verbais¹⁶” (BOURDIEU, 2003, p.697), gestos e expressões, lançados pelo entrevistador, como forma de aproximação.

Estes sinais não conseguem, infelizmente, ser totalmente descritos na transcrição das entrevistas.

Ao relê-las, para descrever as professoras e suas experiências práticas e de vida, percebo que não houve entraves nas questões que eu realizei. Eram questões claras com o objetivo de ajudar na pesquisa, que serviram como rota para os caminhos da entrevista e, também, como modo de saber, de antemão, o que era desejado conhecer.

Este caminho possibilitou que as entrevistadas vissem sentido nas interrogações que lhe eram feitas, na maioria das questões, favorecendo o correr da entrevista.

Como narrado acima, uma familiaridade foi alcançada, de tal forma que, as perguntas, como escreve Bourdieu (2003, p. 698):

não têm nenhuma razão de parecerem ameaçadoras ou agressivas porque seu interlocutor sabe perfeitamente que eles compartilham o essencial do que elas o levarão a dizer e, ao mesmo tempo, os riscos aos quais ele se expõe ao declarar-se.

Desta maneira, pude me colocar, enquanto pesquisador, em partes, no lugar dos entrevistados, por ser permitido essa familiaridade com seu papel de integrante da pesquisa e, também, professor, já que hoje me encontro atuante na prática docente.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Transcrever é um ato único de escrever, reescrevendo frases, do oral para o textual, cabendo trazer infidelidades na escrita, por conta deste processo. (BOURDIEU, 2003)

Uma transcrição, por mais fiel que possa ser não capta todo o contexto da entrevista, nem os gestos e o modo como foi dito, que mesmo ao abrangente português, não cabe dar conta. Segundo Bourdieu (2003, p. 710), durante a entrevista “existem as demoras, as repetições, as frases interrompidas e prolongadas por gestos, olhares, suspiros ou exclamações [...] que a transcrição desfaz”.

A entrevista, aliada aos registros de aulas¹⁷, possibilitou que conhecesse uma parte, dado que o absoluto do conhecer é tarefa árdua e, de certa forma, impossível, visto que é recortado da realidade aquilo que se procura, de fato, compreender.

¹⁶ Bourdieu coloca como exemplos destes sinais: [...] os “sim”, “ah bom”, “certo”, “oh!” e também os acenos de cabeça aprovadores, os olhares, sorrisos [...], sinais corporais ou verbais de aceitação, de interesse, de aprovação, de incentivo [...] (2003, p. 697)

¹⁷ Os registros das aulas observadas das professoras que utilizei nesta pesquisa encontram-se no anexo deste trabalho.

E o que, de fato, procura-se compreender na pesquisa?

As professoras, oriundas de trajetórias de vida e profissionais distintas, convivendo, diariamente, com universos escolares também distintos, tendo em comum a participação em um grupo de pesquisa, caminham por diferentes rumos.

Estes rumos, no caso a forma como conseguiriam desenvolver as atividades de ensino com suas turmas, envolvendo todo o processo presente na pesquisa, possibilitaram o desvendamento, por parte do pesquisador, de seus saberes e práticas docentes através de uma análise.

Tão somente isto?

Não.

Questões advindas destas análises surgiram.

Em breve serão, neste trabalho, colocadas.

Como então analisar?

2.5. Sobre saberes e práticas

Realizar uma interpretação é um dos caminhos que podemos utilizar para tecer fios que, juntos, formarão uma trama que resultará em uma análise.

Para tanto, são necessários dados e, os coletados ao longo do desenvolver desta pesquisa, são os focos principais da análise a que esta se propõe.

Uma interpretação sugere um olhar que, no caso, é o do observador ou pesquisador, uma vez que é ele quem está presente no momento da realização do algo a ser observado, é ele quem vive e sente as emoções de estar ali sentado olhando e, também, adquirindo conhecimento.

Esse conhecimento não vem somente de livros ou outras fontes de informação, ele vem do próprio ambiente, da vivência, da experiência cotidiana.

Sobre este caminho, encontrei através de Alves (1998c, p. 2 *apud* FERRAÇO, 2002, p.94) as seguintes palavras:

Querer saber mais [...] exige do pesquisador a isto dedicado que se ponha a sentir o mundo e não só a olhá-lo, soberbamente, do alto. [...] Nós também estamos vivendo e produzindo conhecimento no cotidiano. [...] Buscar

compreender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que estejamos dispostos a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade [...].

Os dados a serem analisados na pesquisa são as aulas observadas e registradas em diário de campo, das professoras, além de entrevistas e observação destas no contexto das pesquisas.

Para a realização desta análise das aulas observadas e, também, da prática das professoras, além de todo o contexto presente no universo escolar é de fundamental importância o uso de todos os instrumentos de registro, incluí-se aí o próprio observador como tal, pois é através dele que todos os outros são possíveis de serem realizados.

Utilizei, para tanto, todo o referencial teórico apreendido, salientando em especial o livro da pesquisadora educacional Verónica Edwards, *Os Sujeitos no Universo da Escola*.

Desta forma pude estruturar caminhos que indicassem a maneira como as professoras lidaram com seus universos escolares. Entretanto, é de fundamental importância colocar, neste momento que, mesmo tendo tal autora como modelo, as análises dos saberes e práticas docentes tornaram-se mais complexas. Esta complexidade foi emergindo, aos poucos, da forma como as enxerguei. Mundos diferentes, sujeitos diferentes e com uma questão em comum advinda das análises.

Qual a questão?

De que forma, estas professoras, em seus diferentes universos e experiências conseguiram construir/constituir o conhecimento sobre o ensino do lugar com seus alunos?

Questão que carrega outras questões. Caminhos.

Não é momento, por enquanto, de discorrermos sobre ela.

Voltemos a atenção para as análises.

Vale ressaltar, neste momento, que me restringirei às análises das práticas docentes dentro dos Universos Escolares, singulares. A participação na pesquisa e as relações desencadeadas através dela, refletem-se de forma direta na prática do professor. Contudo, algumas observações serão alcançadas com a interpretação das entrevistas, que possuem um

foco mais centrado e específico em determinadas questões, bem como dos registros das atividades que envolvem diretamente os encontros da pesquisa.

Não há necessidade de seguir em detalhes as concepções de Edwards, uma vez que o objetivo desta pesquisa difere daquela realizada por ela, aliando-se a isso a junção de idéias e conceitos vindos de outros autores, além, é claro, de minhas idéias, enquanto pesquisador, que conheceu e vivenciou as diferentes realidades aqui investigadas.

Mas cabe, já que é destacada como peça fundamental para análise dos dados dessa pesquisa, realizar uma exposição das principais idéias da obra citada.

Para assim iniciar o caminhar por entre os elementos principais que dão origem ao universo observado daremos atenção aos Sujeitos e aos Conhecimentos.

Caminhar, estudar, pesquisar e inserir-se no universo escolar possibilita a leitura de um mundo carregado de lições, descobertas e experiências que ao serem analisadas tornam-se conhecimento e, a partir dele, novas lições, descobertas e experiências podem acontecer.

Edwards realiza exatamente isso. Percorre esse rico universo que é o escolar e dele extrai conhecimento através de observações e constatações, experiências, descobertas e, principalmente, da análise de fatos advindos de seu olhar. Olhos que carregavam a ânsia de respostas para suas inquietações que, de certa forma, mudam e buscam a mudança do que já é conhecido.

Para tanto, na busca por respostas, a autora afirma que “foram necessárias mudanças e fraturas teóricas e descentramentos pessoais para abrir o campo da interrogação”. (EDWARDS, 1997, p.11).

Em sua busca por respostas encontra *Sujeitos e Conhecimentos*, e é entre eles que ela vai caminhar e prosseguir até que sua busca tenha um findar que domine suas inquietações e que um novo horizonte possa se abrir, com novas experiências que, além de servirem para responder inquietações pessoais da autora, auxiliem também, outros pesquisadores, como nós, na busca por suas próprias respostas.

Faz-se necessário elucidar que ela apesar de construir a categoria “Sujeito” em sua pesquisa, realiza isto no “plano do ser”, ou seja, não olha os sujeitos como “deveriam ser” e, sim, como são. Buscando, para isto, em suas práticas e discursos os indícios desse ser distinto, como ele é, e não como deve ser.

A autora aponta que a visão sobre o *dado* (leia-se transmissão cultural na escola), foi o que mudou de imediato com o avanço da pesquisa. Pesquisa essa que foi baseada em observações e registros de aulas de diferentes disciplinas e professores realizados pela autora, na busca de indícios que respondessem a suas inquietudes.

Constrói, portanto, o dado como sendo algo não fixo ou estável diante do sujeito, mas sim, intrínseco com o sujeito, que irá estruturá-lo constantemente numa determinada situação social, como no caso, a estruturação das salas de aula, com suas respectivas turmas, e as relações que ali ocorrem.

Edwards (1997, p.12) coloca, depois de construir essa constatação, que “a relação entre os sujeitos e o conhecimento se transformou no eixo principal da análise”.

E quem ou o que são os *Sujeitos e Conhecimentos* que a autora expõe para os leitores de sua obra?

São os atores principais de uma peça que quando começou não possuía personagens. Apenas esboços de o que poderiam ser, como se a cortina do palco subisse e ali houvesse apenas os atores, sem as características dos personagens. Apenas os princípios básicos, comuns a todos os seres humanos.

Pode-se dizer, com clareza, que os sujeitos principais que permeiam o universo escolar são alunos e professores, que na pesquisa realizada por Edwards foram sendo (re)construídos e delineados de acordo com a necessidade das buscas da autora.

O buscar sugere o caminhar, caminhar por entre os *Sujeitos e os Conhecimentos* foi o que se realizou. Um caminhar carregado de construções, que surgiam com o tempo, com o desenrolar da pesquisa.

O eixo principal de análise da autora, já elucidado, possibilitou que se construísse primeiramente os Sujeitos, oferecendo o acesso a realidade escolar, através da articulação das perspectivas das visões dos alunos e professores, como sujeitos sociais.

Contudo, fez-se necessário para essa construção o embasamento em conceituações de sujeitos, com as quais a autora pode interpretar a realidade escolar.

Considerou-se, então, o *Sujeito Cotidiano* e o *Sujeito Social*, sendo que o primeiro se constitui nas atividades que compõem o mundo ao qual pertence e vive o sujeito, dentro de seu espaço imediato e, também, através das relações com esse cotidiano que irão permitir a percepção das realidades não-imediatas a ele; o segundo é o sujeito que existe desde o momento em que nasce, uma vez que sempre está em relação com outros sujeitos e as significações sociais de seu mundo.

O sujeito contribui para a constituição de todas as suas condições imediatas de vida, levando-me a considerar que os sujeitos são heterogêneos entre si, possuindo uma identidade multifacética e incoerente, mesmo que pertençam ao mesmo grupo social, sendo tudo possível de demonstração, por exemplo, em uma situação em sala de aula.

Apesar de compartilharem uma mesma situação, um sujeito pode possuir uma realidade diferente de outros sujeitos dando significados diferentes a essa realidade, o que, também não significa que existam tantas realidades quanto diferentes sujeitos.

A interação constante que ocorre entre os alunos (sujeitos educativos), desenvolvida a partir deles mesmos através de uma comunicação emotiva e racional, verbal e não-verbal, possibilita a construção de conhecimentos e visões de mundo compartilhadas.

A autora expõe que “essa interação espontânea mostra também como o processo de conhecer das crianças se dá imbricado no emocional e no afetivo”. (EDWARDS, 1997, p.17), demonstrando que o aluno possui um papel de grande importância no processo de apropriação de conhecimentos.

Conhecimentos que, nesse caso, são escolares e que estão inseridos no contexto de múltiplas valorações que são expressas nas práticas cotidianas dos sujeitos, que são os alunos.

Cabe, contudo, ao outro sujeito escolar, o professor, o manejo de elementos estruturantes (espaço e tempo), para que seja possível à construção da situação escolar.

Essa situação é constituída de conhecimentos, por ela circulam, e que são transmitidos ou construídos. Fato importante que deve ser destacado é o de que os sujeitos, em suas práticas educativas, podem construir e reconstruir conhecimento, tornando-o interessante, uma vez que não é aquele contido nos programas de ensino e, sim, esse conhecimento em sua existência social que será descrito.

Para tanto, a autora, em sua pesquisa, delimitou três formas de conhecimento presentes no ensino e que, serviram, para fundamentar as análises posteriores das situações escolares observadas e registradas por ela.

A forma de *conhecimento tópico* surge mais simbolizada por meio de termos que de conceitos, sendo sua relevância colocada numa correta associação entre termos e lugar, realizada numa determinada seqüência objetivando do aluno a repetição dessa forma correta de associação.

Através de um conjunto de operações que possibilitam a obtenção de resultados dentro de um mesmo sistema de conhecimentos, torna-se possível a delimitação da forma de *conhecimento como operação*. A forma de conhecimento é aplicada dentro de uma lógica dedutiva, sendo objetivado do aluno sua correta aplicação.

O que a realidade é para um sujeito, ou seja, uma situação de significância, é torna o alicerce para construção da forma de *conhecimento situacional*. É objetivado do aluno que pense em um determinado recorte da realidade apresentada e que seja procurada sua posição ou ponto de vista em relação a ela.

Emergem, através das formas de conhecimento apresentadas acima, formas de relação com o conhecimento, sendo duas apontadas pela autora. A forma tópica e de operação geram uma relação de exterioridade do sujeito com o conhecimento, diferentemente da forma de conhecimento situacional, em que é possibilitado ao sujeito que se aproprie do conhecimento através do modo como ele o significa, criando uma relação de interioridade com o conhecimento.

O professor desenvolve um papel de elo entre os alunos e o conhecimento e, portanto, a compreensão de suas práticas e das formas como transmite e constrói os conhecimentos é de fundamental importância para a percepção da situação escolar.

Caminhar com olhos atentos, observando e registrando, para posteriormente analisar e refletir.

Um olhar, carregado de aprendizado e de experiências, todas absorvidas por ele, como o primeiro foco de tudo que posteriormente possa ser alcançado é o primeiro passo de um caminhar que leva a lugares desconhecidos e repletos de expectativas.

2.6. Sobre lugar(es)

Posto aqui que as análises das práticas e saberes docentes baseiam-se na obra acima explicitada me ateno a uma outra questão também já colocada anteriormente.

Peço licença, neste momento para reproduzi-la novamente:

De que forma, estas professoras, em seus diferentes universos e experiências conseguiram construir/constituir o conhecimento sobre o ensino do lugar com seus alunos?

Esta questão é o que pretendo compreender neste trabalho.

Diferentes professoras com diferentes caminhos trilhados, envolvidas em um grupo de pesquisa, realizando atividades de ensino voltadas para o ensino do Lugar, através de um instrumento didático (Atlas Municipais Escolares), atreladas ao cotidiano singular de cada uma são os sujeitos desta questão.

Os caminhos que por elas foram percorridos mostraram, como veremos em breve, como o Lugar foi construído/constituído dentro das atividades investigadas.

Lugares diferentes.

Porém, antes de chegarmos às análises torna-se necessário uma rápida pincelada sobre a questão do ensino do Lugar em Geografia.

Com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o *lugar* passa a ser uma categoria de estudo do currículo de Geografia, sendo um eixo temático do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental (5ª e 6ª séries).

Aparece desta forma para dar aprofundamento ao estudo do espaço local de uma maneira que permita o significado das atuais relações existentes deste com outros lugares e o espaço mundial, envolvendo, para tanto, reflexões que problematizem questões advindas deste lugar¹⁸ (ALMEIDA, 2001a).

Sendo assim, para que possa existir um entendimento do lugar, é necessário o conhecimento de sua geografia, história, bem como das relações que ali se estabelecem.

Os Atlas Municipais Escolares aparecem, neste momento, como um instrumento que possibilita o estudo do(s) lugar(es), uma vez que abarcam vários ângulos (lugares) de um espaço local, que é o município e suas singularidades.

Enquanto alicerce para a vida, o espaço local é aquele possível de vivência, sentido, tomado pelo corpo, uma vez que a “produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida”, como colocado por Carlos (1996, p. 29).

O lugar, neste sentido:

[...] é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local (CARLOS, 1996, p. 20).

Parte da realidade o conhecimento, é ela que dá o norte para a construção de conceitos e situações problematizadoras que serão a fonte para a construção desse conhecimento sendo que, as relações que os professores estabelecem com ele podem, ou não, resultar em uma resignificação do lugar para os alunos.

Será este o lugar que aparece nas observações das aulas das professoras?

Como foi emergindo, das práticas, o lugar que foi se constituindo/construindo para os alunos?

Fatores, singularidades, caminhos, escolhas, relações, histórias, vivências acercam estas questões.

Duas professoras. Uma pesquisa. Dois universos distintos. *Aqui e Ali*.

Uma professora. Uma outra pesquisa e um outro universo. *Acolá*.

¹⁸ Como complementação, Carlos (1996, p.30) elucida: [...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos. Isto porque a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis sem com isso eliminar-se as particularidades do lugar.

3. Capítulo II

SEGUNDO TRECHO - CAMINHANDO POR AQUI...

Entre os lugares percorridos nesta pesquisa, o *Aqui* se tornou referência para o lugar próximo – a mim – no qual estava e ainda permaneço inserido. O município de Rio Claro foi o palco das relações que se estabeleceram não somente com o grupo de pesquisa e a Universidade, mas, também, com a professora Giovana, seus alunos e escola. Dizer a palavra *Aqui* é, para mim, dizer neste lugar. Não havia necessidade de grandes deslocamentos. Lembro-me ainda que, nos dias de observação das aulas desta professora pensava como era agradável estar perto.

Contudo, o perto não simbolizou aproximação e identificação, não somente de minha parte como também das relações estabelecidas dentro do universo escolar investigado. Mesmo o lugar estudado sendo próximo, não fulgurou com destaque nas práticas desta professora. Talvez, por ser próximo a mim, investigador, mas não da professora, oriunda de outra localidade e, também, de seus alunos, por razões que se apresentam a seguir.

3.1. A professora Giovana

Começo a descrição da professora Giovana, por ser a visão permanente que ela me transmitiu, com as palavras de Paulo Freire (1997, p. 115 e 116):

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar.

Uma professora que gostava de sua profissão e, principalmente de seus alunos. Esta era a impressão inicial que se tinha daquela professora que tinha 24 anos, delicada, paciente, atenciosa e, acima de tudo, determinada, que sempre procurava o melhor para seus alunos.

Esse zelo aparecia ao rememorar as aulas de uma professora dos tempos do primário, que se tornou marcante: “[...] pelo respeito que tinha com os alunos, a preocupação... Ela pensava nas características de cada criança para estar sempre incentivando”. Giovana, também, deixa transparecer esta característica marcante ao relatar sobre a professora com a qual teve menos afinidade durante os anos iniciais de sua escolarização: “era mais agressiva, falava mais alto, xingava os alunos, nunca me xingou, mas xingava os outros alunos e comecei a chorar por angústia”.

Esta preocupação, de estar sempre atenta às necessidades dos colegas e, no contexto profissional, de seus alunos, pôde ser observada através dos relatos de suas atividades, por mim observadas durante o ano de 2003.

Quanto aos alunos, eram oriundos de um bairro extremamente carente e, conseqüentemente, apresentavam necessidades especiais, que eram uma preocupação constante da professora. A turma daquele ano, aparentemente, era mais fácil de lidar do que a do ano anterior, já que Giovana, referindo-se a sua antiga turma, disse: “[...] a relação com estes alunos não é tão boa”.

A terceira série “A”, turma que acompanhamos, apresentava diversos problemas, porém isso não impediu que a professora pudesse efetuar seu trabalho. Ao reler os registros de suas atividades percebi que a professora conseguia, mesmo com adversidades, expor as atividades.

A preocupação com os alunos, também era vista, quando Giovana lançava mão dos argumentos que determinavam as características dos professores que menos gostou durante sua trajetória escolar, pois como lembrou:

“[...] ela comparava os alunos nas avaliações e não gosto de professores que fazem comparações entre os alunos; acho que cada um tem seu ritmo, sua maneira de ser [...] Já o professor Nilton não tinha uma postura como professor, fazia brincadeiras com umas alunas [...] dava tudo muito escrito e pedia para decorar”.

Esses argumentos permitiram observar que a professora não apreciava trabalhar, em classe, com modos tradicionais de ensino, tendo em vista que, além de se mostrar contrária, em poucos momentos foram observados em sua postura em sala de aula.

Também pude perceber isto quando a professora apontou as diferenças entre a escola de ontem e hoje, pois a escola de ontem, na opinião desta: “era muito conteudista e nesse sentido trabalhava-se pouco com o pensar, o agir, o criar [...]”.

Outra passagem interessante de sua entrevista é o momento em que ela explica quais as atitudes da professora que mais gostou durante seu curso de Magistério, onde descreve que relembra:

“Da professora Nena, só que ela trabalhou pouco, era de Psicologia e Didática e uma das coisas que ela colocou, como mais importante, era a ética que deveríamos ter como profissional, eu achei muito importante. Ter critérios para observar e analisar uma aula e as críticas não podem ser sem fundamentação e o estágio, mesmo de observação, seria o momento de ver a postura de um professor que refletiríamos sobre como seríamos. Ela falou que a Didática ia mostrar caminhos para se dar uma aula, e não, estratégias específicas, e isso foi muito bom”.

Desta forma, fica claro que Giovana é apegada de maneira criteriosa à ética profissional e a postura de um professor dentro da sala de aula. Contudo, é extremamente difícil abarcar todas as situações que acontecem durante uma aula. São múltiplas interações humanas ocorrendo em um espaço.

A preocupação com o desenvolvimento de senso crítico nos alunos aparece quando ela descreve a escola do passado como sendo “muito autoritária, os alunos não podiam contestar. A direção sempre tinha razão”.

Para demonstrar, mais uma vez, seu sempre presente preocupar-se com os alunos, Giovana, caso detivesse o poder de intervir na escola, gostaria de diminuir o número de alunos nas salas, para o professor poder dispensar maior atenção a cada um e, buscaria um apoio que pudesse estar reaproximando alunos e familiares.

Aliás, sua relação com estes era agradável, segundo ela, apesar de não conhecer todos os responsáveis pelos alunos, pois eles, na maioria dos casos trabalhavam e não podiam

comparecer na escola para as reuniões. A professora relatou que gostaria que os pais comparecessem mais na escola e que dessem uma maior atenção a seus filhos. Sobre este assunto, vejo razão em suas palavras, em que a importância da presença dos pais na formação do aluno é tida como de extrema importância.

A relação de Giovana com sua prática docente, em muitos momentos, me remontou ao papel do professor, ou mais especificamente, da professora como dotada de um dom especial para lecionar, por sua preocupação constante com o bem estar dos seus alunos e com a igualdade de tratamento que procurava dar a todos. Desta forma, são “características “intrínsecas” à mulher – instinto maternal, docilidade, [...]” como apontam Nacarato, Varani e Carvalho (1998, p. 77).

Ela era aluna do último ano do curso de Geografia, nesta Universidade e, conseqüentemente, colega de algumas disciplinas, pois fazíamos cursos em horários diferentes. Nossa relação sempre foi informal, agradável e descontraída, desde antes de me tornar responsável pela observação e registro de suas atividades.

Com aproximadamente quatro anos de experiência no ensino, Giovana só havia trabalhado uma vez fora desta área, quando foi vendedora de uma loja. Formada em magistério, lecionava na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Prof. Luiz Martins Rodrigues Filhos” desde o ano 2000, sendo aprovada, para tanto, em concurso público da Prefeitura Municipal de Rio Claro.

Escolheu Geografia, como opção de graduação, pois achava que assim conseguiria conhecer assuntos relacionados ao mundo e entender mais sobre política e economia, já que o curso de Pedagogia, também uma opção válida, não se mostrou interessante, pois, segundo ela, acabaria sendo “um magistério-graduação [...], que ia ficar muito restrito à sala de aula”.

Procurava sempre participar de cursos, indo a bibliotecas, conversando e discutindo idéias com profissionais de sua área, para poder se aperfeiçoar em relação à sua formação continuada.

Giovana ainda estava no início de sua vida profissional e, talvez por este motivo, alegava não ter mudado seu método de avaliação, utilizava provas somente como forma de registro, proposta aos alunos como atividade; era sua opinião:

“Não avalio por comportamento, porque senão seriam todos reprovados [...] se o aluno não se sai bem, mas sei que ele vai bem em outras situações, eu levo em consideração. Avalio toda a participação do aluno”.

Quanto aos seus registros, importantes em seu cotidiano escolar e também para a pesquisa, Giovana contava que sempre os fazia em suas aulas, usando um diário onde, posteriormente, as aulas eram registradas. Tarefa que desempenhou, também, no grupo de pesquisa com os *diários de aula* (ZABALZA, 1994).

Comentou que sempre fez uma análise, à posteriori, de suas atividades.

Ficou claro com as palavras da professora que sua preocupação com o ensino permeia um caminho social ao discorrer sobre os problemas da escola atual, com as palavras:

“A sociedade, os valores se modificaram no sentido de que o aluno tem mais acesso às informações e mais capacidade de contestar. A estrutura da família era mais rígida e hoje não mais, mas isto se deve ao descaso dos governantes, porque se antes existia a preocupação de o filho estar na escola, hoje a preocupação está em ganhar a bolsa escola. A minha realidade é que muitas crianças vão para comer, não que antes não fossem, mas hoje está pior”.

Da mesma maneira, este fato aparece ao dizer sobre o que poderia ser mudado para que alguns desses problemas fossem, em partes, resolvidos:

“Com relação aos alunos, na minha realidade, acredito que seja necessário um trabalho voltado para as famílias para dar mais atenção aos filhos, e até mesmo uma reestruturação econômica, mas acredito que nem todas escolas são assim, para ter mais qualidade de uma maneira geral, a escola deveria ter uma revalorização para a sociedade”.

Estas constatações encontram caminho de entendimento se forem consideradas, sobretudo, as atuais condições do ensino público. Não cabe aqui uma discussão acerca deste assunto, contudo vale expor que:

As relações no âmbito escolar se tornaram muito mais conflituosas e não foram criados por todos os segmentos envolvidos com a educação, novos modelos mais justos de convivência e disciplina [...]. Do(a) professor(a) tem sido exigida a responsabilidade de ser um alquimista – transformar metais comuns (ambiente inadequado, classes numerosas e estudantes desinteressados) em ouro (motivação para aprender, prazer diante do conhecimento, construção da cidadania, estudantes com espírito investigativo e criativo) (NACARATO, VARANI E CARVALHO, 1998, p 83).

Obviamente que nem todo o exposto acima cabe no universo da professora Giovana, mas é importante que se perceba que, de certa forma, esses problemas permeiam a maioria dos caminhos do ensino nos dias atuais. São problemas que tocam a professora, causando-lhe

preocupação pelo fato de alguns deles estarem inseridos na realidade diária de seu trabalho, segundo ela.

Desta maneira, a professora diz que caso tivesse o poder de mudar a escola:

“gostaria de diminuir o número de alunos nas salas de aula para o professor poder dar mais atenção para cada aluno. Ter uma orientadora educacional para poder fazer um trabalho com os alunos e com os familiares ao mesmo tempo, no sentido de reaproximá-los. Mudar a estrutura da escola para deixar com a cara dos alunos, pintar paredes, etc.”

Giovana é, aos meus olhos, uma professora com engajamento e comprometimento social.

3.2. A escola



Fig. 1. Imagem da EMEF “Prof. Luiz Martins Rodrigues Filho” (Foto do Autor, 2003).

A escola - inserida no meio de um bairro periférico, extremamente carente, desligado da malha urbana da cidade por uma rodovia e que apresenta altos índices de violência - poderia ser desestruturada e alheia a esses problemas, cumprindo unicamente o papel de instruir. Mas não era.

A EMEF “Prof. Luiz Martins Rodrigues Filho” fazia uma diferença no bairro Novo Jardim Wenzel, onde se localizava, numa área mais conhecida como Jardim Bom Sucesso.

Atendia alunos de baixa renda econômica, oriundos das mais diferentes estruturas familiares e residentes, primordialmente, naquela área do município de Rio Claro.

A escola foi fundada em julho de 1999 e construída para atender as necessidades do bairro onde, até então, as crianças tinham que ir para uma escola mais próxima, o que, devido acesso precário ao bairro, se tornava uma tarefa difícil.

Os alunos freqüentavam o Ensino Fundamental – Ciclo I (primeira a quarta séries), no período diurno e, à noite, alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), também naquele ciclo do Ensino Fundamental.

Era uma escola de pintura amarela bem clara, situada ao lado do posto de saúde do bairro, muito bem conservada e preservada, pois pude notar que somente alguns prédios possuíam acabamento como pintura, sendo que, dentro do bairro as residências dos moradores e demais edificações não tinham acabamento.

A escola estava cercada por uma tela galvanizada e se dividia em dois grandes blocos, interligados por um grande pátio coberto. No primeiro bloco, encontrava-se a parte administrativa da escola (secretária, sala de reuniões pedagógicas, cozinha, etc.), e, no segundo, estavam as salas de aula, muito bem limpas e cuidadas, com armários e trabalhos dos alunos fixados nas paredes. Aliás, a limpeza era um destaque nessa escola. O clima interno entre os funcionários era muito bom e, todos se mostraram satisfeitos em trabalhar ali, pois, segundo estes, trabalhar ali e lidar com estas crianças, se torna satisfatório na medida em que avanços, relativos ao pedagógico e disciplinar, tornavam-se possíveis de serem observados.

Este clima de envolvimento pode ser observado também na relação que a escola estabelecia com a comunidade, o que procurava estimular com projetos internos (palestras, projetos voluntários, peças de teatro), e externos (grupos de dança, etc.). A escola abordava a realidade dos alunos, trabalhando problemas cotidianos como violência, drogas, exclusão social, etc.

Eram servidas, para os alunos, diversas refeições ao dia, que estes pareciam apreciar demais, inclusive a merendeira disse-me que em determinados dias da semana era necessário aumentar o volume de comida preparada, geralmente em início de semana.

Por serem impostos diversos problemas a serem levados como desafios à melhora, com vontade por todos ali presentes e, também, se mostrar como alternativa de lazer para a comunidade do bairro, principalmente das crianças, a escola se mostrava como um fator diferencial dentro do contexto apresentado por este bairro, fazendo diferença na vida das crianças.



Fig. 2. Mapa do Setor Bom Sucesso do Atlas Municipal Escolar de Rio Claro que engloba o bairro e a escola referentes ao universo da professora Giovana (ALMEIDA, 2001, p. 76).

3.3. As práticas, o ensino do lugar e relações entre os sujeitos

O universo existente dentro de uma sala de aula é infinitamente rico de situações que, podem ou não, caminhar paralelamente a outros universos, afinal ele é composto fundamentalmente dos mesmos elementos básicos. Carteiras, janelas, uma lousa, alunos e o professor. Está formada a imagem de uma sala de aula, simples. Entretanto, apesar do universo de uma sala de aula possibilitar tal simplificação, sabe-se que os universos escolares são diferentes entre si, baseados, principalmente, no fato de serem formados por sujeitos.

Sujeitos são diferentes e, como nenhum ser humano é igual ao outro, nenhum sujeito, dentro do universo escolar pode ser idêntico ao outro, uma vez que, os fatores de formação individuais são tão importantes quanto os de formação coletiva, aliando-se a isso o contexto histórico e social no qual os sujeitos estão ou estiveram inseridos. (EDWARDS, 1997)

Este fator marca as práticas da professora Giovana. Enquanto professora de uma escola que se situava em um bairro, como já colocado, descontínuo da malha urbana contígua do município de Rio Claro, apresentava uma gama de problemas de infra-estrutura urbana.

O professor possui uma margem de poder na organização dos elementos estruturantes de uma situação escolar (o espaço e o tempo), afinal à ele é atribuída a função de observar o cumprimento do tempo, além de sua delimitação e a organização do espaço de sua sala de aula, bem como a estruturação de ambos. Ainda assim, na maioria das vezes, a organização

destes elementos é imposta externamente aos sujeitos do universo escolar (EDWARDS, 1997, p. 31).

Este exemplo encaixa-se, perfeitamente, no modo como a professora Giovana lidava com estes elementos pertencentes ao universo escolar no qual se encontrava inserida.

Através de trechos dos registros de suas atividades pode-se notar que ela organizava, de forma bastante diversificada, o espaço dentro de sua sala de aula, buscando uma compatibilidade entre ele e a forma com que iria desenvolver a atividade do dia.

Trechos de registros:

A professora Giovana, com os alunos na sala de aula, arruma as carteiras para melhor acomodá-los. (01/10/2003)

...

Chegamos na escola, mais precisamente, dentro da sala de aula da professora Giovana. Ela já havia iniciado a atividade, e nos cumprimenta rapidamente sem sair do seu lugar ao centro da sala. Os alunos me cumprimentam, sendo muito receptivos. A classe está dividida em duas partes, sendo dois grupos nas laterais da sala, com duas fileiras de alunos cada lado. Giovana está posicionada no centro da sala, entre os dois grandes grupos. (30/05/2003)

...

Os alunos estão organizados em grupos, espalhados pela sala. Ao entrarmos, Giovana nos cumprimenta com um aceno, mas não interrompe a conversa que está tendo com os alunos. Nos acomodamos no fundo da sala. (23/05/2003)

É possível observar nos trechos acima destacados como era realmente diversificado o modo de organização do espaço pela professora.

Notamos que a professora geralmente se encontrava no centro da sala de aula, independente da forma com que a organizava, sua posição é de uma personagem central neste universo¹⁹.

A professora, quando se coloca na posição central, de certa forma dificulta a interiorização do conhecimento pelos demais sujeitos, dando aos alunos um papel “secundário” no processo de construção do conhecimento, ao centralizar e “distribuir” as tarefas.

Pareceu-me que o tempo, para a professora, era algo de grande importância e preocupação. Não somente pelos fatores observáveis nos registros, mas também, por aqueles

¹⁹ Sobre isso, apontamos as palavras de Edwards (1997, p. 31): “A disposição física da sala de aula contém uma mensagem implícita sobre as valorações das relações professor-aluno, e portanto também da relação com o conhecimento”.

que ficaram na memória do observador, não somente através de atitudes que partiam dela, mas, também pela reação dos alunos a proximidade de determinados horários.

As atividades da professora Giovana ocorriam, de uma maneira geral, sempre nos mesmos dias da semana, às quartas-feiras ou às sextas-feiras, durante as primeiras aulas do dia. Contudo, o tempo se tornava fragmentado pela presença de aulas de Educação Física, o que, segundo ela, dificultava a posterior concentração dos alunos e comprometia o rendimento das atividades; e ainda pela presença de horários reservados à chamada “hora do leite” (que representava uma interrupção no andamento das atividades); pela fragmentação, do horário das aulas, em diferentes disciplinas.

Trechos de registros demonstram este fator:

Em determinado momento, com os alunos já impacientes para sair para a aula de Educação Física, conversando demais, Giovana recolhe os desenhos e encerra a atividade. (18/03/2003)

...

10:15 horas. Faltam cinco minutos para o intervalo e os alunos já começam a correr, para terminar a atividade a tempo.(23/05/2003)

Percebe-se, pelos trechos acima, como o tempo é delimitador das atividades ocorridas em sala de aula. Outro fato, passível de observação é a forma abrupta como a professora encerra suas atividades. Mais tarde discorrerei sobre isso.

Trecho de registro da aula do dia 30/05/2003:

Observo que na lousa, do lado esquerdo está escrito:

Geografia

Rio Claro, 30 de maio de 2003.

- Atividade usando a maquete

- Discussão sobre os trabalhos

Do lado direito, está escrito:

Agenda

-Educação Física

- Geografia

- Matemática

A inscrição, na lousa, das atividades programadas para o dia era uma constante nas atividades da professora, o que demonstra sua preocupação com a organização do tempo em suas aulas e, de certa forma, traz à luz um fato implícito que é a fragmentação e o trabalho isolado das diferentes disciplinas que lecionava para sua turma. Com o registro nota-se a formalização dessa fragmentação pela professora.

Podemos aliar a tal fato os caminhos que Giovana utilizou para desenvolver a temática escolhida como foco de trabalho para o ano letivo de 2003.

Ao observarmos a seqüência das atividades desenvolvidas ao longo do ano, notamos que, apesar da temática escolhida, a princípio tomar caminhos da História, em determinado momento, como deve acontecer no processo de construção do conhecimento, ela abria os caminhos para as disciplinas de Geografia e Ciências, pertencentes às temáticas contidas no Atlas Municipal de Rio Claro. Contudo, o que não ocorreu durante as atividades foi exatamente um processo de interdisciplinaridade.

Como vimos, existia uma preocupação da professora em dividir o tempo de suas aulas em disciplinas (pré-estabelecidas antes do início das aulas), o que acabava por tornar o tempo fixo e imutável, sendo determinado horário reservado apenas para essa ou aquela disciplina, não trazendo, para dentro da atividade, elementos de outras disciplinas ou um alargamento do tempo utilizado. Terminado o tempo encerrava-se a atividade.

Ao recorrer aos registros vejo que a participação de vários tutores diferentes em suas atividades formaliza a divisão em disciplinas, sendo cada tutor responsável por uma área do conhecimento. Como exemplos têm-se a tutora²⁰ Hélia na área de História, Sérgio na área de Geografia e Lígia na área de Ciências.

O fato de a professora cursar a graduação em Geografia, tornando-se especialista em uma disciplina, aparece como um sustentáculo auxiliar desta conclusão.

Entretanto, adiante esta situação modificou-se com a entrada de um elemento fundamental, em uma atividade desta professora, justamente mediada pela presença do professor tutor na sala de aula.

A relação entre a professora com os professores tutores não ocorreu de forma intensa, de modo colaborativo.

De uma maneira geral, as relações aconteciam apenas nos moldes da pesquisa, ou seja, uma relação de tutoria mesmo, sem a intervenção direta dos tutores nas aulas da professora e com o acompanhamento e auxílio das atividades, desde a preparação até sua execução.

Porém, para um melhor acompanhamento das atividades, os tutores conversavam com os alunos e os auxiliavam a realizarem as atividades em sala de aula, mas em nenhum

²⁰ Os tutores eram integrantes do projeto de pesquisa e, na maioria dos casos, elaboradores dos Atlas Municipais Escolares, em áreas de formação específicas trabalhados nesta pesquisa. Sendo assim, a participação deles em aulas que tratassem dos temas oriundos dos Atlas era intrínseca ao projeto. Desta forma, a presença deles é diversificada, atendendo a necessidade da professora de trabalhar as áreas do conhecimento que constavam no Atlas.

momento assumem o papel de sujeito professor por convite da professora. Não há, portanto, momentos de “autoridade partilhada” (SANTOS, 2007).

Trecho de registro da aula do dia 03/09/2003:

Outros dois alunos, sentados próximos à janela, colocam a fotografia contra a luminosidade e procuram, também, suas casas. Apontando com o dedo dizem: “A minha é para cá! A minha é para lá!”

Esses dois alunos também páram a professora para explicarem a ela onde estão localizadas determinadas coisas no bairro. Giovana os ajuda.

Logo depois a professora começa a distribuir os “mapas”. Trata-se de uma planta das ruas e avenidas do bairro. Os dois alunos, sentados próximos à janela, acabam chamando a tutora e mostram a ela suas constatações. A tutora faz várias perguntas aos alunos fazendo com que eles explorem melhor a fotografia.

Os alunos, nesse caso, solicitaram a colaboração da professora tutora Maria Sílvia, da área de Geografia, que acompanhava a atividade neste dia. Aproveitando-se deste fato fez outras perguntas aos alunos, ajudando-os no processo de construção do conhecimento sem que ela fizesse isto com o restante da turma, ficando restrita ao seu “posto” de observação.

Isso também ocorreu durante uma atividade tutorada pela professora Lígia, que solicita uma interrupção da atividade para poder expor algumas idéias e conceitos. Tal intervenção inaugura um feito inédito, até então, nas atividades da professora Giovana.

Trecho de registro da aula do dia 01/10/2003:

A tutora Lígia pergunta para a professora se pode abrir o Atlas e Giovana diz que sim. Em seguida a tutora pede que os Atlas sejam distribuídos aos alunos e abertos na página 55, cuja temática contida aborda o saneamento básico no município.

Estou sentado ao lado dos frascos com a água coletada pelos alunos no trabalho de campo e o cheiro que exala dos frascos é desagradável.

A tutora Lígia pede autorização à professora Giovana para conversar com a sala, que é aceita prontamente. Com isso, a tutora inicia uma conversa com os alunos perguntando o que eles observam na página.

O ato inédito ocorreu pelo fato de que, até então, a professora Giovana não havia utilizado o Atlas Municipal Escolar de Rio Claro em suas atividades.

Um questionamento deve ser colocado.

Por que a professora Giovana, participante a certo tempo da pesquisa envolvendo o Atlas, sabendo da importância de seu uso, não o havia utilizado ainda em suas atividades?

Os alunos, pela curiosidade, demonstraram não possuir nenhum contato anterior com os conteúdos trazidos nas páginas do material.

Trecho de registro da aula do dia 01/10/2003:

Observo que alunos de um grupo próximo folheiam as páginas do Atlas parando numa das páginas que contém mapas dos bairros do município.

...

Grande parte dos alunos folheia as páginas do Atlas e a professora Giovana pede que todos observem a página 55 e mostra, com o Atlas que segura em mãos, a página que deve estar aberta e que está sendo trabalhada, na frente da classe.

Os alunos mostraram interesse por observar, principalmente, as páginas que traziam alguma informação do bairro em que residiam, pois, são elas que traziam elementos do local e do cotidiano ao qual pertenciam. Giovana, durante as exposições da tutora Lúgia, se colocava no papel de auxiliar no processo de construção do conhecimento, ajudando, os alunos de sua turma.

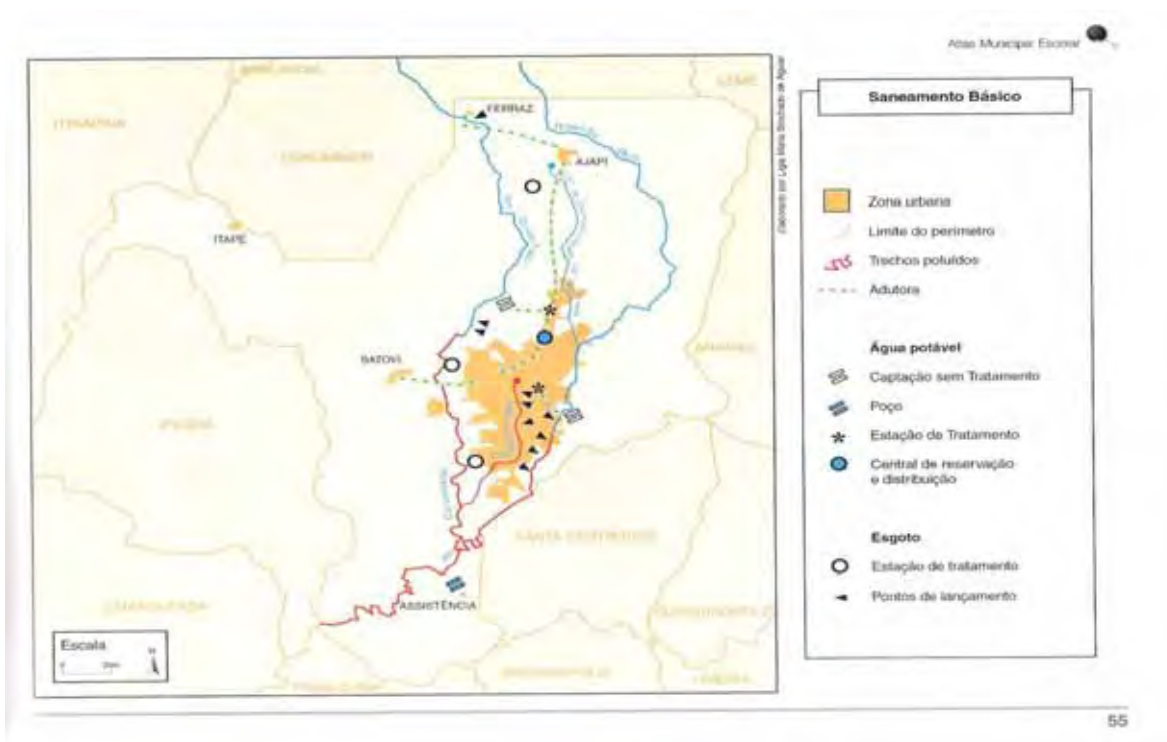


Fig. 3. Página do Atlas Municipal Escolar de Rio Claro utilizado na atividade referida no trecho de registro acima (ALMEIDA, 2001. p. 55).

O Atlas, em suas páginas, permite um mergulho neste lugar, seja ele o município ou bairro.

Contudo, ele não é universal e completo, nem é esta sua função. Certos elementos devem partir do universo escolar do professor e da maneira como este lida com suas práticas e sujeitos.

O Atlas é um instrumento para o ensino.

Durante atividades que envolveram diretamente o trabalho com o lugar, não observei a professora debatendo colocações de seus alunos ou, ainda, percebendo que estes eram os conhecedores/desbravadores do lugar, pela minha visão.

O uso de uma fotografia área do bairro trouxe para uma atividade da professora a aproximação de seus alunos com o lugar de vivência deles. O bairro e não o município.

Por razões já apresentadas, não há uma conexão forte estabelecida entre este bairro e a cidade. Um bairro periférico dificulta o estabelecimento de uma relação intrínseca de vivência cotidiana com a cidade pela dificuldade de acesso e pelas relações, neste caso, estabelecerem-se ali, no bairro.

Produz-se neste processo o estranhamento do cidadão diante da cidade que se transforma com incrível rapidez, eliminando as referências do lugar que diz respeito, diretamente, à sua vida e onde se reconhece enquanto habitante de um lugar determinado (CARLOS, 1996, p.63)

As palavras acima servem para percebemos as relações que podem ocorrer quando um problema desta natureza ocorre. Neste caso, entretanto, não houve uma eliminação completa de referências sobre o lugar, mas sim uma transferência destas para um lugar mais próximo e que trouxesse características de reconhecimento para as crianças.

Contudo, essas relações não são perfeitamente estruturadas. Não é possível, nos dias atuais, delimitar um lugar como algo que envolva história de sua formação espacial em paralelo com a história de vida da população (GONÇALVES, 2006). Não neste caso.

Trecho de registro da aula do dia 03/09/2003:

Quando vai entregar as bolachas dois alunos a detêm em suas carteiras, que estão juntas, para perguntar sobre a fotografia apontando para a professora o local onde seriam suas respectivas casas.

Outros dois alunos, sentados próximos a janela, colocam a fotografia contra a luminosidade dela e procuram, também suas casas. Apontando o dedo dizem: A minha é para cá! A minha é para lá!

A curiosidade das crianças em localizar suas casas e, com isso, buscar a identidade com o material é percebida nessas palavras.

Coloco mais um exemplo:

Quando saio também os alunos vêm me mostrar a fotografia e apontar a linha férrea e onde estariam localizados a escola e o posto de saúde já que na data da fotografia eles ainda não haviam sido construídos.
(Trecho de registro da aula do dia 03/09/2003)

Os alunos exploraram a fotografia de uma maneira interessante, conseguindo estabelecer relações de transformações espaciais. Conhecer o lugar da fotografia é de importância única, neste caso, para que fosse possível o encontro da percepção deles com a imagem.

É a memória resgatando o lugar (CARLOS, 1996). O conhecimento do tempo presente busca inserir o passado na vivência atual.

Para a professora, no entanto, esta atividade de conhecer o bairro teve um caráter mais técnico. Endossada pelo conhecimento geográfico e científico fez uso de uma planta do bairro já pronta e, através dela, pretendia que os alunos adquirissem uma percepção do bairro, como mostram os trechos do registro de aula realizado em 03/09/2003:

A professora pega em sua mesa uma planta mimeografada do bairro e segurando-a nas mãos mostra como os alunos deverão marcar as ruas e avenidas do bairro [...].

...

A professora diz para os alunos que para marcar o campinho no mapa deve-se olhar o local do campinho e onde está a rua três, pois é onde nos encontramos e marcar: R3, no mapa.

Marcar é a palavra que permeia esta atividade de ensino. A professora, fazendo uso de uma planta pronta, por ela realizada, pede que os alunos marquem os pontos do bairro que estão percorrendo. Entretanto, não houve uma percepção do lugar e, sim, a demarcação do “real” no papel. A percepção da professora não atentou para o fato de ser este o lugar de vivência cotidiana dos alunos. Era neste bairro onde as relações pessoais dos alunos aconteciam, onde buscavam a convivência, a interação, o estar junto de seus próximos. Mas, a professora, cursando a graduação em Geografia, preferiu ater-se ao técnico, ao mapa pronto.

Dando seqüência ao ensino sobre o lugar, nas atividades da professora, recorro ao trecho de registro da aula do dia 03/09/2003:

Durante todo o trajeto os alunos vão encontrando conhecidos nas ruas, além de suas casas. Sempre param para tomarem água ou conversar com alguém e todos parecem conhecer a casa uns dos outros.

Está demonstrado acima o lugar para os alunos. É o da casa do amigo, do primo, da vizinha. *Vivência*. O espaço, para eles, é demarcado não por números e letras, mas sim pelo *vivido*.

Obviamente é o mesmo lugar que Giovana tentou construir com eles. Contudo, não utilizou destes fatores que estavam evidentes, preferindo a planta do bairro e os pontos demarcados por nome de ruas.

Através das relações da professora com sua prática é possível perceber que não foi somente durante o desenvolvimento desta atividade relativa ao lugar que não se estabelece uma relação de (re)conhecimento dos alunos com o tema proposto como, também, é um caminho constante em suas práticas.

Ao dar seqüência nos trechos do registro de aulas desta professora pode-se observar o aparecimento de alguns fatores que, até então, não ocorriam.

Trechos do registro da aula do dia 01/10/2003:

Giovana indica, para os alunos, o Rio Corumbataí com o seu dedo e vai acompanhando, com ele, os contornos da representação do rio até o final do mapa e todos percebem que a nascente do rio não aparece no Atlas. Os alunos notam que a nascente do Ribeirão Claro, ao contrário, está no mapa. Os alunos dizem que os trechos em azul representam que o rio está limpo e Giovana pergunta o porquê de, de repente, o rio ficar vermelho e os alunos respondem que é porque o rio está sujo.

Giovana pergunta a sala se eles conseguem identificar, no desenho, dois triângulos pequenos e pede que observem com atenção a legenda para dizerem o que esses desenhos significam.

Os alunos dizem que significa lançamento e a professora pergunta do que seria esse lançamento, se de água ou outra coisa.

A aluna Grazi diz que o lançamento é de esgoto e seu colega Renan diz haver mais pontos de lançamento indicados no desenho. O aluno Ian diz haver sete pontos de lançamento mostrados no desenho.

A professora pergunta se os pontos de lançamento localizam-se mais no centro ou na periferia da cidade.

Os alunos olham atentamente para o mapa e dizem haver pontos em Batovi e na Assistência e, alguns outros, no centro da cidade.

A tutora Lígia e a professora mostram que a maioria dos pontos de lançamento está localizada no centro da cidade, no Córrego da Servidão.

...

A professora pergunta o que simbolizam, no mapa, as setinhas pretas. O aluno Renan fala que se não houvesse as setinhas pretas o desenho não iria mostrar onde ocorre lançamento de esgoto, mas, diz isso, em um tom muito

baixo de voz e, a professora Giovana, repete para a sala o que foi dito por ele. Giovana pergunta para a sala se todos os pontos de lançamento de esgoto estão marcados no mapa do Atlas e os alunos respondem que não. Sendo, novamente, indagados pela professora sobre o porquê disse afirmação. Os alunos respondem que não estão todos representados porque não coube e a professora, novamente, pergunta o porquê dessa afirmação. Os alunos dizem que: “porque dá muito trabalho e eles não quiseram fazer”. Afirmando, em seguida, que é uma escolha de quem realizou o mapa colocar ou não todos os pontos de lançamento de esgoto.

O aluno Ian diz para a professora que achou o símbolo que representa o DAAE e a Estação de Tratamento de Água e Giovana pergunta o que é o DAAE para a sala.

Os alunos dizem que agora se recordam de uma visita que realizaram a Estação de Tratamento de Água do município e vão comentando o que foi explicado a eles na ocasião da visita.

Giovana, ao aceitar a utilização do Atlas, pode mostrar aos alunos alguns elementos representativos de um mapa, no caso, a legenda e, também, que esses símbolos possuem um significado.

Mas, o que torna este trecho interessante é o fato de que a professora buscou na disciplina de Geografia os elementos necessários para dar continuidade ao trabalho que estava sendo desenvolvido, no caso, em Ciências.

Isto sugere uma sutil ruptura da forma com que Giovana trabalhava suas atividades, como já colocado, sem trazer conteúdos de outras disciplinas, possibilitando o aparecimento da interdisciplinaridade.

Com o desenvolver da atividade, os alunos iam dando significado para os símbolos da legenda que, a princípio, eram apenas quantificados. Tal fato ocorreu após a percepção, por eles, de que são símbolos escolhidos para representarem algo no mapa e que fica a cargo de quem o realizou a forma como ocorrerá essa representação, mostrando um conhecimento interessante a respeito da produção cartográfica.

Ao final do trecho, notamos que os alunos conseguiram realizar uma transposição entre o trabalho desenvolvido em sala e uma visita que realizaram nos locais mostrados pelo mapa, comentando o que foi observado durante tal visita. Vale ressaltar que, na atividade, não foi trabalhado nenhum elemento do cotidiano dos alunos, que moram em um bairro afastado do centro do município e dos pontos de lançamentos de esgoto expostos no mapa contido no Atlas.

Portanto, os alunos buscam em algo externo ao seu espaço de convivência algum fato que os interiorize com o tema e o lugar trabalhado na atividade que, neste caso, foi uma visita realizada por eles em tais lugares.

Contudo, não foi observada uma relação intensa com todos os temas trabalhados que criasse uma explícita relação de interioridade com o conhecimento, pelo contrário, podemos exemplificar uma relação de exterioridade:

Trecho de registro da aula do dia 26/03/2003:

Outro aluno diz possuir duas certidões, pois sua avó tem uma cópia. Giovana explica para ele que somente uma certidão existe, a original, e que várias cópias podem ser tiradas e pergunta com quem este aluno mora no momento, se com a avó ou com a mãe e ele diz ser com a segunda.

O assunto, gêmeos, desperta o interesse dos alunos e todos acabam contando uma história relacionada ao tema.

Giovana, que segura sua certidão de nascimento, mostra o brasão da república e lê “República Federativa do Brasil”, perguntando, em seguida, o que significaria esta expressão. A resposta foi unânime: “nosso país!”.

Continua lendo todo o cabeçalho da sua certidão, até chegar na parte relativa ao seu município de origem, Taubaté. Nesse instante, ela questiona a sala sobre o que seria comarca de Taubaté e, novamente, todos respondem se tratar do município.

A maioria dos alunos acaba dizendo que nasceu em Rio Claro.

Ao avançar na leitura da sua certidão, a professora chega no ponto relacionado aos avós, paternos e maternos perguntando: “O que são avós paternos e maternos?”.

Os alunos respondem ser paternos os pais do pai e, da mãe, os maternos.

Na atividade desenvolvida durante a observação que resultou no registro acima, Giovana utilizou as certidões de nascimento dos alunos para que eles entrassem no estudo da história de suas vidas.

Salientou a importância da certidão de nascimento enquanto registro para uma pessoa, mostrando, como exemplo, sua própria certidão de nascimento para os alunos.

Entretanto, suas perguntas não seguiram um caminho de interiorização com o conhecimento que ali estava sendo construído, já que, a professora, se ateu a detalhes não tão importantes para seus alunos e fez questionamentos cujos dados deveriam ser nomeados com precisão.

Ao fazer perguntas, como as que estão exemplificadas no trecho exposto, a professora colocou ênfase na resposta correta, que deveria ser única e textual.

Quando aparecem indagações, por parte dos alunos, dos caminhos que escapam aos delineados pela professora para a atividade, respostas eram dadas sem que fossem aprofundadas ou sem que o caminhar da atividade fosse alterado.

Por não dar continuidade à fala dos alunos, a professora não estabeleceu, com eles, uma relação dialógica e, com isso, se tornou difícil, aos sujeitos, estabelecerem uma relação de interioridade com o conhecimento.

O processo dialógico sugere uma interlocução entre os sujeitos, no caso professor e alunos, onde nos sentidos que nele são elaborados “confrontam-se vozes a que a enunciação concreta responde, antecipa ou *ignora*” (FONTANA, 1995, p. 126, grifo meu).

A posição do professor, dentro do universo escolar, e suas relações com o conhecimento, nesse momento, aparecem. Giovana se colocou como elemento central deste universo, como já exposto, na sua maneira de se relacionar com os elementos que o estruturam, assumia a posição de trazer consigo o verdadeiro conhecimento²¹. Sendo assim, era dela a função de transmiti-lo aos alunos, como algo verdadeiro, sem que outros tipos de conhecimento, que não sejam estes, possam ser considerados importantes²², uma vez “que o professor dispõe de poder institucional para instaurar modos de interlocução e para controlar (de diferentes formas e com nuances diversas) os sentidos em circulação [...]” (FONTANA, 1995, p. 128).

Por outro lado, em determinado trecho de outra atividade, o conhecimento apareceu como algo significativo para os alunos, no momento em que trouxe, para eles, elementos do seu cotidiano e do espaço que conhecem.

Ao lançar mão do uso de maquetes, no caso da sala de aula, Giovana inseriu os alunos dentro do universo conhecido para eles que buscaram detalhar ao máximo, com criatividade, este espaço, realizando uma transposição fiel do real para o simulacro que é a maquete.

Trecho de registro da aula do dia 23/05/2003:

Um grupo risca na maquete, no local que representa o piso da sala, as marcas do cimento, enquanto outro grupo utiliza a tampa da caixa como teto, colocando nela, inclusive, representações das luminárias da sala, discutindo com a professora a quantidade delas.

²¹ Sobre os diferentes papéis dos sujeitos estabelecidos no contexto escolar, Fontana elucida que: “As diferenciações dos lugares sociais ocupados pelos interlocutores possibilita a emergência de formas variadas de apreensão e articulações de conhecimentos que estão sendo elaborados, colocando em circulação, explicitamente ou não, uma multiplicidade de sentidos a eles relacionados” (1995, p. 127).

²² “É por força da legitimidade dos conteúdos acadêmicos transmitidos que se torna difícil, tanto a professores como a alunos, identificar como conhecimento válido seus próprios conhecimentos marginais, também sempre presentes na sala de aula” (EDWARDS, 1997, p. 68).

Os alunos construíram o conhecimento, no caso, uma forma de representação do espaço, com um elemento pertencente ao cotidiano deles e, portanto, ao fazerem isso interiorizaram o conhecimento.

Sendo assim, aparece, nesse momento, a forma de conhecimento situacional, uma vez que, através dele:

[...] o conhecimento é construído em torno do que uma realidade é para o sujeito, a qual chamamos de uma situação. [...] ao sujeito aluno pede-se que pense em determinado recorte da realidade que se apresenta e que procure sua posição ou ponto de vista em relação a ela (EDWARDS, 1997. p. 23 e 24).

Assim, é possível que a criatividade dos alunos aparecesse, enquanto confeccionavam a maquete, tentando trazê-la o mais próximo da realidade possível, dentro de uma representação, realizando uma relação de interioridade com o conhecimento.

É interessante, salientar, a relação entre os sujeitos alunos, que existia no universo escolar desta professora. Como os alunos iam desenvolvendo, entre si, uma maneira de se relacionar, acabaram por estabelecer uma ordem nas relações, baseados em sentimentos e emoções (EDWARDS, 1997, p. 17).

Os alunos da professora Giovana, ao relacionar-se entre si, eram portadores de uma relação singular.

Os momentos *violentos* de comunicação ultrapassavam, de forma ampla os momentos de *relax*, marcando o primeiro como meio de comunicação e interação mais utilizado por eles dentro do universo escolar. Portanto, “estabelecem uma ordem de relações que freqüentemente é vista de fora como desordem, ruído, ou caos na sala de aula” (EDWARDS, 1997, p. 17).

Trecho de registro da aula do dia 30/05/2003:

Giovana vai ajudando as equipes, explicando em detalhes tudo o que se deve fazer.

Um outro aluno se junta ao aluno “desenhista” e agora os dois conversam e desenham ao mesmo tempo. Giovana os chama para participarem da atividade.

Um deles diz que não vai porque o aluno Daniel não o deixa participar de nada. A professora diz que ele está deixando e o próprio Daniel se levanta e diz que está deixando todos fazerem algo. Nesse momento Talita e André começam a se estapear do outro lado da sala. Giovana vai até lá e separa o

conflito. Volta para os dois alunos e tenta persuadi-los a participarem da atividade.

Eles cedem.

O trecho possibilita observar como os alunos, dentro do universo próprio a eles, resolvem os conflitos que surgem com a convivência e durante a execução de atividades. E também, como Giovana procurava dar articulação entre esses episódios de interação entre os alunos, mesmo que eles possam ser vistos como momentos de grave indisciplina em sala de aula.

Giovana conhecia a realidade de seus alunos de forma clara, sendo que, em conversas paralelas, algumas vezes, nos contou dramas familiares vivenciados por alguns deles. Ela procurava de algum modo, contornar as situações extremadas que ocorriam durante as atividades, não demonstrando, exasperação, mantendo-se calma, ouvindo os alunos e suas reclamações, e buscando a participação deles nas atividades.

E assim, busquei analisar o universo escolar da professora Giovana.

Entretanto, analisar um universo escolar é uma tarefa difícil, principalmente o desta professora, pois, mesmo para mim, que observei e registrei o desenvolver de seu trabalho, certas passagens são difíceis de interpretação e análise, por tratar-se de uma sala de aula onde ocorriam diversas situações que dispersavam a atenção e mudavam o caminho da atividade.

Era algo fragmentado e juntar fragmentos, em determinados casos, é tarefa das mais árduas.

Giovana, enquanto sujeito professor, possibilitou um questionamento interessante, já que, como vimos, até que não fosse realizada uma intervenção em sua atividade, por um professor tutor, Giovana não havia, ainda, utilizado o Atlas em suas atividades.

Analisando, agora, tanto os registros de suas atividades, os caminhos traçados pela professora para elas e recordações de conversas, principalmente nas reuniões com todo o grupo de pesquisa, percebo que houve uma espécie de *fuga* da professora em relação à utilização do Atlas.

Então, por que uma professora, conluente de um curso de graduação em Geografia, professora de Educação Básica há alguns anos, fugiria da utilização de um Atlas, cujas páginas traziam diversos temas relacionados a seu curso de graduação?

Uma passagem de Rodriguez Lestegás (2000, p. 107, tradução minha) pode trazer algumas idéias para que essa questão seja de certa forma, esclarecida, já que, para ele:

[...] entre os saberes produzidos pelos cientistas e os saberes ensinados pelos professores, existe somente uma diferença de grau; o conhecimento escolar advém do conhecimento científico através de um processo de simplificação, de redução e de adaptação, que respeita o essencial deste último. [ou seja, o conhecimento científico]

Conseqüentemente, a eficácia docente se reduz ao conhecimento, o mais amplo possível, dos saberes eruditos correspondentes e a uma questão de simples talento para "explicá-los" aos estudantes.

Quando o professor encontra dificuldades perante seus alunos, o problema se encontra num déficit de conhecimentos: o que ocorre é que, simplesmente, o professor não domina a disciplina que ministra.

O trecho ajuda a compreender o questionamento feito logo acima, uma vez que, traz uma idéia colocada pelo autor para responder porque, em determinadas situações, os professores mesmo que habilitados, não realizam determinada atividade ou encontram dificuldades para trabalhar algum conteúdo.

Acredito que não se definiam objetivos concretos para os alunos dos caminhos que as atividades trilhariam uma vez que, não haviam sínteses dos conteúdos trabalhados durante o dia ou, na aula anterior, ou seja, uma retomada ou uma explicação, *a priori*, dos temas que seriam tratados naquele momento. Giovana encerrava suas atividades de uma maneira vaga, não havendo indícios de uma continuidade entre elas, ficando isto, também, evidente no iniciar de suas atividades.

Existe, neste caso, uma somatória de elementos que transformaram o universo escolar analisado em algo singular, como deveria ser.

Entretanto não foi uma junção de elementos que possibilitasse o caminhar constante e contínuo das atividades e dos sujeitos e das relações entre eles, afetando assim, diretamente, as práticas da professora e a forma com que ela se relacionou com o conhecimento.

4. CAPÍTULO III

TERCEIRO TRECHO - UMA HISTÓRIA DE UM LUGAR QUE FICA LOGO ALI

Ipeúna tão próxima.

Ir até lá é como adentrar em outro mundo. Consigo recordar com clareza as manhãs em que até lá me dirigi, acompanhado da tutora Hélia, para mergulhar no rico universo escolar da professora Deise.

É logo ali que fica.

Perto.

Um município pequeno, peculiar, que ainda guarda relações humanas próximas. Onde, em sua grande maioria, todos se conhecem e, também, sabem da história de vida uns dos outros, entrelaçadas com a do lugar.

Enriquecedores foram os momentos que acompanhar as atividades ali acontecidas me proporcionaram.

O Atlas Municipal de Ipeúna é resultado de um trabalho que utilizou, como principal embasamento elementos da História Oral (MACHADO, 2004), já que, até então, não havia sido realizado um trabalho que organizasse os documentos existentes e, juntando-se a isto, os depoimentos de pessoas que viveram e/ou ouviram a história deste município. Este fator trouxe diversas contribuições para o trabalho desenvolvido pela professora Deise, somando-se

a ele, a presença constante da tutora Hélia nas atividades desenvolvidas onde se trabalhou, sobretudo, com a(s) história(s) do Lugar.

A professora Deise escolheu iniciar o seu trabalho com a história do município de Ipeúna, pois, no mês de Março, é comemorado o aniversário de emancipação política administrativa do município e, o desenvolver do trabalho iria trazer possibilidade para que outros temas, como história de vida dos alunos e dos bairros da cidade, entre outros, emergissem. Deise entraria imediatamente nas páginas do Atlas com o caminho que pretendia desenvolver uma vez que, é ele que, em primeiro momento, traria as informações necessárias para o início do trabalho com os alunos, mesmo que, em alguns momentos, a presença de outros, tenham levado todos além do ali retratado, complementando informações, abrindo o leque de imagens e depoimentos, somando e nunca subtraindo.

4.1. Onde aconteceu?



Fig. 4. Imagem da EMEF “Dr. Ulysses Guimarães” (Foto do Autor, 2003).

As práticas da professora Deise aconteceram, como esperado, em uma escola.

Acompanhar as atividades desta professora e de sua turma foi enriquecedor e, em alguns momentos, emocionante. A Escola surge, neste momento, como o local onde o contar a história de Ipeúna e as relações entre os sujeitos, por vezes tão difíceis de estabelecerem-se em uma sala de aula, tornaram-se elementos fulgurantes desse universo.

Um grande prédio azul. Essa foi a primeira impressão que ficou em minha memória da EMEF “Dr. Ulysses Guimarães” quando ali cheguei para acompanhar as atividades da professora Deise.

Localizada no Jardim Altos de Ipeúna, é a única escola da cidade a oferecer à população o primeiro ciclo do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries). Em razão disto, seu público atendido é bastante heterogêneo, recebendo alunos de todos os níveis socioeconômicos do município. O bairro fica, segundo a população local, na parte “nova” da cidade que apresenta uma distribuição urbana bastante curiosa, sendo ela dividida em duas grandes partes, a velha, mais comumente denominada de cidade e a nova, onde estão os bairros de população mais carente. Esta distribuição é fruto de fatores históricos e políticos, não cabendo aqui sua discussão, mas que, de alguma forma divide a cidade em duas partes. Este bairro, onde se situa a escola, ainda apresenta muitos vazios de ocupação. De uma maneira geral, o nível socioeconômico da população parece ser baixo ou médio-baixo, como todos os outros desta parte nova da cidade. A escola localiza-se na última rua desta área, como uma espécie de delimitação entre a zona urbana e a zona rural.



Fig. 5. Mapa da expansão urbana dos bairros do município de Ipeúna/SP (MACHADO; MORINI; NICOLETTI, 2000, p. 39).

Os bairros desta porção da cidade tiveram seu surgimento e crescimento entre as décadas de 70 e 90, sendo que a escola foi construída no ano de 1993 (criada pelo Decreto 36.559 de 16/03/93). Serviu para acompanhar o desenvolvimento e as necessidades destes

bairros: “A Escola foi criada para atender ao crescimento populacional e ao desenvolvimento da zona leste da cidade e sua clientela que abrange cinco novos bairros do Município...” (Plano de Gestão, 1999, p. 11).

Na escola, os alunos recebem material didático, como lápis e cadernos, por exemplo.

Isto se deve ao fato de Ipeúna constituir-se em um pequeno município com, aproximadamente, 3.500 habitantes. Além disso, na época, a gestão municipal, na figura do prefeito, acumulava várias outras funções inerentes a uma cidade de porte maior, tanto que, em Ipeúna, não existia Secretaria de Educação. Todas as prestações de serviços e contas são feitas diretamente ao prefeito ou à Diretoria de Ensino da Região de Limeira, à qual o município pertence.

Hoje, existe a Secretaria da Educação Municipal e, vale ressaltar, que a ocupante do cargo de secretaria é a professora Deise. Não foi com espanto que recebi esta notícia.

A proximidade entre a administração municipal e a comunidade, neste caso, favorece a escola.

Posso citar, neste sentido, a reforma geral pela qual a escola passou, ganhando mais quatro salas de aula, sanitários para os alunos e uma biblioteca, oferecendo aos alunos e funcionários um espaço maior e mais agradável, ou como dizem por lá, “novo”, com amplas salas de aula e que, na época, estavam devidamente pintadas, pois mesmo as antigas foram reformadas.

De uma maneira geral, a “Escola Ulysses” possuía um ambiente bastante acolhedor e bem cuidado, as reformas duraram todo o período de observação e havia planos para que continuassem no futuro.

Um fato curioso é que, em minha primeira visita a escola, ouvi os professores reclamarem muito da falta de um serviço adequado de limpeza, o que pude comprovar, pois existiam muitos papéis e folhas espalhadas por toda à parte. Com o passar do tempo e, principalmente, em minhas últimas observações, notei que a escola estava mais limpa e bem cuidada.

Aliás, os professores eram atores importantíssimos dentro do contexto da citada unidade escolar. Pude conhecê-los melhor, pois almocei ali em quase todos os dias de visita à escola. Almoço este, oferecido aos professores, que comem a merenda dos alunos, com algumas variações, que estes traziam de suas casas ou que a escola providenciava.

O corpo docente pareceu-me bastante entrosado, não somente entre eles, mas, também, com o objetivo de educar de forma satisfatória, para eles, apesar de se mostrarem

descontentes com o salário, dizendo constantemente que são obrigados a “dobrar” o período trabalhado para ganhar um salário digno.

A escola possui dois pavilhões: no primeiro, ou “velho”, fica a parte mais antiga da escola, com sete salas de aula, a cozinha, o pátio coberto e toda parte administrativa, como secretaria e sala dos professores. A escola contava com 13 professores municipais efetivos, cinco funcionários para realização de serviços burocráticos e de limpeza e a diretora.

O pavilhão novo possui quatro salas de aula, a biblioteca que ainda estava em fase de implantação e banheiros para os alunos. Inaugurado naquele ano de 2003, o novo pavilhão trouxe as demais reformas para a escola e acompanha o mesmo estilo arquitetônico do pavilhão antigo. Suas salas de aula são bem arejadas, grandes e oferecem um espaço excelente para os alunos, e é ali, numa sala de canto, que ficava a Professora Deise.

4.2. Sujeito principal

A professora Deise possui uma trajetória de vida muito peculiar.

As palavras a seguir trarão um perfil deste sujeito tão intrínseco ao seu universo escolar e ao Lugar que este pertence.

Deise mostrou-se figura central nas atividades observadas.

Era o sujeito principal do enredo de suas aulas. Todavia, era também dotada de sagacidade para, nos momentos necessários, caminhar em conjunto com outros sujeitos.

Uma figura fácil de localizar pelo seu porte e presença, Deise é uma professora de aproximadamente 1.70 metros de altura com cabelos claros e traz consigo um enorme carisma, sendo facilmente conhecida como a “mãe” de todo o grupo, por estar sempre trazendo diversos tipos de alimentos diferentes para a hora do lanche.

A conheci no ano de 2001 durante uma oficina piloto do projeto que foi, nos anos seguintes, desenvolvido. Desde o primeiro momento, ela se mostrou totalmente participativa e receptiva a idéias, sugestões, inovações e às pessoas em geral. Durante aquela primeira fase do projeto, já sabendo que iria trabalhar com ela, pensei em estabelecer um vínculo mais forte, o que não foi necessário, pois o próprio convívio trouxe a aproximação. Aproximação das mais agradáveis.

Nascida em 1962 e residente no município de Ipeúna desde então, Deise traz consigo mais de vinte anos de prática em ensino de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Começou seu trabalho docente em uma escola rural e depois na Escola Estadual Marcelo de Mesquita, onde foi funcionária contratada até ocorrer à municipalização em 1999, quando, através de concurso público, esta se tornou professora efetiva pelo município.

A respeito de seu ingresso na carreira docente, Deise diz: “A escola era estadual e eu me inscrevi nessa escola, então eu comecei como eventual”.

Entrou aos seis anos e meio na escola, em 1968, e seguiu seus estudos em Ipeúna até o término do ensino médio, quando foi buscar outra opção que fosse viável com as condições impostas por seu pai para continuar os estudos de que não se afastasse de casa. Portanto, Deise foi buscar um curso particular a distância de magistério na cidade de Ribeirão Preto, onde realizava uma prova mensal, ajustada ao pagamento da mensalidade. Não recebeu nenhum material durante o curso e nenhuma aula, se formando em três anos por este método.

Ela explicou que foi buscar a teoria quando começou a lecionar, ou seja, através de suas práticas e de vários cursos de capacitação que foi fazendo ao longo de sua carreira, pois a formação em magistério foi nula, apenas “simbólica”, como ela diz resumindo o curso e as provas que realizou.

Durante as observações de suas aulas notei que a professora fazia pouco uso de livros didáticos, utilizando-se somente de um para a disciplina de Português. Este fato pode denotar uma característica da trajetória escolar da professora, que diz não ter utilizado muitos livros didáticos como “[...] de 5ª a 8ª eu acho que não cheguei a usar nenhum, era matéria passada na lousa. Eu não me lembro porque usava muito pouco”.

Também não observei nenhum aluno lendo qualquer outro tipo de livro, talvez porque a biblioteca da escola não estivesse funcionando apesar de possuir uma sala própria. Sobre a biblioteca, Deise comentou:

“No momento ela está sendo ainda colocada em ordem, por causa da reforma da escola... então houve uma desorganização da biblioteca... então no momento nós não estamos levando os alunos até a biblioteca”.

Sabendo que uma biblioteca fechada realmente não é um incentivo a leitura, as observações sobre o tema pela professora mostram que esta não possuiu muito gosto pela mesma, como ela relatou em dois momentos:

“[...] olha eu lia mesmo quando tinha que apresentar algum trabalho, senão não lia... Agora, eu nunca gostei muito de ler, mas, de uns tempos para cá, eu to sentindo a necessidade disso, então eu to procurando estar buscando...”

fazendo alguma leitura porque ultimamente a gente não tem feito muitos cursos de capacitação”.

Esta necessidade de busca por leituras pode ser fruto do curso universitário que Deise havia começado no fim daquele semestre. Sobre este curso Deise comenta: “Eu comecei o curso de graduação em pedagogia oferecido pela UNESP. É a pedagogia cidadã”. E, diz também, sobre os motivos que a levaram a realizar este curso: ...”Um dos motivos é pela lei, a LDB. A exigência agora de que tenha um curso superior e outro motivo é para capacitação mesmo. A gente está procurando sempre melhorar”.

Vale lembrar que Deise, enquanto participante do projeto de pesquisa, deveria fazer diversas leituras de fundamentação e buscar inovações em suas atividades de ensino, por meio de fontes de seu interesse.

Trabalhando diariamente dez horas na escola, a professora lecionava para todas as turmas as disciplinas Educação Artística e, para a turma que observei as disciplinas de História e Geografia, sendo oficialmente responsável apenas por duas salas fazendo parte, as outras turmas, de um “arranjo” entre escola e professores.

Pude notar que Deise apreciava este “arranjo”, pois em suas considerações de aspectos que gostaria de mudar na escola ela explicou que gostaria de dividir mais as áreas trabalhadas pelos professores, fazendo com que estes não lecionassem tantas disciplinas, pois ela acha “que ele ia buscar mais sobre aquilo que ele tá trabalhando, do que essa coisa de ter que procurar Português, Matemática, História, Geografia...”.

Do total de 50 horas semanais de trabalho, 45 eram dedicadas aos alunos e cinco horas reservadas para o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) onde, segundo ela: “[...] é discutido os problemas que existem na escola ou até mesmo assim... desenvolver alguma atividade, como desenvolver...”.

Aliás, no desenvolvimento de atividades na escola, Deise se mostrou uma líder.

Quando comecei a acompanhar suas atividades, ela estava envolvida no chamado “Projeto Primavera”, que inicialmente seria apenas para as terceiras séries e depois foi estendido para todas as demais. Deise, além de inserir o tema nas atividades dos alunos, ainda coordenou uma festa para angariar fundos para a escola, que foi um sucesso, segundo suas palavras.

Líder é uma característica que cabe bem à professora Deise, bem como, inovadora, apesar de possuir um jeito tímido e discreto. Quando ainda era uma aluna essa característica já podia ser notada, diz:

“Sempre fui uma criança que gostava de participar de tudo sempre. Tinha amizade com todos. Além de participar da aula eu me envolvia com festinhas, comemorações... tanto na parte de participar de alguma coisa, como na organização.”

Deise foi vereadora do município em duas ocasiões e presidente da câmara de vereadores, sendo a primeira mulher a ocupar este cargo na cidade, mostrando que tem forte tendência à liderança. Este trabalho, juntamente com um período de um ano e meio em que trabalhou no laboratório de um laticínio, foram as únicas atividades que Deise desempenhou fora do ensino. Agora, como elucidado, Deise ocupa o cargo de Secretária Municipal da Educação no município.

A escola de hoje, para Deise, é aberta para os pais, o que leva a perceber a preocupação dela com os pais dos alunos, pois, em diversos trechos da entrevista, a professora expressou suas considerações, quando, por exemplo, comenta sobre o aumento da responsabilidade da escola e dos professores para com as crianças, em muitas situações que só caberiam aos pais, já que, segundo ela: “eles acham que a responsabilidade é toda da escola”.

Outro aspecto que ela destacou junto a este tema foi sobre a importância da família. Para ela o trabalho na escola deve ser sempre realizado em conjunto com a família “porque daí vai ter mais uma troca, vai ter mais contato com os pais, então você tá tendo com os filhos deles aqui e eles também vão saber mais como agir com os filhos em casa”.

Esta participação dos pais na escola também é comentada quando aponta uma falha sua e de outros professores, nesta relação:

“[...] nunca a gente chama um pai aqui, fora de um dia assim... que já é normal reunião para fazer um elogio do filho. Então, o pai vem sabendo que vai ouvir crítica... muitas vezes ele não vem quando é solicitado, porque sabe que vai ouvir crítica.”

Acredita que quanto mais a escola estiver “aberta para a sociedade”, melhor seria para a mesma.

A relação da professora com a turma era agradável, mas ela salienta “ta misturando um pouco as coisas”, pois estaria faltando um pouco de limite na relação professor-aluno. Mas, como toda relação entre estas partes “às vezes você até fala alguma coisa pro aluno que você... depois que você falou... vê que não deveria ter falado”.

Essa relação permitia que Deise avaliasse seus alunos, posto que sua avaliação ocorresse “no dia-a-dia mesmo”. Contudo, Deise ainda se via obrigada a realizar uma “provinha” com os alunos para mostrar algum resultado aos pais.

Os alunos eram muito participativos em suas aulas, e para ela: “... as coisas parecem que caminham melhor”. Para tanto ela acredita na contribuição da pesquisa e das atividades que trouxeram os alunos para perto da realidade em que vivem.

Em suas considerações sobre a escola de antigamente, a professora disse que o maior problema seria: “... de o aluno não poder expor as idéias dele, ter que aceitar tudo do jeito que vinha e o professor falava”.

Deise via também a relação professor-aluno de um modo autoritário, pois: “... ele era o poderoso, o dono do saber. Jamais eu pensei um dia em achar que, mesmo sabendo aquilo que a professora falou não era certo, eu ter coragem de falar que eu pensava diferente...”.

Mas, de uma maneira geral, as relações da professora com seus ex-professores ocorreram de forma tranqüila, cabendo um destaque especial para o Padre Quirino, que foi professor da disciplina de Português para Deise durante o colegial (Ensino Médio) já que, segundo ela:

“Uma coisa que eu sempre comento é do padre Quirino. Que por ele ser uma pessoa muito boa a gente abusava um pouco da aula dele e hoje eu vejo que essas aulas até hoje me fazem falta. Que como ele deu aula muitos anos assim... seguidos, podia falar que a classe não acompanhava as aulas de português.”

Em seus registros sobre as atividades Deise também não abordava as aulas de Português, já que “[...] agora eu só faço registro das aulas de Geografia e História, por enquanto”. Um reflexo do projeto, uma vez que eram as disciplinas tratadas por ela ao utilizar o Atlas Municipal Escolar.

Essa prática de registros, solicitada pelo projeto, já era do domínio da professora, pois antes anotava somente a preparação das atividades, mas depois passou a anotar todo o processo da atividade.

Ainda utilizava seus registros antigos para, segundo ela, buscar coisas para trabalhar com seus alunos, mas somente das atividades em havia alcançado resultados satisfatórios, pois: “[...] coisa que eu vi que deu resultado, que eu achei que as atividades eram boas eu procuro tá usando”.

4.3. Os contos do lugar e alguns outros sujeitos

Contos do lugar?

Resolvi assim descrever as práticas da professora Deise uma vez que o trabalho desenvolvido envolvendo o ensino do lugar percorreu os caminhos da História.

A história do lugar.

Para tanto, a professora utilizou-se de narradores do lugar, como a tutora Hélia, Dona margarida e os alunos. Outros Sujeitos.

O lugar nas atividades da professora Deise foi contado, em palavras ditas e lidas.

O papel do Atlas Municipal Escolar, neste caso, foi de elemento estruturante das atividades.

Por este momento já contei demais. Estas constatações e outras virão do descrever as práticas e o universo escolar desta professora onde pude “identificar os fios com que foram/vão tecendo suas concepções e suas práticas” (AZEVEDO, 2002, p. 57).

A professora Deise organizou sua sala de aula da mesma maneira em todas as atividades, fazendo uso do espaço da sala ao seu modo, uma vez que, a sala servia para as aulas da disciplina de Educação Artística que ela ministra a todas as turmas da escola.

Fica claro o modo de organização da sala pela professora quando se remete aos registros das aulas observadas (registro realizado durante observação no dia 25/03/2003):

A sala, organizada em forma de “U”, com algumas carteiras em seu centro, muito utilizada pela professora Deise, permite que esta se locomova entre todos os alunos, sempre dedicando total atenção às argumentações dos mesmos.

A forma como a professora organizava a sala possibilitava a ela uma visão ampla de todos os alunos, sendo também facilitada a comunicação entre eles que se sentavam um ao lado do outro, mesmo nas carteiras localizadas ao centro da sala.

O tempo, outro elemento importante para a estruturação da situação escolar, no caso da professora Deise, acontecia de forma fragmentada, uma vez que esse tempo era composto de duas aulas com cinquenta minutos de duração cada, com um intervalo de vinte minutos entre eles. Por um lado, se a fragmentação da seqüência da atividade pode gerar uma quebra do andamento da mesma, em outros, como neste caso, isso pode não acontecer, pois o tempo era habilmente administrado pela professora.

Tempo esse que nunca era ultrapassado ou antecipado, apenas acontecia, já que, externo ao sujeito professor e fixado pela escola, possibilitava e exigia do professor um manejo adequado dos ritmos diversos que são encontrados em sala de aula. (EDWARDS, 1997, p. 36 e 37)

Trecho de registro da aula do dia 25/03/2003:

Ao término desta aula, a professora leva os alunos em fila para a sala de outra professora e retorna com a sua nova turma, dessa vez para as atividades de História e Geografia.

Cabe aqui salientar que o tempo e o espaço na escola eram dotados de um ritmo dinâmico, tomando-se por base o fato de que ocorressem trocas periódicas, durante o horário escolar, de turmas e professores, criando uma grande dinamização de toda a escola, muitas vezes comentada, em conversas paralelas, pela professora tutora Hélia.

Cito, acima, a professora tutora Hélia que esteve acompanhando as atividades da professora Deise durante o ano letivo de 2003.

A relação entre ambas era de extremo companheirismo, respeito mútuo e colaboração, sendo que, ao iniciarem-se as atividades Hélia não participava das aulas, ficando na função de observadora e, suas colaborações vinham apenas das reuniões com Deise no grupo de pesquisa e de pequenas conversas durante o intervalo entre as aulas, mas, com o andamento das atividades a presença da tutora foi destacando-se como elemento importante na construção do conhecimento que ali ocorria.

Como autora do Atlas Municipal Escolar de Ipeúna, a presença de Hélia nas atividades tornou-se enriquecedora, uma vez que era a primeira vez que Deise trabalharia o conteúdo das páginas de história de Ipeúna, e a pesquisa em caráter colaborativo permitiu esse importante e raro entrosamento entre autora do material didático e professora.

A relação entre as duas, como será possível observar mais adiante, tornou-se complementar, de aprendizado, levando-se em conta que “a troca de experiências e de saberes tece/destece/retece espaços/tempos de formação mútua” (MANHÃES, 2002, p. 72).

A formação mútua, neste caso, envolvia a história do lugar, as atividades desenvolvidas, a construção do conhecimento pelos alunos e, também, uma formação da professora Deise que vivenciava uma experiência inédita, fornecida pela presença da tutora em sua sala de aula. Formação esta advinda do conhecimento da tutora Hélia sobre o assunto trabalhado.

Será possível, contudo, observar que os conhecimentos da professora Deise foram necessários e importantes. É o conhecimento sobre o lugar e da experiência.

Portanto, o crescimento da participação da tutora nas atividades foi permitido pela professora Deise e, ilustrando essa permissão, ficou registrado um episódio em que a professora pede para a tutora explicar um trecho da leitura que ela e os alunos faziam de uma página do Atlas, pois, segundo Deise, como Hélia havia escrito aquelas páginas poderia dar uma explicação mais detalhada dos termos ali contidos.

Trecho de registro da aula do dia 22/04/2003:

Continuando a leitura, no termo imigrante, a professora pergunta se eles sabem responder o que significa tal palavra. Um aluno diz que imigrante é gente brasileira. Novamente a professora questiona a sala, dessa vez perguntando se alguém possui outra idéia do que possa ser imigrante. Nenhuma resposta é ouvida. Deise pede a Hélia (tutora que acompanha suas atividades e autora do Atlas de Ipeúna) para explicar essa parte aos alunos, já que ela também escreveu a história de Ipeúna.

Pode-se observar que foi solicitada a tutora que intervisse na aula e que explicasse o termo aos alunos. Porém, o que realmente fica claro é que a professora Deise legou a explicação à tutora por não possuir um conhecimento profundo sobre o que tentava transmitir aos seus alunos.

A professora lançou mão da tutora, a qual representava na situação escolar o conteúdo acadêmico tido como verdadeiro, e aproveitou para colocar-se numa posição de aprendiz, absorvendo o conhecimento ali passado, tornando-o parte de seu universo de conhecimentos.

São os sujeitos escolares que, dentro do contexto escolar, possuem a capacidade de assumirem, reconstruírem, mediar, restituírem e esquecerem os conhecimentos acadêmicos que ali podem ser concretizados. (EDWARDS, 1997, p. 67)

Trecho do registro da aula do dia 22/04/2003:

Hélia relata que muitas histórias sobre Ipeúna ela ouviu de um velhinho, o “seu” Pedro e fala que este ouviu as histórias de seu avô quando ainda tinha a idade dos alunos. Deise salienta a importância de ouvir os pais e os avós contarem histórias. [Deise observava tudo com muita atenção, fazendo muitas anotações em seu caderno, como uma aluna].

A professora Deise, ao colocar-se na posição de aprendiz, realizou alguns desses processos com o conhecimento para que, em outra oportunidade, tivesse segurança ao deparar-se com uma situação semelhante em seu cotidiano escolar.

Portanto, é claro, com a situação apresentada, a força que possui o conteúdo acadêmico uma vez que, para os sujeitos do universo escolar, é de difícil aceitação o fato de que seus conhecimentos, considerados “marginais”, são também válidos como algo verdadeiro (EDWARDS, 1997, p. 68).

Em face da situação apresentada, podemos e devemos indagar sobre o papel desempenhado pelo professor tutor na pesquisa, uma vez que, com a presença dele em sala de aula, o professor pesquisador pode legar a transmissão e construção do conhecimento a ele, mas o que aconteceria caso não existisse essa relação de tutoria naquele momento? Ficariam os alunos sem as explicações necessárias, o conteúdo não seria trabalhado ou seriam buscados, pelos sujeitos da situação escolar, outros caminhos para o alcance do resultado desejado?

Um questionamento dos mais interessantes. Porém, de difícil resposta. Devo, neste caso, me ater aos fatos acontecidos. Deise, enquanto professora, era dinâmica, curiosa e dedicada. Desta forma, certamente alguma solução seria encontrada por ela em uma diferente situação.

As relações estabelecidas entre a professora Deise, a tutora Hélia e um outro elemento que entrou neste universo escolar podem ser explicadas como relações de “autoridade partilhada” já que, “formas alternativas de conhecimento geram práticas sociais alternativas e vice-versa” (SANTOS, 2007, p. 344).

Fazer uso do Atlas Municipal Escolar como alicerce para suas práticas em sala de aula por si só já é uma alternativa a prática do conhecimento, por ser, até então, um material novo e aberto as mais diversas possibilidades de trabalho. Obviamente que, trazer elementos de fora do seu universo escolar para, assim, enriquecer suas práticas foi uma prática social diferenciada para a professora Deise por diferenciar-se da comumente praticada. Não somente com a tutora Hélia foi possível tal atitude, mas depois de garantido, para Deise, que este caminho facilitaria e enriqueceria seu trabalho com os alunos, ela buscou outro elemento que pudesse, através de sua experiência social, descrever para os alunos uma passagem da história de Ipeúna.

Experiências ricas e intensas, com momentos de extrema emoção puderam, também, ser observados nas atividades desenvolvidas pela professora Deise, tornando-se marcante um fato ocorrido na atividade do dia 20 de Maio de 2003.

Naquele dia, a atividade seria desenvolvida não pelas palavras da professora ou da tutora e, sim, pelas palavras de uma servente da escola, a Dona Margarida. Isso aconteceria, pois essa servente era habitante do município de Ipeúna há longo tempo e poderia enriquecer o universo de conhecimento dos alunos com relatos de histórias passadas do lugar onde vivem, principalmente sobre determinado conteúdo presente no Atlas Municipal Escolar, as “caixinhas das lavadeiras”, uma vez que se utilizou delas como lavadeira.

Trecho do registro da aula:

Dona Margarida chega e entra muito timidamente na sala, olhando para todas as direções com seus grandes olhos verdes. Hélia logo diz que ela tem muito que ensinar para todos ali presentes e, Deise diz a classe que Dona Margarida irá contar sobre a caixinha das lavadeiras e, também, para que prestem muita atenção, pois irão aprender muito”.

Dona Margarida faz uma pergunta: “Por onde eu começo?”.

A professora diz para ela explicar sobre as caixinhas e tudo que sabe sobre isso, uma vez que, tudo que ela contar será muito importante.

Hélia explica para Dona Margarida que tudo o que sabe sobre as caixinhas ela ouviu de dois senhores e que, agora, com o depoimento dela poderá ter uma opinião feminina, de alguém que realmente utilizou as caixinhas.

A expectativa era grande com esta atividade, já que Deise cedeu seu lugar, juntamente com Hélia, como “comandantes” das atividades, para Dona Margarida, alguém que não tinha o conhecimento acadêmico necessário para ocupar o lugar de uma professora. Mas esse conhecimento é realmente necessário, em casos como este?

Busco em Certeau uma passagem que aponta algum caminho para esta questão, pois, para ele, o discurso narrativo possui valor em pesquisas e práticas já que:

isto seria sobretudo restituir importância ‘científica’ ao gesto tradicional [...] que sempre narra as práticas. Neste caso, o conto popular fornece ao discurso científico um modelo [...] um ‘saber-dizer’ (1994, p. 153).

A servente ao entrar na sala de aula e se deparar com os alunos e duas professoras ficou intimidada, mas as duas professoras, como observado no trecho do registro acima citado, procuraram deixar Dona Margarida segura de que estava realizando algo realmente importante e que todos gostariam de ouvir suas palavras.

Deise utilizou em suas atividades, em diversas vezes, o ato de narrar, de contar aos alunos sobre a história do lugar tratado no Atlas Municipal Escolar. Para tanto, ela buscou, como exposto, outras referências que dessem “voz” aos assuntos trabalhados em suas práticas,

como a tutora Hélia e Dona Margarida. Portanto, é importante para a professora a utilização de elementos de narração em suas práticas, como demonstrado no trecho a seguir.

Trecho de registro da aula do dia 22/04/2003:

A professora relembra que “seu” Pedro ficou sabendo da história da cidade quando ele tinha a idade dos alunos e diz que o que aprenderam hoje na aula poderá ser contado para seus filhos e netos no futuro.

Deise fala que assim como ela pediu para uma pessoa contar a história de Ipeúna pode ser que, no futuro, alguém peça para eles contarem tudo que sabem sobre isso.

Pergunta a importância de saber a história, pois somente com documentos não é possível conhecer uma história completa e diz que muitos pais não sabem a história de Ipeúna e deveriam contar o que sabem, já que cada pessoa sabe coisas que mais ninguém sabe.

Narrar ou contar uma história sugere um conhecimento, no caso oriundo da experiência cotidiana, sobre o tema trabalhado. A história de Ipeúna, portanto, foi na sala de aula contada e narrada, pelas experiências dos sujeitos participantes daquele universo bem como de outros convidados a ali entrarem, uma vez que “Nesses espaços/tempos cotidianos, a cultura narrativa tem uma grande importância porque garante formas, de certa maneira, duradouras aos conhecimentos, já que podem ser repetidos” (ALVES, 2002, p. 35).

Os elementos da História Oral, trazidos pela tutora Hélia, através de seu trabalho realizado no Atlas, mostraram para a professora Deise que, a memória do lugar é importante uma vez que, narradas, trazem diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto (JESUS, 2003, p. 145).

Não há dúvida de que a professora Deise não fazia objeções ao fato de colocar-se na posição de aprendiz, como já ocorrido, sem constrangimentos ou preconceitos, pois existe uma relação clara, para ela, de que os conhecimentos acadêmicos não são os únicos dentro do processo de construção do conhecimento.

Um fato extremamente importante, exposto neste trabalho²³, demonstra que Deise não teve uma formação satisfatória em seu curso de magistério e que, somente agora, está em um curso de nível superior. Entretanto, leciona há mais de vinte anos.

Essa dinâmica inovadora para os alunos, com a presença da professora tutora e de outros mediadores do conhecimento, conhecidos dos alunos, mas não vistos como professores, acabou gerando uma relação entre os sujeitos da situação escolar descontraída, sem repressões, apenas convivência e um interesse mútuo pelo saber. Através dessas

²³ Trecho que relata a formação em magistério da professora, no episódio “Sujeito principal”, neste capítulo.

mediações os conhecimentos escolares adquiriram existência social, o que reforça o dinamismo interessante ocorrido na maioria das atividades da professora Deise.

Caminhando junto ao professor, construindo a situação escolar e atuando como sujeitos do conhecimento estão os alunos que, como tais, possuem uma atividade permanente na sala de aula, que nunca cessa.

Os alunos da terceira série da professora Deise foram, durante a observação de todas as atividades, elementos-chave para a construção da situação escolar e, também, ao ritmo com que essas atividades caminharam.

Os ritmos com que os alunos trabalharam e a forma como faziam isso se torna evidente em praticamente todos os registros de atividades realizados e, portanto, selecionamos alguns trechos que demonstram melhor a relação dos alunos com a construção do conhecimento, com o ritmo da aula e, também, com seus momentos de “violência” e “relax”.

Momentos que fazem parte da vida cotidiana da sala de aula, gerando uma interação que constitui uma “socialização secundária²⁴” entre eles. (EDWARDS, 1997, p. 48)

Trecho de registro da aula do dia 25/03/2003:

Deise decide parar, por um tempo, a atividade, pois se aproxima o intervalo. Ao voltarmos, Deise distribui folhas para desenhos. Após entregar as folhas, ela explica que todos deverão realizar um desenho baseado no hino do município, pedindo que representem o que este significou para cada um. Deise se mostra dinâmica, andando sempre de um lado ao outro da sala para ajudar seus alunos. Estes desenharam de uma maneira descontraída, mas com muita atenção. As conversas entre eles são constantes, noto que são relacionadas à atividade. Circulando pela sala observo que a maioria dos desenhos se relaciona a temas da natureza.

O trecho de registro demonstra como os alunos se entrosam com a atividade pedida pela professora e, também, como debatem utilizando dessa interação no processo de construção do conhecimento, não somente entre eles, mas, também, entre eles e a professora.

Deise, como professora, sempre se mostrou envolvida com sua turma e, para tanto, deixou de lado o caráter autoritário que, muitas vezes, os professores podem adquirir. Suas aulas eram sempre diversificadas e a interação com seus alunos vinham de momentos, como o

²⁴ Nesses momentos, segundo Edwards os alunos “compartilham opiniões e conhecimentos sobre o mundo que os rodeia e sobre eles mesmos. Geram uma visão de mundo compartilhada que vai constituindo seu senso comum” (1997, p. 48).

já mostrado, de ajuda e cooperação ou de debates e conversas entre eles, o que acontecia de forma praticamente constante em todas as atividades.

O fato de Ipeúna ser um município pequeno e de a maioria das famílias conhecerem-se possibilita, de forma mais estreita, a ocorrência de relações entre alunos com alunos e desses com o professor em sala de aula, sendo que, os alunos, em sua maioria, não chamavam pela professora com artifícios clássicos em sala de aula, como “tia”, “dona” ou “professora”, simplesmente a chamavam de Deise e, quando assim o faziam a professora estava lá, para ajudar e esclarecer qualquer dúvida ou outro tipo de questionamento da parte deles.

As aulas da professora Deise começavam, sempre, com a entrada dos alunos na sala, uma vez que eles acompanhavam apenas as aulas de História e Geografia com essa professora.

Trecho de registro da aula do dia 22/04/2003:

A professora começa a atividade dizendo que irá relembrar um pouco da atividade desenvolvida na última aula referente às disciplinas de História e Geografia. Ela relata que havia pedido para os alunos escreverem um pouco sobre Ipeúna (história, mudanças, etc.). Deise relembra que eles leram as pesquisas realizadas e pergunta se já conseguiram alguma pessoa para vir na aula contar um pouco da história da cidade.

Como se pode observar, Deise realiza uma retomada da atividade anterior, relembrando, praticamente em todos os inícios de aula, o que foi trabalhado na semana ou atividade anterior e, com isso, introduzia o conteúdo a ser trabalhado no dia, o que indica a conexão existente entre todas as atividades realizadas pela professora, que eram trabalhadas como uma rede, alinhada através de fios condutores que permeavam os caminhos das atividades.

Outro fato que permite uma visualização da conexão existente entre as atividades da professora Deise, é o modo como encerra as atividades, sempre procurando fazer com que seus alunos produzam alguma forma de escrita ou desenho para que apresentem, posteriormente, o que ficou de significativo da atividade desenvolvida.

Esses trabalhos não eram aleatórios, sempre vinham acompanhados de justificativas para que não ficassem soltos na seqüência de atividades, seja para os alunos debaterem, em outra ocasião, ou para a professora acompanhar o desenvolvimento do conhecimento dos alunos, como uma avaliação diagnóstica, procurando “como compreender essas redes e os fios que se vão tecendo à medida que elas se movimentam [...]” (MANHÃES, 2002, p. 77).

Com o trecho destacado, é clara a preocupação da professora para que o conteúdo trabalhado fosse inserido em uma situação social realmente concreta para os alunos, facilitando a apropriação do conhecimento pelos mesmos.

Inserir o conteúdo com uma situação social concreta para os alunos sugere algo que seja do conhecimento deles, ou seja, algo pertencente ao universo vivenciado, ao cotidiano. A utilização constante, pela professora, do Atlas Municipal Escolar além de demonstrar a preocupação dela para que ocorra essa apropriação da forma mais adequada possível, traz à luz o modo como o Atlas facilita esse tipo de processo, como expõe, de forma clara, Oliveira:

Outra contribuição de um projeto como o Atlas Municipal Escolar está relacionada não só com a aprendizagem docente e desenvolvimento profissional dos professores pesquisadores, mas também com a possibilidade de permitir aos alunos o estudo de seu ambiente próximo, contribuindo para a conscientização dos jovens sobre a importância da preservação dos recursos naturais e da recuperação da memória e da origem histórica do local (2003, p. 18).

É importante salientar que esta relação professor-aluno nem sempre se dá desta forma. Deise, dentro de seu universo, abre espaço para o diálogo entre todos os participantes da situação escolar ali vivenciada. A relação de Deise com os alunos, durante as atividades, era sempre permeada por diálogos e, também era dessa forma que ocorriam as exposições dos temas trabalhados. Os diálogos eram descontraídos, sempre pertinentes ao tema e, ora conduzidos pela professora pesquisadora e a tutora, ora pelos próprios alunos, estabelecia uma interação dialógica. Uma interação dialógica ocorre quando existe uma dinâmica de trocas verbais que são dirigidas a dois sujeitos, já que procede de alguém e dirige-se a um outro alguém. A professora utiliza-se dessa interação, marcada por uma compreensão e expressão dos sujeitos da situação escolar, num processo discursivo, como é colocado por Bakhtin (1986, p. 113, *apud* FONTANA, 1995, p. 126 e 127).

Assim sendo, posso colocar palavras da professora que vêm de encontro com este elemento, ao buscar em suas proposições sobre as diferenças existentes entre as épocas, antiga e atual, da escola:

“[...] os alunos de hoje não tem limites e que a gente dá essa abertura de aluno expor as idéias tudo, na minha época a gente não tinha essa abertura, você aceitava tudo. Tanto que eu comento sempre o dia que falava que vinha o supervisor na escola você tinha a impressão de que não podia nem respirar, fazer barulhinho. Então eu acho assim que o maior problema de antigamente era isso, de o aluno não poder expor as idéias dele, ter que aceitar tudo do

jeito que vinha e o professor falava. A gente achava assim que professor realmente, ele era o poderoso, o dono do saber. Jamais eu pensei um dia em achar que mesmo sabendo que aquilo que a professora falou não era o certo eu ter coragem de falar que eu pensava diferente e muitas vezes eu assim... a gente nem chegava a pensar que o professor poderia estar errado, porque a gente achava que ele tava lá e ele era o certo, ele sabia tudo. Apesar de tudo isso a gente tinha aquela coisa de respeito. Havia assim, um respeito entre as crianças, que hoje entre eles não se respeitam e eu acho respeito importante.”

Esta fala da professora elucidada de forma clara que, para ela, os alunos devem opinar e participar da aula e, se necessário, apontarem possíveis “erros” oriundos do professor. Contudo, ela coloca problemas, como uma falta de respeito entre os alunos.

As aulas podem ser recheadas de “violência” ou “relax” nas relações entre os alunos, mas, algo que fica evidente com a análise dos registros é o modo com que os alunos da professora Deise se relacionam, não ocorrendo violência, em nenhum momento, nas atividades, ao contrário dos momentos de “relax” que implicam uma comunicação verbal, em suas conversas, em que esclarecem dúvidas mútuas e organizam a construção do conhecimento de uma maneira que fique clara para eles. Em alguns momentos os alunos demonstram uma autonomia para construírem as atividades e suas relações, descritos de “trabalho escolar” e “ajuda mútua”, por Edwards (1997, p.63).

Com este trecho, retirado da aula subsequente ao trabalho com Dona Margarida, a professora Deise procura dar continuidade, com os alunos, ao tema exposto pela servente da escola. Nesse caso, os alunos ficaram envolvidos com um trabalho com construção de maquetes. Em pequenos trechos desse registro se pode notar, mais uma vez, como os alunos interagem entre si e, também, como tomam “posse” da aula para debaterem entre eles o melhor caminho a ser seguido.

Trechos do registro da aula do dia 27/05/2003:

Os alunos dizem que poderiam representar as caixinhas com caixas de fósforos e a professora, apanhando folhas de isopor, responde que primeiro deve-se construir a maquete para posteriormente decidirem pelo uso das caixas de fósforo. A grande maioria dos alunos debate entre si até que decidem pelo uso das caixas de fósforo para representar as caixinhas das lavadeiras.

...

Os alunos parecem se entusiasmar, cada vez mais, com a idéia da confecção da maquete e, novamente, debatem entre si, expondo idéias e organizando como cada um poderá contribuir.

...

Um grupo de alunos debate sobre a origem da água utilizada na caixinha das lavadeiras, com um consenso geral de que era originária do rio, mas a

tutora Hélia ao ouvir a conversa diz que não. Deise aproveita e explica que a água utilizada ia para o rio, mas vinha de uma mina através de canos. Os alunos, empolgados, comentam sobre a necessidade da utilização de canudos para bebida para realizar a representação desses canos.

Através dos trechos acima é possível observar a comunicação intensa surgida entre os sujeitos alunos durante o desenvolver da atividade que lhes foi proposta pela professora. A conversa gerada entre eles, resultante de uma empolgação maior com a atividade, é produtiva no sentido de gerar uma visão de mundo compartilhada através das discussões possibilitadas com a atividade. Elucidado que a evidência da crescente empolgação e participação dos alunos, que em alguns momentos assumem o caminhar da atividade, se deve, principalmente, à dinâmica da própria atividade, pela forma com que o processo de construção do conhecimento foi sendo traçado pelos sujeitos que participam desse processo, em especial pela professora, mostrando que a relação com o conhecimento ocorre quando um sujeito coloca-se e adota determinada posição perante um conhecimento diante do qual for exposto.

Trazer a memória para a aula, possibilitou o enriquecimento da atividade. As palavras de Dona Margarida deram elementos para que a imaginação dos alunos pudesse ganhar forma e ser extravasada nesta atividade. Os alunos poderiam apenas com as explicações da professora e da tutora, realizar a atividade. Contudo, ao ouvirem Dona Margarida, houve uma legitimação da memória, da história, já que a servente trouxe, para eles, a vivência e uma significação do lugar, pois foi possível “perceber a memória não como um depósito de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações” (JESUS, 2003, p. 144).

É através de significações que a professora Deise lida com o conhecimento em suas atividades. Como pode ser observado, até o momento, esta professora utiliza-se da forma de conhecimento situacional (EDWARDS, 1997) de maneira intensa em suas atividades.

Esse é um conhecimento que se estrutura em torno do envolvimento do sujeito com uma situação, ou seja, esta forma de conhecimento possibilita a significação de um mundo²⁵ que pode ser do e para o sujeito.

O mundo que foi trabalhado nas atividades, para todos, era conhecido e possuía uma importante significação.

Mundo, para os sujeitos envolvidos neste universo escolar nada mais é do que o próprio lugar.

²⁵ “*Mundo* não significa aqui as situações mais imediatas, no sentido do que está à *mão*; um sujeito pode fazer com que segmentos de seu mundo façam parte de situações tão distantes, como, por exemplo, o sistema planetário [...]. O mundo do sujeito está perpassado por toda gama do abstrato e do concreto, do imediato e do distante” (EDWARDS, 1997, p. 98).

Um lugar que se torna familiar aos indivíduos, por ser vivido e experienciado por eles como uma “realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (TUAN, 1979 *apud* HOLZER, 1999, p. 70).

Na forma de conhecimento situacional o conhecimento se apresenta como algo compartilhado por/para todos e possui uma relação com uma história comum, que faz uma transição do conceitual para o pessoal e vice versa.

Deise e os alunos encontram pontos comuns entre os conhecimentos apresentados e trazidos com a atividade, como mostra o registro.

Trecho de registro da aula do dia 20/05/2003:

Hélia interage muito bem com os alunos, conversando com eles durante as explicações de Dona Margarida.

Esta explica com a fotografia que possui e a contida no Atlas como era o processo de distribuição das águas nas caixinhas, de uma forma muito clara.

Os outros alunos conversam alto e Deise pede novamente silêncio, mas quando Dona Margarida chega perto, todos se reúnem para ouvirem atentos.

Ela diz para Deise que está com muita vergonha e a professora volta a frente da sala e pergunta para os alunos se eles sabem onde ficavam as caixinhas. Os alunos dizem que sim e falam que é onde está o campo de futebol.

Deise diz que o campo também mudou de lugar e que ficava onde hoje é a creche e o ginásio.

Uma aluna pergunta se havia “aquela” rua para passar. Deise e Dona Margarida dizem que não. Deise quando vai localizar determinado local sempre utiliza a casa de algum conhecido ou aluno para fácil compreensão da turma.

A interlocução entre alunos e professores quase que desaparece tornando-se apenas um encontro de significações entre sujeitos que compartilham de um mundo comum.

Uma interação entre sujeitos, com uma história compartilhada e significativa para eles, é possível quando a relação com o conhecimento é situacional, como já colocado, mas, questões podem e devem ser levantadas. Cabe aqui, questionar, se a professora Deise viesse a trabalhar com outro tema, que não envolvesse diretamente seu mundo e o dos alunos, seria possível tal relação com o conhecimento?

Conhecer²⁶ o local onde se desenvolve uma atividade, aqui, se mostrou fundamental, pois possibilitou o uso dessa forma de conhecimento que é a única, entre as apresentadas por Edwards, que permite uma relação de interioridade do sujeito com o conhecimento.

²⁶ Para complementar, Pereira (1998, p. 172), escreve que: É um conhecimento (da situação) que não se armazena na memória como um conjunto de proposições, mas sim como um repertório de narrações de caso.

Os sujeitos envolvidos nesta situação escolar utilizaram-se desta forma de conhecimento. Um dos principais motivos para que isso ocorresse tem a ver com a significação que a história do município possui para todos os envolvidos.

Para a professora Deise e alunos a história os remete para suas origens, para o passado de seus antepassados e para o presente, uma vez que o passado constrói o presente, vivenciado por todos. A retomada de parte do que ocorreu no passado e as descobertas que o Atlas trouxe para todos gerou uma relação em que o passado histórico não é, de forma alguma, estranho ao sujeito.

Para a tutora Hélia a significação advém do fato de ela ter construído essa história, através de resgates históricos importantíssimos, de uma pesquisa²⁷ árdua a qual trouxe, para ela, uma forte aproximação com Ipeúna.

Significações estas que guardam os signos da história deste lugar que foram, em parte, trabalhados e descobertos, por todos que vivenciaram a situação.

Porém, será que essa relação de interioridade e significação se deu pelo fato dos conteúdos trabalhados permitirem isto ou, a relação dos sujeitos com o mundo envolvido pelos conteúdos é tão forte que direcionou as atividades para que percorressem os caminhos na forma de conhecimento situacional?

Tal fato só foi possível pelo envolvimento, em maior ou menor grau, dos sujeitos com o lugar e pelos encontros permitidos pela pesquisa, entre diferentes sujeitos, que os tornaram sensíveis a estes signos, uma vez que, como elucidada Deleuze:

Ser sensível aos signos, considerar o mundo como coisa a ser decifrada é, sem dúvida, um dom. Mas esse dom correria o risco de permanecer oculto em nós mesmos se não tivéssemos os encontros necessários [...] (2003, p. 25).

²⁷ Maiores detalhes de toda a pesquisa realizada pela professora tutora Hélia encontram-se neste trabalho: MACHADO, H. M. F. G., **Uma História para Ipeúna**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, 2004.

5. CAPÍTULO IV

QUARTO TRECHO - O ACOLÁ NÃO DISTANTE

Nos caminhos dessa Pesquisa já percorri o Aqui e o Ali.

Resta agora o Acolá.

Referente à Sumaré, cidade distante de Rio Claro, onde me encontro, por alguns/vários quilômetros.

É o ponto de vista que faz a distância para mim.

Sendo assim, coloco esta pesquisa como distante e próxima.

Não houve de minha parte uma aproximação com os Sujeitos da pesquisa como na pesquisa anterior, realizada em Rio Claro. Portanto, é distante - outra pesquisa, outro grupo de sujeitos, outro tempo/espaço.

É próxima, ou melhor, não distante.

Através de pistas extraídas de uma atividade acompanhada/registrada e pela voz da professora, transformada em diálogo/entrevista, é possível perceber uma aproximação ou não distanciamento entre sujeitos e o lugar, dentro do universo escolar que apresentarei, em pinceladas, a seguir.

Pinceladas que formarão um esboço.

Não será um retrato completo uma vez que, a pesquisa realizada em Sumaré, por questões não pertinentes a este trabalho, não possibilitou a continuidade do acompanhamento

das atividades referentes ao Atlas Municipal Escolar, como na pesquisa envolvendo os municípios de Rio Claro e Ipeúna.

Mesmo assim, considero importante expor o que encontrei por ter sido, de certa forma, surpreendente.

Todavia, é importante colocar que, o perfil traçado desta professora bem como a análise de suas atividades se dará de forma diferente das outras já tratadas neste trabalho, pois, como já elucidado, as atividades relacionadas a esta professora servem como pistas que ampliam os horizontes do meu caminhar nessa pesquisa.

5.1. Mudanças no/do olhar

Quando iniciei minha pesquisa no município de Sumaré, de princípio não gostei. Entre todos os adjetivos que poderia usar para descrevê-la, acredito que “estranha” seria a que melhor caberia, no momento.

Obviamente que, ao longo do período que vivenciei a pesquisa realizada em Sumaré para a elaboração do Atlas Municipal Escolar daquela localidade, procurei, em vários momentos, tirar essa imagem da cidade de minha mente e, quem sabe, encontrar alguma identificação possível com os diferentes Sujeitos e, até mesmo, com o lugar em questão.

Não foi tarefa fácil.

Vale lembrar que um dos objetivos principais da pesquisa acontecer em Sumaré é a busca por um sentimento de identidade que traga, no futuro, melhores condições de (con)vivência espacial e social entre os habitantes deste Lugar, iniciando-se este processo pelos estudantes de sua Rede Municipal de Ensino.

Talvez, influenciado pelo meu estranhamento inicial com o lugar e por este elemento que delineou um dos objetivos da realização da pesquisa, Sumaré e seu universo²⁸ não eram passíveis de entendimento e análise para mim, até o momento.

Contudo, o olhar é dotado de vários caminhos para o seu entendimento e desvendamento.

Acredito que conseguir trazer o universo Sumaré para esta pesquisa, com a visão que tenho no momento só foi possível através de uma lente, possível por meu caminhar, entrelaçado de leituras, conversas, análises e reflexões.

Uma lente de aumento.

²⁸ Neste caso, uso o nome do município para me referir a Professora Luciana, seu universo escolar e as atividades acompanhadas.

Uma nova visibilidade.

Fui buscar em Ítalo Calvino uma analogia para esta passagem de meu trabalho. Em *As Cidades Invisíveis*, Marco Polo, ao narrar sobre a cidade de *Olinda*, diz que esta se transforma, aumenta de tamanho, através de lentes, a cada momento que olhamos, para que assim surja “uma nova cidade que abre espaço em meio à primeira cidade e impele-a para fora” (2006, p. 119).

É desta maneira que me sinto em relação a este universo. Como se, de repente, através do olhar ou, também, pela maneira de olhar, vi surgir, diante de mim, uma nova forma de entender as relações que se estabeleceram dentro do universo escolar que pesquisei, mesmo que brevemente, naquele lugar “estranho”.

Sendo assim colocarei a seguir proposições e pistas, com a perspectiva do meu olhar de pesquisador sobre o universo escolar oriundo da pesquisa realizada no município de Sumaré.

Abandono os (pré)conceitos que tive e tento pincelar este universo, afinal, “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve” (CALVINO, 2006, p. 59).

5.2. Sobre identidade e o (re)conhecimento do lugar

Palavras da professora Luciana:

“Particularmente, gosto muito de Sumaré. Sempre morei aqui, desde que nasci. Sempre brinquei muito na rua com meus amigos, pois Sumaré era uma cidade muito calma. Ultimamente, anda muito violenta. Gosto muito de Sumaré porque me identifico aqui. A minha família, tanto a materna, [...] que foi uma das que iniciaram a construção aqui em Sumaré, quanto paterna, as duas possuem uma tradição muito grande aqui em Sumaré. Então, para mim, Sumaré é muito importante.”

Sendo, para ela, Sumaré considerado um lugar importante, isso recorreu em sua prática para os alunos?

Acredito ser esta a questão pertinente neste momento e que buscarei tratar ao lidar com este universo.

Ressalto que não será feita uma análise das práticas desta professora com ênfase em Edwards (1997), como ocorreu com as duas professoras anteriormente, neste trabalho, apresentadas, por não haver uma quantidade satisfatória de registros de aula que apontassem,

de maneira significativa, as relações estabelecidas dentro do universo escolar dessa professora.

Contudo, quando e se necessário farei uso de referências que apontem pistas dessas relações.

Debruçarei-me em um registro de aula sobre uma atividade que utilizava uma página do Atlas Municipal mesmo que esta ainda estivesse em fase de elaboração.

Retomando o trecho da entrevista da professora acima colocado é possível evidenciar que Luciana, enquanto moradora do município de Sumaré, possui com ele uma relação de clara identidade.

Sendo assim, os valores e sentidos do sujeito são aportados por esta relação com o lugar, com a participação da família na “construção” do município. É, segundo Hall (2005, p 11), nesta relação que a identidade “preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público”.

Tal fato ganha suporte quando é possível ler estas palavras proferidas pela professora:

“[...] o meu pai sempre trabalhou na antiga, que hoje é Vilares, na antiga Eletrometal daqui de Sumaré. Ele trabalhou por dezoito anos lá e depois saiu. Ele atua na vida política de Sumaré. Ele é concursado e, minha mãe também é assessora técnica, que trabalha dentro da prefeitura”.

Vou aliar este trecho com a seguinte passagem do trecho anterior: “... possuem uma tradição muito grande aqui em Sumaré”.

Peço atenção para as palavras: “atua”, “dentro” e “tradição”.

São elas que dão o entendimento da relação que a professora estabelece com o lugar e que, segundo ela, é de identidade.

Neste caso a construção da história do município e, também, as relações políticas são interiorizadas pelo sujeito e lançam-se como parte de sua história.

São *suturadas* ao sujeito. (HALL, 2005)

Então foi fácil para ela trabalhar o lugar com seus alunos, uma vez que ele está intrínseco a ela?

A resposta para esta questão irei buscar na atividade que acompanhei em uma tarde na EMEF “Antonio Palioto”.

Farei agora um breve desvio para colocar impressões e constatações sobre a escola e, também, sobre as relações entre os sujeitos deste universo.

São pinceladas.

Seguindo um caminho, ou melhor, um corredor de pessoas e automóveis, em uma das principais avenidas de Sumaré, chega-se na escola em questão que fica lá. Lá no fim da avenida, com sua cobertura de telhas onduladas, com uma pintura conservada, clara.

Organizada, limpa e ordeira seriam adjetivos para a escola quando se adentra em seu interior. Tudo leva a crer que, tal qual uma engrenagem de relógio, as relações na escola ocorrem certas e corretas. Os alunos eram receptivos, abertos, curiosos e corretos, quando vistos sob a ótica do tradicional aluno, ou melhor, do que deveria ser um aluno.

Os demais professores e funcionários também assim o são, como os alunos.

Tudo parecia funcionar em sincronia nesta escola.

Coloco assim, pois ao chegar à escola para registrar a primeira atividade realizei um passeio, acompanhado pela vice-diretora da unidade escolar por todo o prédio e me foi possível observar elementos que fundamentaram esta conclusão.

Como exemplo segue trecho do registro da aula do dia 21/09/2006:

A escola é dividida em dois grandes pavilhões (blocos), feitos de blocos de concreto, recebendo um revestimento amarelo e marrom, em tons claros. A primeira impressão é de ser uma escola muito limpa e organizada, visto que os alunos, em quase sua totalidade, apresentam-se uniformizados, mesmo aqueles que se encontram fora do seu período de aulas e ainda andam os arredores da escola.

Entretanto, somente este trecho não dá conta de elucidar toda a estrutura do universo da escola Palioto. É preciso recorrer à memória que, infelizmente, pertence somente a mim.

Porém, me é permitido compartilhar impressões.

É possível, também, identificar este sincronismo na relação da professora com seus alunos. Palavras da professora:

“De amizade [a relação estabelecida com os alunos]. Assim, eu não coloco nenhum tipo de barreira. Eu acho que se o aluno tiver alguma dúvida, alguma crítica mesmo ao nosso trabalho, o aluno tem o direito a falar”.

“... na verdade como eu estou há muito tempo na escola eu já conheço a maioria dos alunos. Se eu não dei aula para o irmão, eu dei pro primo ou pro

vizinho, você entendeu? Então assim, eu tenho uma relação, uma interação muito grande, tanto com os alunos quanto com a família, [...]”.

Adentrar neste universo escolar, para mim, que vivenciei outros universos, seja como observador/pesquisador ou como profissional atuante, trouxe estas impressões. Não digo que são fatos concretos, pois, dado o curto tempo que vivenciei este cotidiano, não é cabível uma afirmação categórica. Pistas.



Fig. 6. Foto panorâmica da EMEF “Antonio Palioto” que será integrante do Atlas Municipal de Sumaré, quando publicado. Gentilmente cedida pela Profa. Dra. Rosângela Doin de Almeida.

Retomo o caminho após esse pequeno desvio.

Como é possível perceber, com as palavras da professora, o lugar para ela é:

específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão profundamente ligadas [...] (HALL, 2005, p. 72).

Realizar uma atividade de ensino, envolvendo o lugar como referência é, de início, facilitada por esta relação do sujeito professor com seu espaço de vivência e, também, de seus alunos.

Contudo, é necessário frisar que existe uma diversidade grande relacionada à origem dos alunos. Ressalto que origem, neste caso, refere-se à procedência do aluno relacionada ao bairro em que este habita. Enquanto município de porte médio, Sumaré possui uma estrutura urbana bastante diversificada que ocupa uma vasta área de território. Sendo assim, nem todos

os alunos da turma da professora Luciana, uma quarta série do Ensino Fundamental, é originária do bairro circundante a escola, ou seja, do espaço imediato a ela.

Luciana diz, sobre este assunto, o seguinte:

“[...] a clientela do Palioto é de tudo quanto é bairro de Sumaré. É uma escola muito procurada. [...] nós temos, também, bastante alunos que ficam aos arredores da escola, bairros próximos. Mas a gente tem clientela de tudo quanto é lugar.”

Posto isto explico que a atividade desenvolvida pela professora com seus alunos envolvia o espaço circundante a escola, ou melhor, a área ao redor em que os alunos, que moravam próximos a ela poderiam identificar com facilidade.

E aqueles alunos que moravam em uma área afastada da escola?

Uma questão pertinente.



Fig. 7. Mapa dos arredores da EMEF “Antonio Palioto” que será integrante do Atlas Municipal de Sumaré quando publicado. Gentilmente cedido pela Profa. Dra. Rosângela Doin de Almeida.

Durante a atividade a professora trabalhou com duas fotocópias ampliadas da área em torno da escola, que trazia impresso as ruas, avenidas, quadras e algumas edificações consideradas de destaque, como escolas, delegacias, etc. marcadas no mapa.

Luciana posiciona-se na frente da sala de aula, junto à lousa, e inicia a atividade do dia, colocando no suporte para giz da lousa dois mapas da área de influência da escola, fixado num isopor. Começa chamando os

alunos para fazer a marcação no mapa, com alfinetes, dos lugares novos e/ou errados que encontraram neste mapa. (Trecho do registro da aula do dia 21/09/2006).

O objetivo da atividade era fazer com que os alunos identificassem possíveis erros no mapa, quanto à localização de pontos nele destacados. Durante o andamento da atividade Luciana chamava os alunos à lousa, junto aos mapas, para que apontassem a localização dos locais marcados erroneamente e, também, sua posição correta.

Os alunos apontam lugares que ainda faltam no mapa, como a construção mais antiga do bairro, a própria escola, localizada em local errado, a creche Raio de Luz, o batalhão da polícia militar, recém inaugurado e um grêmio esportivo. Todos os lugares são marcados pelos alunos no mapa que são chamados pela professora para irem até a lousa. Os alunos aparentam certa dúvida para localizar no mapa os pontos exatos, mas a professora os auxilia de forma clara e objetiva (Trecho do registro da aula do dia 21/09/2006).

Os alunos por morarem, em sua maioria, nas proximidades da escola, identificavam com facilidade os lugares utilizados como referência pela professora no mapa. Fato este facilitado pela fala da professora e pelos exemplos próximos e significativos que a professora utilizou para isto.

L²⁹: Marcos eu marquei que estava faltando o seu condomínio, o Parque das Orquídeas. E o fundo do dele é na rua do Jonathan. Venha ver se eu marquei.

A: Foi marcado lá do outro lado.

L: Isso. Foi marcado lá do outro lado.

L: Ivan, você que falou da falta do edifício, aqui do prédio mais antigo. Vem ver se a marcação está correta. Vem Marcos, que a sua mãe contou a história de que sempre morou perto do único prédio que tinha aqui em Sumaré.

L: Olha, o prédio está marcado de preto.

L: Correto?

L: Vem a Mariana, Stefânia e a Andressa ver se está marcada corretamente a Creche e a Associação de Moradores.

L: Está certo?

A: Está correto, professora.

L: Isabel e a Milene que mostraram pra mim que estava faltando marcar o Batalhão da Polícia Militar. Vocês comentaram que fica perto da casa de vocês. Vem ver se está marcado certo

A: Professora é perto da minha casa também.

L: Então vem ver também Marcos.

²⁹ Na transcrição desta atividade para compor o registro do qual extrai esta passagem, utilizei, nos momentos de fala, os símbolos “L” quando a fala é da professora Luciana, “A” para fala dos alunos em geral e F para funcionária, que vai aparecer em um trecho adiante.

L: Está correto?

A: Está.

(Trecho do registro de aula do dia 21/09/2006).

Ao utilizar referências pessoais dos alunos nesta atividade, a professora estabelece sentido concreto às marcações do mapa. Coloca o lugar como algo próximo ao aluno e o insere em sua representação, o mapa.

Desta forma, a professora estabelece sentidos para os alunos, com os quais eles estabelecem identificação. Esses sentidos também “estão contidos nas [...] memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2005, p.51).

Como colocarei, num próximo momento, esses sentidos serviram para a professora como suporte para o andamento da atividade, em um momento de visita a uma edificação situada próxima a escola.

Antes, porém, é necessário retomar uma questão antes colocada: E aqueles alunos que moravam em uma área afastada da escola?

A resposta é dada por um trecho do registro de aula.

L: Ah é oh! No mapa está faltando o assentamento, porque nós temos muitos alunos do assentamento e o mapa não mostra. Está vendo? Esses que ficam nessa região só existe um do assentamento, um da Estância Árvore da Vida, esses dois moram no alto do Sumaré, então eles passam na linha do trem com a perua e todos esses daqui não moram na área de influência, moram em outra região. São dez.

...

L: Esse daqui nós fizemos a marcação de onde cada um mora. Cada um achou sua rua aqui e marcou e eles foram arcando os erros, anotando e eu montei aquele ali e eu fiz, também, uma pesquisa de campo para ver realmente se as informações eram verdadeiras ou não. O que está aqui já está tudo correto e anotado. Você viu que hoje já apareceu mais uma coisa que eles acharam falta que é o Batalhão que abriu novo.

Os dois mapas se encontram apoiados na lousa e são da área de influência da escola Palioto. Cada aluno é marcado com um alfinete com cabeça colorida e os que não moram dentro da área de influência estão marcados e agrupados no local por onde entram nesta área, que é um pontilhão sob uma linha férrea. (21/09/2006)

É importante observar que a professora, ao não encontrar no mapa o local de residência dos alunos, os trouxe o mais próximo possível da área de influência da escola, que é o local por onde entram nesta área.

Não me cabe julgar este procedimento da professora e, também, pela impossibilidade no momento de saber quais eram esses dez alunos, não pude observar a participação deles durante a aula.

Porém, não é necessário ser morador de um local para que possa observar elementos nele inseridos ou para partilhar de sua identidade. Afinal, neste caso, existe um elemento comum a todos que é a escola, tornando-se uma referência, seja central ou periférica, do/no lugar em questão, funcionando como um *foco de identificação*³⁰ (HALL, 2005, p. 58).

Trarei agora fragmentos do registro da atividade que mostrarão como ocorreu a visita uma das casas mais antiga do bairro da escola. A professora realizou esta visita com seus alunos no mesmo dia da atividade envolvendo mapas.

Trechos do registro da aula do dia 21/09/2006:

L: Então hoje, para a gente conhecer melhor o bairro, nós vamos [visitar]... Porque o Jonatas trouxe, junto com o Juliano a história de uma das casas mais antigas do bairro Jardim Eldorado. Antigamente tudo aqui era plantação de algodão. Hoje vai vir a avó da Marcela contar a história e o tio do José para contar a história já que ele sempre trabalhou nas plantações.

...

Essa rua tem esse nome só ali até os predinhos. Está vendo ali os predinhos? É onde o Marcos falou que estava faltando no mapa. É o condomínio Parque das Orquídeas. Não é Marcos?

...

Os alunos vão andando junto com a professora pela rua que permeia uma grande área de mato e pasto.

...

A casa é uma construção bem antiga e mal preservada, de tijolos aparentes e janelas e portas em madeira.

...

Neste momento, Lú, a funcionária da escola [que acompanhou a professora e os alunos para auxiliá-la], explica um pouco sobre o lugar.

(F): Há trinta anos atrás, vinha gente de Nova Odessa, Americana, muita gente, meu marido contou. Nesta casa morava o senhor Salgado com a família, agora ele é falecido, mas existem os filhos, os netos.

³⁰ Um foco de identificação seria, nesta ótica, o elemento que agrega a gama de sentidos com os quais podemos nos identificar, ou seja, estabelecer um vínculo e um reconhecimento. A escola, portanto, assim funciona por ser de conhecimento comum a todos os sujeitos que dela utilizam ou, por qualquer outra razão, a usam como referência cotidiana.

L: Os parentes que moram aqui, por isso o Salgadinho.

F: Então, antes de ter asfalto e tudo, havia uma rua de terra que era só eucalipto de fora a fora, que era só pra transporte de pessoas a pé ou de carroça que vinha para se benzer. Trazer crianças ou adultos para se benzer no Pito salgado, como ele era conhecido. Então vinha gente de muito longe e ele era muito conhecido e, tirando essas plantações de eucalipto que dava o caminho para as pessoas passarem era só algodão. Lá embaixo era sítio e até meu cunhado morou nesse sítio. E era só algodão mesmo e depois que veio a plantação de tomate e berinjela.

L: Anotaram aí?

F: Depois que terminou a plantação de algodão foi plantado tomate e berinjela, que o povo trabalhou muitos anos com isso.

Os alunos anotam o que foi explicado.

Luciana, ao levar os alunos no local, percorreu algumas ruas do bairro, cujos nomes foram anotados pelos alunos em seus cadernos.

É possível observar que a professora mostra para os alunos alguns pontos que foram citados na aula, antes da visita, como referências, fazendo com que os alunos pudessem observá-los na realidade.

A experiência de vida da funcionária foi utilizada por Luciana para dar mais elementos aos alunos sobre a história do lugar. Para tanto, estabelece uma relação de *autoridade partilhada* (SANTOS, 2007). É a voz da funcionária que conta trechos do enredo sobre o passado daquele lugar.

O utilizar da narrativa sobre o bairro, a professora estabeleceu uma conectividade entre a vida cotidiana dos alunos com a história do bairro e, de certa forma, com a do município, através do que Jesus (2003, p.145) aponta como interlocução entre *retrospectiva* e *perspectiva*, ou entre *memória* e *imaginação*, uma vez que é necessário imaginar através da memória, para situar o lugar no contexto do narrado. Trazer o passado para o presente e vice-versa, num ir e vir de sentidos que levam à identificação, ao reconhecimento (HALL, 2005, p.58).

Ganha sentido pensar o lugar como aquele apropriado pelos sentidos (CARLOS, 1996) e que, neste caso, como aponta Gonçalves (2006, p. 72):

A memória tem seu significado, pois ao articular espaço e tempo, ela se constrói a partir de um evento, uma experiência vivida num determinado lugar, fato que tem conseqüência a indissociabilidade entre lugar e identidade.

Dessa maneira, as relações dos sujeitos, alunos e professora, com o lugar, através das pistas aqui apontadas, trazendo elementos que possibilitaram a inserção dos sujeitos com o lugar, ocorreram num sentido vinculado à identidade.

Ainda no sentido dado por Carlos (1996) de lugar apropriado pelos sentidos, onde sua apropriação se dá através do cotidiano, coloco as palavras da professora sobre lugar, para encerrar:

“Eu acho que aluno tem que saber onde ele está localizado, o que tem ao redor dele. Por isso eu relaciono geografia com o estudo do meio. O estudo do lugar dele realmente, [...]”

6. AO CAMINHAR ENCONTREI... (ENSEJOS DE CONCLUSÃO)

Caminhante tuas pegadas
São caminho, nada mais
Caminhante não há caminho
Se faz caminho ao andar
Ao andar se faz caminho
E ao voltar a vista atrás
Se vê a estrada que nunca
Se vai voltar a pisar

Antonio Machado

É o momento de encerrar.

Por um tempo, muito mais sentido que medido, a estrada deste trabalho permeou o meu caminhar.

E agora é hora de mudar o caminho, buscar novas estradas, pois esta, que aqui foi percorrida, não mais voltará.

Ao (re)lê-la diferente será.

Outras interpretações, sentidos, usos e significações poderão ser dados a esta estrada que utiliza deste universo de palavras para alicerçar seu terreno.

E o que eu encontrei ao caminhar por ela?

O que este narrador, em seu caminhar, encontrou através desta narrativa?

Sujeitos, universos e situações já apresentadas que tornaram-se os fios condutores da trama resultante nesta pesquisa.

Retomarei, então, alguns deles e algumas questões apresentadas.

Concluir me soa como imutável e correto.

Não é.

São interpretações dadas pelo meu olhar de pesquisador.

É o caráter vicariante de uma narrativa que possibilita tais constatações. Ao (re)ler uma narrativa, o outro vivencia aquelas palavras através do seu olhar. È, justamente por este motivo, as constatações/interpretações/compreensões são diferentes e mutáveis, de olhar para olhar; de leitor para leitor.

Connelly & Clandinin brilhantemente expõem que “há muito o que se fazer na tarefa de transmitir a idéia de que uma narração está sempre inacabada, de que as histórias serão re-contadas uma e outra vez, e que as vidas serão re-vividas de novas formas” (1995, p. 40, tradução minha).

Por este fato digo que são ensejos de conclusão.

Muito mais adequado, do meu ponto de vista.

Esta pesquisa visou compreender como o ensino do lugar constituiu-se/construiu-se em três localidades diferentes, com seus sujeitos e universos também diferentes, oriundas de duas pesquisas semelhantes, mas que apresentaram distinções marcantes tanto em elaboração quanto em aplicação.

Enquanto a pesquisa envolvendo os municípios de Rio Claro e Ipeúna possibilitou a presença de tutores, auxiliando assim, de forma significativa as aulas das professoras Giovana e Deise, que contavam com o material didático em mãos. A professora Luciana e os sujeitos de seu universo estavam em outra etapa e situação.

Neste caso, o Atlas ainda emoldurava-se e, as atividades práticas realizadas com os alunos possuíam um caráter experimental, para ajustes das páginas que iriam formar o conjunto final do Atlas.

Entretanto, foi possível extrair dos fragmentos do universo da professora Luciana algumas pistas que, aliadas as encontradas nos universos das professoras Giovana e Deise, configuram compreensões pertinentes de serem apresentadas.

Quais são elas?

Primeiramente trarei a questão levantada e que desejava compreender com o caminhar desta pesquisa.

De que forma, estas professoras, em seus diferentes universos e experiências conseguiram construir/constituir o conhecimento sobre o ensino do lugar com seus alunos?

A resposta é simples.

As professoras trouxeram as experiências que possuíam de vivências pessoais/profissionais com o lugar em suas aulas para que, assim, os alunos conseguissem incorporar as visões de lugar que estavam sendo constituídas.

Os alunos não afetavam então as práticas?

Afetavam de forma fundamental.

Foram eles os elementos que forneceram as estruturas para que os professores traçassem os caminhos que foram percorridos.

Em casos como o da professora Giovana, o lugar só não se configurou de forma a interiorizá-lo para os alunos, pois, para ela o próprio lugar, que era tratado em suas atividades, não era intrínseco ao seu universo de experiências cotidianas e de sua trajetória pessoal.

Enquanto isto, fazendo uso de elementos narrativos, que envolviam a história oral, as professoras Deise e Luciana conseguiram que a maioria de seus alunos percebesse o lugar como algo próximo e atrelado ao seu cotidiano.

Não que os alunos de Giovana não o percebessem assim. Percebiam.

Contudo, em suas práticas isto não emergiu uma vez que a professora não deu visibilidade ao fato de que para eles o bairro/município, ou melhor, o lugar, é dado e configura-se como o espaço de relações pessoais afetivas. A casa do vizinho, do primo, do amigo e não por números, letras e nomes sem significado algum para eles.

Por outro lado, os alunos de Ipeúna e Sumaré, cidades tão diferentes, por seu tamanho, história, desenvolvimento, conseguiram fazer uso de *significações* e estabelecer uma *identidade* com o lugar, sendo ele o bairro ou o próprio município (DELEUZE, 2003; HALL, 2005).

As análises de suas práticas trouxeram a compreensão de um outro fator que, se não for o determinante, é um dos alicerces que fundamentam a percepção de que a relação das professoras com o lugar torna-se significativa para os alunos e, sendo assim, possa estabelecer uma relação de identidade com o lugar.

Deise e Luciana possuíam uma forte relação de identidade com o lugar, no caso o município, onde ambas ou seus familiares, participavam da vida política do lugar e, também, carregavam a história do lugar intrínseco a elas. Sempre moraram no município e, assim, conheciam sujeitos e histórias do lugar que trouxeram para os alunos.

Esta identidade com o lugar, carregada de significações trouxe para os alunos, destas professoras, a possibilidade de compreenderem a história de formação de um bairro, no caso de Sumaré e de trechos importantes do passado do município, no caso de Ipeúna.

Mas a identidade estava ali presente nos dois casos. Ao identificarem ruas, lugares e trazerem referências do passado, os alunos conseguiram, em sua maioria, agregar sentido ao conhecimento.

Desta forma, os alunos, enquanto sujeitos, foram colocados diante de um conjunto de elementos que traziam alguma referência com suas experiências cotidianas.

Os outros sujeitos presentes nestes universos ao relatarem experiências somaram significados para os alunos. Ao narrarem fatos e vivências, estes sujeitos deram importância à história, nestes casos através da oralidade e, trouxeram a noção da importância da memória como parte integrante da construção do lugar, pois dele já fizeram parte (GONÇALVES, 2006).

Entretanto é importante realizar questionamentos.

Somente ocorrerão práticas significativas, envolvendo o ensino do lugar, para os alunos, se os professores carregarem significações e identidade deste lugar em suas experiências pessoais e profissionais?

E aqueles professores que trabalham, por alguma razão, em municípios que não os de sua origem e formação e, também, aqueles que, por outras inúmeras razões, podem não carregar significações e identidade com lugar algum, não conseguirão desenvolver, em suas práticas, estes sentidos com seus alunos?

Parto aqui do fundamento que, ao estabelecerem sentidos em suas práticas, para os alunos, não somente com o ensino do lugar, mas qualquer outro tema trabalhado, eles consigam estabelecer um maior envolvimento com o ensino e, assim sendo, com o conhecimento (EDWARDS, 1997).

São questões pertinentes.

Contudo, elas demandam outras investigações e maneiras de enxergar as relações entre saberes e práticas que permeiam o ensino do lugar para serem compreendidas. Afinal o próprio conceito de lugar percorre diversos caminhos.

Ficam as questões. Vivas.

Como uma aurora que ilumina um novo dia a cada manhã.

Seria um novo caminho?

O meu caminhar neste momento se encerra.

E sobre os caminhos percorridos/alcançados/compreendidos/emergidos neste trabalho, discorro com estas palavras, que:

[...] não existe um único, mas diferentes caminhos. Caminhos percorridos por cada sujeito na diversidade de ações, representações e interações realizadas/vividas. Caminhos complexos, acidentais, plurais, multidimensionais, heterárquicos, fluidos, imprevisíveis, que se abrem e se deixam contaminar, permanentemente pelas ações, pensamentos e imagens do mundo contemporâneo, enredando representações, significados e pessoas. Uma complexidade que não se esgota nunca e que, apesar de estar em todo lugar, não se deixa capturar. No máximo, ser vivida e com alguma dose de sorte, sentida. (FERRAÇO, 2002, p.103).

7. BIBLIOGRAFIA

(NORTEADORES DO CAMINHO)

AGUIAR, Lígia Maria Brochado de. **A cumplicidade entre a oralidade e a visualidade: lendo o mundo através dos mapas**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, 2005.

ALMEIDA, R. D.; OLIVEIRA JR., W. M.; TENCA, A.; BONOTTO, D. M. B.; PEDUTTI, S. K. **Integrando Universidade e Escola por meio de uma Pesquisa em Colaboração – Atlas Municipais Escolares – Fase 2**. 2004. (Projeto – FAPESP nº 02/00117-0).

ALMEIDA, Rosângela Doin de (Coord.). **Atlas Municipal Escolar: Geográfico, histórico, ambiental**. Rio Claro – SP: FAPESP/Prefeitura Municipal de Rio Claro/UNESP, 2001.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Integrando Universidade e Escola por Meio de uma Pesquisa em Colaboração**. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Instituto de Biociências. Rio Claro, 2001a.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-38. (Coleção Metodologia e Pesquisa no Cotidiano)

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. **Os olhares do caminhante nos territórios do ensino de Biologia**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Campinas, 2000.

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. A tessitura do conhecimento em redes. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 55-68. (Coleção Metodologia e Pesquisa no Cotidiano)

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma investigação à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. (Coleção Ciências da Educação, 12)

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMARGO, Paulo Estevão Bueno de. **Uma investigação sobre saberes e práticas docentes no ensino da localidade, em 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental (áreas de História, Geografia e Ciências) em Ipeúna – SP.** Relatório Final de Iniciação Científica. (Projeto – Fapesp nº 01/11841-9), Rio Claro, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CAZETTA, Valéria. **Práticas educativas, processos de mapeamento e fotografias aéreas verticais: Passagens e constituição de saberes.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, 2005

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CONNELLY, F. Michael.; CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA BONDÍA, Jorge et. Al. **Déjame que te cuente:** ensayos sobre narrativa e educación. Barcelona: Editorial Alertes, 1995, p. 11-59.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta. In: MYNAIO, Maria. C. Souza. **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

EDWARDS, Verónica. **Os Sujeitos no Universo da Escola.** São Paulo: Ática, 1997.

ELLIOTT, John. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Eisabete Monteiro de Aguiar (Orgs.) **Cartografias do Trabalho Docente: professor(a)-pesquisador(a),** Campinas, SP: Mercado de Letras /ALB, 1998. p. 137-152.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 91-107. (Coleção Metodologia e Pesquisa no Cotidiano)

FIORENTINI, Dario. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAÚJO, Jussara de Loiola (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 47-76.

FLECHA, Ramón. **Compartiendo palabras: El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo.** Barcelona: Piados, 1997.

FONTANA, Roseli A. Cação. A Elaboração Conceitual: A Dinâmica das Interloquções na Sala de Aula. In: SMOLKA, Ana Luiza B.; GÓES, Maria Cecília R. de (Orgs.). **A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar: Vigotsky e a construção do conhecimento**. 4ª Edição. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GONÇALVES, Amanda Regina. **Os espaços-tempos cotidianos na geografia escolar: do currículo oficial e do currículo praticado por professores de uma rede colaborativa de trabalho**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o Problema do ser; O Caminho do campo**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-68, 1999.

JESUS, Regina de Fátima. História Oral – da prática da pesquisa à prática docente: uma opção epistemológica. In: GARCIA, Regina Leite. (Org.) **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 141-156.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência, In **Leituras**, Campinas: Secretaria Municipal de Educação, nº 4, julho de 2001.

LOCALI, Rafaela. **Práticas Docentes sobre Ensino do Lugar e Cartografia Escolar no Contexto de uma Pesquisa Colaborativa: Processos de uma Construção**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, 2008

MACHADO, H. M. F. G.; MORINI, R.; NICOLETTI, F. L. **Atlas Municipal Escolar: Geográfico, histórico, ambiental**. Ipeúna - SP. Prefeitura Municipal de Ipeúna, 2000.

MACHADO, Hélia Maria de Fátima Gimenez. **Uma História para Ipeúna**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, 2004.

MANHÃES, Luiz Carlos Siqueira. Redes que te quero redes: por uma pedagogia da embolada. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 69-90. (Coleção Metodologia e Pesquisa no Cotidiano)

MARTINS, Mirian Celeste. O Sensível Olhar-Pensante. In: WEFFORT, Madalena Freire. (Org.). **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2ª Ed. PND. 1996. p. 20-37 (Série Seminários)

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores: entre saberes e práticas. **Educação & Sociedade**: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES). nº 74, ano XXII, abril, 2001. p.121-142.

MOURA, Manoel Ariosvaldo de. A atividade de ensino como unidade formadora. **Bolema**, Ano II, n. 12, 1996. p. 29 – 43.

NACARATO, Adair Mendes; VARANI, Adriana; CARVALHO, Valéria de. O cotidiano do trabalho docente: palcos, bastidores e trabalho invisível... abrindo as cortinas. In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Eisabete Monteiro de Aguiar (Orgs.) **Cartografias do Trabalho Docente**: professor(a)-pesquisador(a), Campinas, SP: Mercado de Letras /ALB, 1998. p. 73-104.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigo. **A cartografia escolar e as práticas docentes nas séries iniciais do ensino fundamental**. (Dissertação de Mestrado). PPGE, CECH, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, 2003.

PELLISSARI, Mariá A **O diário de campo como instrumento de registro**. Mimeo, 1998.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Professor como pesquisador: O enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Eisabete Monteiro de Aguiar (Orgs.) **Cartografias do Trabalho Docente**: professor(a)-pesquisador(a), Campinas, SP: Mercado de Letras /ALB, 1998. p. 153-181.

PEZZATO, João Pedro. **Ensino de geografia: história e práticas cotidianas**: Estudo de caso envolvendo três escolas e três professoras atuando no ensino de Geografia nas 5ªs séries do Ensino Fundamental de Maringá – PR. 2001. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, 2001.

Plano de Gestão da Escola Estadual “Dr. Ulysses Guimarães”. Ipeúna, 1999.

Plano de trabalho para o ano de 2002 da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Dr. Ulysses Guimarães”. Ipeúna, 2002.

RODRIGUEZ LESTEGÁS, Francisco. **La elaboración del conocimiento geográfico escolar: ¿de la ciencia Geográfica a la geografía que se enseña o viceversa?**. Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia. nº 24. Abril, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: Contra o desperdício da experiência. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TARDIF, Maurice. **Didática, Currículo e Saberes Escolares**, São Paulo: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas: UNICAMP, v.21, n.74, p. 112-128, fev, 2001.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Revista Teoria & Educação**. n.4, p. 215-233, 1991.

TAVARES, Maria Tereza Goudard, Uma escola: texto e contexto. In: GARCIA, Regina Leite. (Org.) **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 43-62.

TAVEIRA, Eleonora Barreto. A pesquisa no/do cotidiano e suas múltiplas possibilidades de apresentação. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 109-129. (Coleção Metodologia e Pesquisa no Cotidiano)

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1998. 108 p.

WEFFORT, Madalena Freire. Aprendizagem do olhar. In: WEFFORT, M. F. (Org.). **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2ª ed. São Paulo: PND. 1996. p. 10-14. (Série Seminários)

WEFFORT, Madalena Freire. Importância e função do registro escrito, da reflexão. In: WEFFORT, Madalena Freire. (org.). **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2ª Ed. PND. 1996. p. 41- 44 (Série Seminários)

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **A pesquisa etnográfica como construção discursiva**. In: Acta Scientiarum, ISSN 1415-6814. Maringá, 23 (1): 27-32, 2001.

ZABALZA, Miguel. A. **Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Porto: Porto Editora, 1994. 206 p. (Coleção Ciências da Educação, 11)

ANEXO 1

REGISTROS DE AULAS DA PROFESSORA GIOVANA

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA GIOVANA – 18/03/2003

A classe, 3ª série “A”, contava com 25 alunos presentes. A escola situa-se num bairro de grandes carências, é bem conservada tanto interna, quanto externamente, observando-se o fato de que apenas a escola, a R.A.I. e o centro de saúde serem construções relativamente modernas e com acabamento.

Giovana inicia sua aula fazendo uma rápida apresentação minha e da tutora Hélia, onde abre espaço para que falássemos o que foi feito de forma rápida.

A professora pede aos alunos as atividades que eles ficaram de trazer de casa, sendo esta atividade uma ficha que deveriam preencher e desenhar com dados pessoais. Giovana recolhe as fichas da maioria dos alunos que realizaram a atividade. Observo que a professora possui uma boa relação com a turma, sendo dedicada e atenciosa, demonstrando conhecer as particularidades dos alunos.

Para os alunos utilizarem os banheiros ela separa dois bonecos (uma Mônica vestida de coelho e um Pateta), que são destinados as meninas e aos meninos respectivamente, sendo obrigatório levar os bonecos em cada saída como uma espécie de controle.

Giovana pede aos alunos que façam uma roda para conversa, como já realizada anteriormente e com paciência os ajuda na arrumação das carteiras. Neste momento também, procura dedicar atenção especial ao aluno Alessandro que apresenta problemas de adaptação na escola recusando-se a assistir aulas. Depois de arrumadas as carteiras, para a atividade, ela se retira da sala tentar trazê-lo para dentro, o que só consegue quando o irmão do mesmo se dispõe a ficar alguns instantes na aula. Durante a saída da professora os alunos dizem para Hélia que Alessandro sente saudades da mãe e por isso não consegue ficar na aula.

Feito isso, Giovana senta-se num canto da roda e com uma caixa preta em mãos diz que todos irão realizar a brincadeira “roda da caixa”, explicando para os alunos que quem estiver de posse da caixa irá falar um pouco sobre a sua vida e deixa bem claro que quem estiver com a caixa fala e os outros escutam.

Na primeira rodada nenhum aluno fala, demonstrando vergonha e insegurança sobre o que falar. Giovana, quando a caixa chega até ela novamente, decide contar um pouco de sua história de vida. Ela enfoca pontos interessantes de sua vida como não ser de Rio Claro e ter vindo para a cidade estudar na faculdade, conta sobre sua família (número de irmãos e profissões de cada, etc.).

Terminada sua fala ela pergunta novamente se alguém deseja falar e dessa vez alguns alunos erguem o braço.

A primeira a falar é a aluna Camila.

A professora faz algumas perguntas a aluna como, por exemplo, se ela é de Rio Claro ou de outra cidade. A aluna conta que sim, mas que morava em outro bairro, na casa de sua tia e que agora, por seu pai estar construindo não paga mais aluguel.

O aluno Marcos também fala e conta que morava aqui, depois se mudou para Campinas e que retornou a Rio Claro com oito anos e diz ainda que tem três irmãs e um irmão.

Outra aluna diz que nasceu em Minas Gerais e que veio para cá muito nova. Portanto, não se lembra da mudança. Giovana vai fazendo perguntas para tentar retirar mais informações dos alunos que decidem falar.

Camila pede para falar novamente e conta sobre seu nascimento. Relata que nasceu com um “caroção” que teve que ser removido e que seu irmão mais novo também nasceu com um “negócio” que ela não se lembra o que era, mas que não sarava. Chora ao falar que seu irmão morreu.

Giovana se levanta e vai até lá para consolar a aluna e ali permanece por um tempo.

Retomando a atividade, esta pergunta se mais alguém gostaria de falar.

Taline diz que gostaria, mas não foi possível ouvi-la, pois estava falando muito baixo, fato reclamado pelos alunos. A professora pede calma e, depois que a aluna termina sua fala, conta para a classe o que foi relatado por ela sobre sua história, aproveitando o momento para perguntar para a aluna se era de Rio Claro.

Outros alunos contam suas histórias, atentos aos mesmos fatores como número de irmãos, nome dos pais e idades de todos eles. A professora sempre pergunta a todos se estes são do município ou se vieram de outros lugares.

Ela retorna ao seu lugar na roda.

O aluno Danilo, contando sua história, diz os nomes dos pais, irmãos e idades respectivas. Conta, também, que os avós moram com sua família e que moravam com a tia, mas agora seu pai está construindo no fundo da casa da mesma. A mãe, ele conta, mora bem longe dele, diz ainda que tem muitos colegas na escola e que a professora é boazinha.

Os alunos estão agitados e por isso Giovana pede silêncio algumas vezes, utilizando os termos “respeito entre colegas”.

Enquanto uma aluna fala, outras duas se levantam e vão conversar com a professora. Muitos alunos pedem para ir ao banheiro, mas ela diz que eles só sairão na hora do leite, a qual se aproxima.

Nessa altura os alunos já perderam o receio de falar e isso leva todos a falarem ao mesmo tempo requerendo um pedido de atenção da professora, que resolve o problema.

Outro aluno decide falar, mas um aluno diz para a professora encerrar a atividade com um “Já chega professora!”, mas esta diz que todos têm o direito de falar.

Camila fala de novo e conta sobre problemas de saúde com uma tia e Giovana novamente tem que pedir silêncio para a turma, pois a conversa atrapalha as apresentações.

Giovana combina com os alunos que quem já falou não irá falar mais, encerrando esta parte da atividade.

Começa a explicar a próxima atividade que se constituirá na confecção de um desenho, pelos alunos, que deverão apresentar fatos importantes que ocorreram no decorrer da vida de cada um.

Explica que os alunos deverão, também, colocar uma frase no desenho para explicar o que desenharam e, em seguida, quem tiver terminado pode contar um pouco, para a turma, sobre o desenho.

Bate o sinal para o leite. A maioria dos alunos sai e uns poucos se dirigem a mim e a tutora Hélia para fazerem algumas perguntas.

Ao voltar do leite os alunos começam a desenhar. Alguns perguntam para Giovana o que podem desenhar. A tutora Hélia circula pela classe verificando os desenhos dos alunos e perguntado a eles sobre o porquê de estarem desenhando determinado fato.

Os alunos sentados próximos a mim apresentam erros de português nas frases explicativas dos desenhos e Giovana quando passa por eles procura corrigi-los.

Quando circulo pela sala observo que os desenhos se baseiam em fatos já ocorridos ou na família, em sua maioria. Apenas o aluno Alessandro faz um desenho mostrando a festa de seu aniversário que ainda vai acontecer, no dia vinte e cinco deste mês.

Após algum tempo a professora pergunta se todos já terminaram e se alguém gostaria de apresentar o desenho feito, pedindo que todos voltem a seus lugares.

Os alunos vão apresentando os desenhos, mostrando o que mais gostaram de fazer ou gostariam de fazer, de serem e sobre a família. São poucos os que não mostram o desenho para a sala e Giovana se mostrou sempre paciente e atenta.

Em determinado momento, com os alunos já impacientes para sair para a aula de educação física conversando demais, Giovana recolhe os desenhos e encerra a atividade.

Enquanto esperam, alguns alunos retiram de uma prateleira, situada no fundo da sala, livros para lerem ou simplesmente folhearem.

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA GIOVANA – 26/03/2003

Ao chegarmos na escola, a tutora Hélia e eu, a classe já se encontrava organizada na sala e a professora Giovana estava na porta tentando fazer com que o aluno Alessandro, que estava acompanhado pela mãe, entrasse na sala de aula. Este chorava muito e a mãe tentava empurrá-lo para dentro de uma forma que me pareceu agressiva.

O aluno, por fim, entra na sala e senta-se na primeira carteira, ao lado da porta, e chora muito.

Giovana começa sua aula pedindo aos alunos que se sentem. Informa que, pela lista de chamada, a aluna Carol foi escolhida para falar sobre uma ficha de leitura, mas a aluna se recusa. A professora pergunta se outros alunos gostariam de apresentar e nenhum se habilita, sendo que, apenas Carol acaba falando que sua leitura se relacionava com águas.

Giovana pede que os alunos se preparem mais para a próxima leitura e recolhe as fichas dos alunos que a trouxeram.

A professora ao apagar a lousa diz que hoje todos vão trabalhar com história e escreve na lousa:

RIO CLARO, 26 DE MARÇO DE 2003. CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Os alunos reclamam que não trouxeram o caderno de história e Giovana fala para usarem de outras matérias. Uma aluna sentada próxima a mim realiza todas as atividades em pé, mostrando-se muito agitada mesmo quando se senta.

A maioria dos alunos parece estar mais calma na atividade de hoje, comparada com a da semana passada.

Giovana inicia falando que pegou a certidão de nascimento de todos os alunos da classe, exceto de três, já que a escola não possuía tal documento. Os três se manifestam dizendo que esqueceram de avisar e pedir para os pais o documento e a professora diz que havia avisado para todos que estaria trabalhando com isto na aula de hoje e pede, aos alunos que não possuem a certidão, que se sentem com os colegas para realizar a atividade.

Ela diz que primeiro deve-se entender para que serve uma certidão de nascimento. Os alunos dizem, imediatamente, que serve para não se esquecer da data de aniversário.

Ela pergunta para a sala: “O que significa certidão de nascimento?” A aluna Camila diz que sabia, pois, na primeira série, já havia trabalhado com isso e acaba dizendo que é um registro, para registrar o ano e o dia do nascimento.

Giovana diz que, também, serve para mostrar o lugar de nascimento e que o registro é o primeiro documento oficial de uma pessoa.

Ela pergunta: “O pai e a mãe fazem o registro para quê?”.

Os alunos dizem que é para registrar que alguém nasceu e que há alguém novo em determinado lugar.

A professora segura em uma mão seu registro de nascimento e, um aluno diz que o documento serve para alguém entrar na escola, onde uma cópia é deixada. Um outro aluno diz: “o nome”, para tentar explicar que o nome verdadeiro da pessoa é o contido na certidão de nascimento, fato este explicado pela professora.

Ela expõe também que dificilmente se muda o nome presente na certidão e a aluna Camila diz que sua mãe queria mudar o nome da irmã menor e não conseguiu.

Giovana fala que para se entrar na escola, ele se torna necessário para a obtenção de informações sobre as crianças.

Um aluno pede, impaciente, sua certidão enquanto um outro aluno pergunta por certidão de filhos gêmeos. Giovana explica que são diferentes, pois cada pessoa é diferente da outra, pelo menos no nome, e um aluno complementa falando que uma parte deve ser igual a do outro no registro e a professora confirma essa afirmação.

Outro aluno diz possuir duas certidões, pois, sua avó, possui uma cópia. Giovana explica para ele que somente uma certidão existe, a original, e que várias cópias podem ser tiradas e pergunta com quem este aluno mora no momento, se com a avó ou com a mãe e ele diz ser com a segunda.

O assunto, gêmeos, desperta o interesse dos alunos e todos acabam contando uma história relacionada ao tema.

Giovana, que segura sua certidão de nascimento, mostra o brasão da república e lê “República Federativa do Brasil”, perguntando, em seguida, o que significaria esta expressão. A resposta foi unânime: “nosso país!”.

Continua lendo todo o cabeçalho da sua certidão, até chegar na parte relativa ao seu município de origem, Taubaté. Nesse instante, ela questiona a sala sobre o que seria comarca de Taubaté e, novamente, todos respondem se tratar do município.

A maioria dos alunos acaba dizendo que nasceu em Rio Claro.

Ao avançar na leitura da sua certidão, a professora chega no ponto relacionado aos avós, paternos e maternos perguntando: “O que são avós paternos e maternos?”.

Os alunos respondem ser paternos os pais do pai e, da mãe, os maternos.

Um aluno pergunta à professora o porquê de sua certidão estar rasurada. Olhando para a certidão Giovana diz que está assim para que nada mais fosse escrito naquele espaço.

Ela explica para a sala que existe alguém para fazer essa certidão e que não é necessário levar a mãe e o bebê até lá, esta é a função do declarante que, levando um papel do nascimento da criança, realiza o registro num cartório.

No seu caso ela diz ter sido o pai, seu declarante, e continua explicando que existem diferentes modelos de certidões e que essas mudam, conforme a cidade, região ou cartório o registro é realizado.

Como modelo ela pega a certidão do aluno Hiang, que é muito pequena se comparada a dela. Um aluno diz que a diferença se dá pelo fato do colega ainda ser criança e a professora já ser um adulto. A professora, no mesmo instante, pergunta ao aluno se ela também não foi criança um dia, num ar de descontração.

Outros alunos já falam que é porque a do colega é de outra cidade e Giovana diz que mesmo sendo pequena, a certidão contém todas as informações contidas numa outra, de maior porte.

Um aluno, próximo a mim, diz que a certidão da sua irmã mais velha está toda rasgada enquanto a professora mostra a certidão do aluno Alessandro que é do mesmo tamanho que a dela, mas de outro modelo e, mesmo assim, apresenta as mesmas informações.

Um fato interessante acontece quando, ao ler a cidade natural da mãe do aluno Alessandro, uma aluna se manifesta dizendo que conhece a cidade em questão e, Alessandro, diz que não conhece os avós, já que nunca foi para lá.

Giovana vai explicando as fichas que entregará aos alunos e estes parecem possuir dúvidas comuns como, por exemplo, o preenchimento do sobrenome, que é explicado com muita calma pela professora.

Uma das alunas que está sem certidão de nascimento se manifesta dizendo que não poderá estar realizando a atividade e a professora diz que, a mesma, ficará sem realizar a atividade até que traga a certidão para a escola.

Giovana explica para a turma que pode acontecer de algum aluno não possuir, em seu registro, o nome do pai e dos avós paternos e, se isto acontecer, deve-se deixar o espaço em branco.

Ela fala para a sala que os três alunos, que estão sem o registro para a atividade, ficarão presentes para ajudar os colegas que irão desenvolver a atividade.

Pede que os alunos se sentem em duplas, os ajuda na arrumação das carteiras e, também, na seleção das duplas.

A maioria das crianças realiza a atividade, até certo tempo, com calma, mas logo estas se agitam e começam a circular pela sala, para apontar as dificuldades com os colegas.

Todos saem para tomar o leite e retornam, dando continuidade na atividade.

Giovana vai de carteira em carteira ajudando os alunos, tirando dúvidas e descobrindo um pouco mais da história de vida de cada um. O mesmo faz a tutora Hélia, se revezando com a professora Giovana.

Ao circular pela sala percebo que as maiores dificuldades dos alunos se referem a: sobrenome, declarante e avós, paternos e maternos.

Muitas crianças pedem minha ajuda para preencher a ficha e eu tento os ajudar de uma maneira clara, mas noto que muitos possuem uma dificuldade na escrita básica, como transferir o nome, contido na certidão, para a ficha.

Giovana recolhe as fichas e se prepara para iniciar uma nova atividade

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA GIOVANA – 23/05/2003

8:15 horas. Eu e o tutor Sérgio chegamos na sala de aula da professora Giovana. Abrir a porta transmite a sensação de se entrar num espaço muito claro e iluminado, devido a posição das janelas que são voltadas para leste. As cortinas amenizam um pouco a luminosidade. Os alunos estão organizados em grupos, espalhados pela sala. Ao entrar na sala eles me reconhecem [*acompanhei, antes dessa, somente duas atividades dessa professora, com orientação da tutora/companheira Hélia*] e comentam sobre minha mochila, de cor amarelada.

Ao entrarmos, Giovana nos cumprimenta com um aceno, mas não interrompe a conversa que está tendo com os alunos.

Nos acomodamos no fundo da sala.

Giovana pergunta se pode distribuir as caixas para elaboração das maquetes e eles dizem que sim. A maioria dos alunos está descalça e falando muito alto, chegando a gritar em determinadas vezes.

As caixas que serão distribuídas são grandes, utilizadas como embalagens para caixas de leite e papéis, por exemplo. Além destas caixas, uma para cada grupo, Giovana distribui caixas de fósforo vazias e outras como embalagens de remédios, etc, de tamanho menor.

A professora vai conversando com os grupos, seis no total, sendo quatro grupos mistos, um formado somente por meninos e outro por meninas.

Giovana saliente muito, nas suas explicações, a palavra grupo e que o trabalho deverá ser realizado com colaboração de todos os integrantes dele.

Ela explica que a caixa maior é a sala de aula e que o grupo deverá representa-la, utilizando, para isso, o material fornecido. Deve-se para isso olhar a sala, e decidir como irão organizar a representação. Por exemplo, ao fazer essa observação, Giovana pergunta para os alunos se colocarão as carteiras em fileira, como o habitual ou seu colocarão em grupos, como está hoje.

Os alunos começam a conversar e debater sobre a atividade, mas, para isso, falam muito alto novamente, causando tumulto.

Dois alunos (um menino e uma menina), discutem e a professora é solicitada para aparta-los. Nessa altura os alunos já gritam, ao invés de conversarem.

Giovana consegue contornar a situação, colocando novamente os grupos para trabalharem nas atividades, dispersando a falta de atenção [*essa é uma das características mais marcantes da professora. Ela não se assusta com nenhum problema que ocorre em sua sala, e resolve todos de maneira paciente. Giovana aparenta conhecer muito todos os seus alunos*].

Os alunos começam a montar as maquetes e o barulho agora é mínimo. A professora Giovana fica no grupo onde se deu o “conflito” e eles fazem o trabalho com calma.

Vai andando de grupo em grupo, ajudando, mostrando como se deve fazer, e retirando algumas dúvidas.

8:37 horas. No grupo, localizado a minha frente, ela pergunta quantas carteiras existem na sala. Os alunos dizem 32 e a professora explica que não terão 32 caixinhas de fósforo para representar as carteiras e diz que terão que desmontar ou recorta-las. Faz a mesma pergunta para o grupo ao lado e os alunos desse dizem ter 26 carteiras na sala e eles discutem a melhor forma de monta-las.

Sérgio observa, andando pela sala, as atividades dos grupos.

Sérgio pede para que um aluno fale mais baixo explicando para ele que se todos falassem alto como ele não seria possível conversar. Mas todos na sala estão falando alto, novamente, nesse momento.

Giovana distribui tesouras para todos os grupos e pergunta se eles cortaram as caixinhas para saberem se serão suficientes para a representação das carteiras.

Uma mulher adentra a sala trazendo caixas. Entra na sala, coloca as caixas no chão, perto da mesa da professora e sai.

Nos grupos próximos a mim os alunos discutem detalhes como livros e armários existentes na sala, antes de começarem a montá-los. [*veja que depois de resolvido o problema das carteiras, alguns grupos ficam atentos a detalhes da sala, como cortinas, ventiladores, etc.*].

No grupo que está próximo a porta, o tutor explica para todos como se trabalhar em grupo, através de propostas coletivas até chegarem a realização do trabalho.

Mais próxima ao local onde estou sentado, Giovana pergunta novamente a um grupo como eles farão as carteiras, se divididas em fileiras ou em grupos.

Os alunos de outro grupo dizem haver, na sala, 26 carteiras e agora ela diz que não, e que eles contaram somente aquelas utilizadas pelos alunos no momento, não colocando nem mesmo eu ou o tutor como carteiras, no caso.

Giovana também explica que primeiro deve-se montar a maquete, organiza-la e somente depois se realizar a colagem das peças. A maioria dos grupos já colou alguma coisa. A professora pede que o aluno Danilo fale mais baixo. Ela diz que senão gritar ela não o ouvirá e ela diz que ouvirá do mesmo modo.

Os demais grupos trabalham tranquilos, recortando e colando, e alguns alunos andam pela sala.

8:51 horas. Giovana pacientemente conversa com os alunos de um grupo, explicando as maneiras de se utilizar o material. Nenhum dos integrantes se entendem sobre o que fazer e como fazer.

Serginho procura explicar para outro grupo a localização da sala e como dimensioná-la na maquete. Mostra a eles que devem visualizar a sala e tentar observar as coincidências entre a caixa e o espaço da sala. Giovana fala para outro grupo sobre a necessidade de montar a maquete e, somente depois, colar as peças.

A aluna Taline diz que sua colega de grupo quer fazer uma porta gigante para a sala representada na maquete e trás a maquete na cabeça até onde a professora se situa, do outro lado da sala, próxima a mim. Giovana fala que esse tipo de problema deve ser resolvido entre o grupo. Um aluno brinca com Taline que sai correndo pela sala atrás dele com a maquete na cabeça ainda.

O aluno Danilo vem até minha carteira pedindo ajuda para abrir a tampa do tubo de cola. Tento ajudá-lo, mas a tampa está colada ao frasco. Serginho vem até nós e sugere que o aluno morda a tampa e gire o tubo. A tampa se abre.

Está abafado dentro da sala, com muito Sol incidindo nas janelas e, mesmo após uma aula de educação física os alunos continuam vestindo agasalhos.

Reparo que na parede do lado direito da sala, num varal, está fixada uma cartolina de cor verde onde se pode ler:

Contrato da 3ª A
- Respeitar o amigo.
- Estudar bastante.
- Falar quando for necessário.
- Levantar a mão para falar.
- Trazer garrafa de água.
- Pedir para ir ao banheiro somente quando for necessário.
- Brinquedos no recreio.
- Respeitar a Professora.

Uma aluna do grupo que está ao lado de minha carteira chama todas as colegas do grupo situado na frente da sala para virem observar o trabalho que está sendo feito.

9:05 horas. Os alunos realizam as atividades, discutindo coisas como o que se deve colocar na maquete, o momento certo para se colar as peças e no lugar certo.

Giovana novamente pede que os grupos montem primeiramente as peças e só depois as coleem.

Um aluno do grupo próximo a porta desenha. Quando cheguei na sala ele me mostrou um desenho de um peixe. A professora pergunta se ele não está realizando a atividade e ele responde que

não, pois ninguém no grupo estaria ouvindo suas idéias. Ele continua desenhando, copiando uma gravura de um livro.

Os alunos se lembram de fazer as janelas, que são constituídas de três grandes partes acortinadas. Os alunos insistem em colocar seis janelas na maquete, mas o tutor Sérgio explica que apesar de serem seis partes que se abrem, são somente três janelas.

Giovana circula entre os grupos, assim como o tutor, dando sugestões e auxiliando na confecção do trabalho.

No grupo do aluno Danilo, um aluno se isola e senta-se sozinho na primeira carteira, ao lado da porta. É Diego, que não quer mais realizar a atividade.

Os alunos pedem canetas hidrocores para poderem fazer mais detalhes nas maquetes, assim como pedem folhas de papel, para confeccionarem as cortinas e a lousa, segundo ouço. Fita adesiva também é solicitada.

Giovana atende prontamente os pedidos da sala, buscando em seu grande armário, localizado no canto esquerdo da sala, atrás de sua mesa, o material.

Alguns grupos fazem detalhes como calendário, mural com as datas dos aniversariantes do mês, etc.

Circulo pela sala. Um grupo pinta dentro da maquete alguns riscos. É possível identificar que são as cortinas da sala de aula.

Outro grupo diz que vai deixar as carteiras para depois, já que, segundo eles, é a parte mais difícil, e que preferem confeccionar as partes mais fáceis primeiramente, como a porta, cortinas, armários, tudo realizado com muita riqueza de detalhes.

Giovana vai circundando os grupos, observando os trabalhos e noto satisfação em sua expressão.

As janelas foram abertas e entra vento por elas.

Giovana tenta realizar algumas perguntas para um grupo, mas os integrantes não querem responder. A professora sai.

Um grupo termina a atividade e a maquete é exibida para os colegas.

Os demais grupos já estão colando as peças mais detalhadas da maquete.

Três alunos vêm até minha carteira, para falar comigo. Ficam impressionados com a quantidade de anotações que faço, dizendo que escrevo demais. Fazem pergunta sobre o que eu estou anotando em meu caderno. Uma aluna pede que eu ajude seu grupo a recortar a porta da maquete. Acho melhor não interferir. [*a turma da professora Giovana é muito comunicativa. Em todas as minhas observações eles vêm até minha carteira para perguntarem ou contarem algo*].

Os alunos finalizam as maquetes com a confecção de detalhes, s vezes nem presentes na sala, como uma vassoura, por exemplo.

9:37 horas. A aluna que solicitou minha ajuda recorta a porta com uma caneta, furando, para isso, o papelão.

Um grupo, ao terminar a colagem, começa a identificar nas representações de cada carteira, a posição dos demais colegas na sala.

A conversa agora, apesar de ser intensa, é produtiva, envolvida sempre com a atividade. Os grupos trocam detalhes e experiência de como realizar tal objeto, por exemplo.

Giovana pede que cada grupo volte ao seu lugar.

A professora vai até seu armário e pega uma maquina fotográfica. Tira uma foto da sala. Os alunos de um grupo pedem que ela tire uma deles. Giovana se posiciona para tirar outra fotografia da sala. Desta vez se preocupa em incluir as aluna na foto.

O grupo da aluna Taline faz outra maquete, enquanto ela amassa e coloca no lixo a primeira maquete feita. Farão a nova maquete na tampa da caixa da descartada.

Um grupo risca na maquete, no local que representa o piso da sala, as marcas do cimento enquanto outro grupo utiliza a tampa da caixa como teto, colocando nela, inclusive, representações das luminárias da sala, discutindo com a professora a quantidade delas. [*os alunos demonstram muita criatividade nesse trabalho, buscando aperfeiçoar as maquetes e traze-las o mais próximo da realidade*].

9:54 horas. Um professor abre a porta da sala, e começa a falar, sem pedir licença, que não admite que mexam em material. Ele está nervoso. Aponta para um aluno e diz que ele saiu para ir ao banheiro mexeu em seus objetos pessoais e sai da sala.

O aluno fica quieto em seu lugar e Giovana nada diz.

Um aluno, quando a professora está próxima Amim, comenta no ouvido dela que pareço o ator Reynaldo Gianechinni. A professora brinca comigo dizendo: “Que elogio!”. Alguns alunos da sala possuem comportamentos antagônicos, sendo alguns agitados em excesso, enquanto outros são quietos e passam até despercebidos.

O grupo localizado no meio da sala possui muitos alunos quietos. Observo que um dos alunos desse grupo apenas observa tudo, não participando ativamente da confecção da maquete.

Um aluno diz voz alta que a sala toda está dentro da maquete.

Os alunos vão terminando a atividade e percebo que detalhes muito minuciosos são colocados, como o lixo, por exemplo.

Giovana se senta com um grupo para conversar sobre os detalhes que eles colocaram na maquete. Os demais grupos vão encerrando as atividades. Mas ainda surgem discussões sobre onde colocar as representações de determinados objetos na maquete.

Um grupo faz uma vassoura e outro tenta, algum tempo depois, fazer uma outra. Noto não haver vassouras na sala.

Um aluno engole uma pequena esfera de aço, ao meu lado, engasga um pouco e os colegas o ajudam, mas parece não se importar muito.

Taline mostra para outro grupo seu trabalho e Giovana diz não ser, ainda, o momento certo para isso.

Os alunos recolhem o lixo espalhado pelo chão e carteiras e organizam a sala. Apenas dois grupos ainda não terminaram a atividade. Os dois grupos mais próximos a mim.

10:15 horas. Faltam cinco minutos para o intervalo e os alunos já começam a correr, para terminar a atividade a tempo.

Uma aluna desenha a professora e a coloca dentro da maquete, só que representa a professora com longos cabelos loiros, mas ela é morena. Giovana adora e se diverte com as alunas. O mesmo grupo coloca o nome dos colegas nas respectivas representações das carteiras.

Começa a ventar forte e uma grande quantidade de poeira esta suspensa no ar, já que o bairro não possui asfalto.

Os alunos vão saindo para o intervalo.

Uma mulher entra na sala, puxa uma aluna e lhe diz que seu pai faleceu a poucos minutos. A aluna sai chorando. É a aluna Gislaíne. Alguns alunos fazem cara e pesar enquanto outros nem percebem a presença da mulher na sala.

Giovana vai guardando os materiais dos grupos retardatários, agilizando o término das atividades.

A sala volta a ficar limpa, já que, com o decorrer da atividade, muita sujeira foi produzida.

A professora pede que cada aluno volte para o seu lugar.

O sinal do intervalo toca.

Giovana guarda as maquetes em cima dos armários da sala e a atividade se encerra.

As demais salas da escola saem para o intervalo, assim como a da professora Giovana.

10:25 horas Eu e o tutor Sérgio deixamos a escola.

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA GIOVANA – 30/05/2003

8:16 horas. Chego no ponto de ônibus onde espero, sempre, os tutores que acompanham as atividades de minhas professoras. Os dedos gelados, devido ao frio da manhã, tornam difícil a escrita. Enquanto escrevo me dou conta de que passei a gostar mais de escrever depois de minha iniciação

científica. E não só isso, pois, agora, observo mais, estou mais atento a detalhes do cotidiano que antes me passavam despercebidos.

Uma forte neblina umedece as folhas do diário de campo e a sensação é de um frio cada vez maior. Vejo que não só eu sinto demasiado frio. Um grupo de homens, caminhoneiros, improvisa uma pequena fogueira logo atrás do ponto de ônibus. Não sinto nenhum calor emitido por ela, somente o odor de folhas úmidas sendo queimadas.

As atividades da professora Giovana nunca me trouxeram grandes indagações ou expectativas. Talvez isso ocorra pelo fato de ainda ter acompanhado poucas atividades dessa professora, até o momento. A seqüência de trabalho com as maquetes será realizada dentro de poucos minutos e eu não consigo mentalizar qualquer projeção de resultados ou mesmo expectativas para a atividade.

O porque disso ainda não consigo responder.

8:21 horas. O tutor Sérgio chega.

8:30 horas. Chegamos na escola, mais precisamente dentro da sala de aula da professora Giovana.

Ela já havia iniciado a atividade, e nos cumprimenta rapidamente sem sair do seu lugar ao centro da sala. Os alunos me cumprimentam, sendo muito receptivos.

A classe está dividida em duas partes, sendo dois grupos nas laterais da sala, com duas fileiras de alunos cada lado.

Giovana está posicionada no centro da sala, entre os dois grandes grupos. Uma maquete está localizada a sua frente, sob uma carteira, com um plástico em cima dela.

Explica para os alunos os procedimentos que estes deverão tomar, devendo olhar os objetos da maquete de cima.

Os alunos estão muito calmos hoje, sentados e conversando em voz baixa. Estão muito participativos.

Apesar do frio, muitos estão sem qualquer agasalho e descalços, como costume.

Giovana diz que o contorno dos objetos da maquete será feito no plástico, transparente, justamente para esse fim.

As maquetes serão posicionadas no chão para facilitar essa observação, explica a professora. Quando mostra o interior da maquete para os alunos verem, eles se surpreendem com o resultado.

Giovana pede que eles peguem um lápis e que tentem olhar somente para a ponta dele com os dois olhos.

Ela pergunta se eles conseguem vê-lo inteiro ou se somente a ponta. Os alunos dizem que é possível ver os dois lados, mas que a ponta se sobressai.

Ela pede que todos fechem um dos olhos e tentem observar novamente. Fazendo isso os alunos exclamam, erguendo os braços, que conseguiram visualizar somente a ponta dos lápis. Para quem não conseguiu ver ainda Giovana desenha um ponto na lousa (●), dizendo para apontarem o dedo para ele. Uma aluna ao fazer isso diz que parece estar com o dedo sobre ele.

Giovana explica que quando se olha com os dois olhos se enxerga em forma de V e quando se observa com um dos olhos apenas, a imagem é obtida em linha reta. Um aluno reclama que ainda não conseguiu ver. Ela vai até ele para ajuda-lo.

Os demais alunos dizem que conseguem ver, e dizem que a professora fica pequena quando fazem a “brincadeira” com ela.

A professora fala que na hora de desenhar no plástico, deve-se utilizar o que aprenderam agora, para obter uma visão realmente de cima dos objetos contidos no interior da maquete, para que, assim, não os vejam de diversas direções.

Um dos alunos reclama dos outro. Diz que não consegue prestar atenção, pois o colega fala demais. Giovana explica para ele tudo que acabou de dizer. A classe toda começa a conversar.

Giovana fica para na frente da sala, em silêncio, esperando todos diminuírem a conversa. Ela retoma a fala somente quando se faz silêncio na sala, explicando novamente os procedimentos que todos deverão tomar para realizar a atividade.

Salienta que não podem esquecer de fechar um dos olhos.

Observo que na lousa, do lado esquerdo está escrito:

Geografia

Rio Claro, 30 de maio de 2003

- Atividade usando a maquete
- Discussão sobre os trabalhos

Do lado direito, está escrito:

Agenda

- Educação Física
- Geografia
- Matemática

Giovana diz aos alunos que depois de desenharem na folha plástica os objetos da maquete, vistos de cima, ela será fixada em um papel pardo.

Ocorrem algumas interrupções dos alunos com conversas e ela sempre retoma depois, de onde parou, esperando o silêncio da sala.

Ela diz que irá chamar os grupos, um a um, para apanharem as maquetes e se ajeitarem no chão da sala, dizendo ser melhor para observar nele do que nas carteiras.

Ela salienta para a classe que é importante que todos do grupo participem.

Ela entrega a maquete que usou como exemplo e ajuda os alunos a fixarem com fita adesiva a folha plástica sobre a maquete.

Depois entrega para cada grupo a maquete correspondente.

Um dos grupos, que está bem próximo a minha carteira, conversa e discute muito antes de começarem a atividade, dividindo tarefas e opiniões.

Noto que, primeiramente, eles contornam a sala no plástico, demarcando os limites para desenharem.

Os outros grupos já iniciam a atividade conversando muito. Um dos alunos se levanta e escreve “silêncio” na lousa. Giovana olha e pede para ele apagar, o que ele faz de imediato.

Sérgio observa que as carteiras são limpas e eu concordo.

Os alunos apresentam algumas dúvidas e a professora explica novamente todo o procedimento que deve ser feito para o desenvolvimento da atividade.

Os alunos percebem que haviam esquecido de fechar o olho.

Uma jovem entra na sala e pergunta para a professora o número de alunos da turma. Alguns alunos respondem dizendo números diferentes. Giovana finalmente diz o número para a moça e ela se retira da sala.

Quatro alunos continuam sentados, sem participar da atividade. Dois deles não falam nada, ficando apenas sentados em seus lugares e outros dois conversam entre si. Um deles desenha. Na aula passada ele fez a mesma coisa, não participando da atividade, preferindo desenhar em seu caderno, copiando figuras de algum livro.

Giovana chama esses alunos e os coloca em seus respectivos grupos, mas um se recusa e continua em seu lugar. É o garoto que desenha.

Giovana vai ajudando as equipes, explicando em detalhes tudo o que se deve fazer.

Um outro aluno se junta ao aluno “desenhista” e agora os dois conversam e desenharam ao mesmo tempo. Giovana os chama para participarem da atividade. Um dele diz que não vai porque o aluno Danilo não o deixa participar de nada. A professora diz que ele está deixando e o próprio Danilo se levanta e diz que está deixando todos fazerem algo.

Nesse momento os alunos Taline e Adriano começam a se estapear do outro lado da sala. Giovana vai até lá e separa o conflito. Volta para os dois alunos e tenta persuadi-los a participarem da atividade.

Eles cedem.

Sérgio vai caminhar por entre os grupos.

Uma aluna começa a chorar e se senta. Giovana imediatamente cai até ela perguntar o que ocorreu. A aluna não responde.

Com exceção de poucos alunos, todos participam das atividades. Os grupos sentem dificuldade de desenhar determinados objetos, como a lousa e a porta.

Um dos grupos termina e Giovana os ajuda a fixar a folha plástica no papel pardo e depois a colocaram fixada na lousa.

Outros grupos vão acabando e tomam o mesmo procedimento do primeiro.

Os seis trabalhos são colocados na lousa, um ao lado do outro. [*nesse momento me indago como será dada a discussão desses trabalhos. Uma curiosidade de minha parte*].

9:32 horas. As alunas de um dos grupos começam a desenhar muitos corações e outros enfeites no papel já fixado na lousa.

Os alunos estão agitados.

Giovana pede para que guardem o material embaixo das carteiras e que olhem para a lousa.

Como os alunos estão agitados, a professora aguarda o silêncio de todos.

A jovem, da outra hora, entra na sala novamente e entrega para giovana um maço de folhas.

Giovana chama a classe e bate palmas para conseguir a atenção dos alunos. Chama alguns alunos pelo nome e pede silêncio e atenção.

Quando consegue a atenção da sala, a aluna Gislane chora e pede que a professora a ajude a resolver uma questão sobre trocas de canetas, entre ela e a aluna Taline. A classe toda começa a participar da discussão. Giovana com paciência tenta ajeitar a situação, colocando a justiça da situação para todos.

Todos os alunos querem argumentar, erguendo os braços para poderem falar.

Um homem abre a porta e pergunta se ali é a terceira série “A”. Giovana confirma com um gesto de cabeça.

Ele se apresenta para os alunos e começa a conversar com eles.

Giovana vem até mim e o tutor dizendo que não dará mais tempo de desenvolver o restante da atividade, pois antes de dar continuidade ela deve resolver o problema das canetas.

São 9: 46 horas, eu e o tutor Sérgio decidimos nos retirar, enquanto o homem está na frente da sala distribuindo uma espécie de cortesia para um parque ecológico. Os alunos estão eufóricos.

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA GIOVANA – 03/09/2003

07:15 horas. Chegamos eu e a tutora Maria Silvia na EMEF “Luiz Martins Rodrigues Filho” para acompanhar a atividade da Professora Giovana com sua turma. É a primeira vez que a tutora vai até a escola e que trabalhará com Giovana. Maria Silvia me diz que a primeira vista ela gosta da escola, já que aparenta ser bem organizada.

Chegamos na sala um onde fica a professora com a turma e, ao entrarmos na sala, noto que a atividade já havia sido iniciada. Os alunos me reconhecem, mas não sabem quem é a tutora e logo Giovana explica de quem se trata.

Procuro me sentar no lado apostado ao da tutora na sala e imediatamente começo minhas anotações no caderno de campo.

Giovana fala para os alunos que todos sairão hoje pelo bairro. Os alunos perguntam se inclusive eu e a tutora também iremos e ela diz que sim.

A professora pega em sua mesa uma planta mimeografada do bairro e segurando-a nas mãos mostra como os alunos deverão marcar as ruas e avenidas do bairro uma vez que um aluno disse que fazer isso seria importante.

Explica que o bairro Bom Sucesso ficará de fora do passeio, pois não haverá tempo suficiente para percorrê-lo, ficando o passeio para outro dia. Os alunos insistem que devem percorre-lo hoje também.

Feito isso, a professora anota na lousa os materiais que os alunos deverão levar, que são: fotografia, mapa (planta) e lápis.

Giovana pergunta para a sala se todos possuem lápis. Alguns alunos respondem que não e depois de anotar num papel o número de lápis necessários pede para que um aluno leve o bilhete até Dona Arlete para que ela lhe entregue os lápis.

Os alunos da sala estão mais tranquilos no momento, se comparados com outras atividades acompanhadas anteriormente.

A professora começa a distribuir as fotografias do bairro. As fotos são xerox das fotos originais, encapadas com papel plástico transparente e numeradas.

A original é datada de Junho de 1995.

Ela pergunta, para mim e para a tutora, se gostaríamos de ter uma foto para acompanharmos e nós dois pegamos uma para melhor observar.

Os alunos observam as fotografias e logo um deles diz ter achado o mercado do bairro.
Na lousa encontra-se escrito:

Agenda do dia:

- Geografia
- Matemática
- Atividade de casa

Uma mulher, loura, alta e muita bem vestida entra na sala com um grande pacote de bolacha. Entrega o pacote para a professora com um sorriso e sai depois de trocar umas poucas palavras com ela.

Giovana explica para os alunos que as bolachas são para substituir o alimento da hora do leite, uma vez que sairão para observação.

Em pé ao lado de sua carteira começa a distribuir bolachas para os alunos.

Batidas na porta. Uma outra mulher, que estava no portão do estacionamento da escola no momento em que eu e a tutora chegamos, entra na sala segurando dois lápis. Entrega o material para a professora e sai.

Giovana começa a distribuir as bolachas para os alunos em suas carteiras. Uma aluna recusa o alimento dizendo que está sem fome.

Quando vai entregar as bolachas dois alunos a detêm em suas carteiras que estão juntas para perguntar sobre a fotografia apontando para a professora o local onde seriam suas respectivas casas.

Outros dois alunos, sentados próximos à janela, colocam a fotografia contra a luminosidade dela e procuram, também, suas casas. Apontando com o dedo dizem: A minha é para cá! A minha é para lá!

Esses dois alunos também param a professora para explicarem a ela onde estão localizadas determinadas coisas no bairro. Giovana os ajuda.

Logo depois a professora começa a distribuir os “mapas”. Trata-se de uma planta das ruas e avenidas do bairro.

Os alunos do vidro acabam chamando a tutora e mostram a ela suas constatações. A tutora faz várias perguntas aos alunos fazendo com que eles explorem melhor a fotografia.

Outra aluna que está sentada próxima de onde todos conversam se junta a eles e expõe suas opiniões. Apontando o local da escola e do posto de saúde.

Giovana arruma suas coisas e se dirige para o centro da sala, à frente, com sua bolsa preta, uma pasta branca e o resto do pacote de bolacha em mãos.

Os alunos imediatamente seguem a professora até a porta quando ela vai. Os alunos saem para o pátio e quando todos estão para fora já ela me pede que tire fotografias da observação para ela caso não atrapalhe meus registros. Digo que não haverá problemas.

Quando saio também os alunos vêm me mostrar a fotografia e apontar a linha férrea e onde estariam localizados a escola e o posto de saúde já que na data da fotografia eles ainda não haviam sido construídos.

07:40 horas. Saímos da escola. Giovana segurando a planta do bairro na mão tenta localizar-se juntamente com os alunos, seguindo para o lado esquerdo da escola.

Chegando numa rua do lado esquerdo da escola a professora chama os alunos para um ponto de ônibus e pergunta se olhando na fotografia todos conseguiriam visualizar onde se localiza o campinho de futebol. Os alunos vão tentando encontra-lo até que ao achá-lo na fotografia começam a apontá-lo, na fotografia, para a professora.

Giovana chama o aluno Danilo que está jogando bola no campinho.

Na fotografia é fácil de encontra-lo, pois é uma área mais clara composta de areia. A professora diz para os alunos que para marcar o campinho no mapa deve-se olhar o local do campinho e onde está a rua três, pois é onde nos encontramos e marcar: R3, no mapa.

A pedido da professora tiro uma fotografia da turma realizando a atividade.

Os alunos antes de marcarem o local no mapa tiram dúvidas sobre a localização exata com a professora.

O tempo está frio, mas a presença do Sol ilumina e aquece a todos.

O aluno Luiz marca o campinho com uma área maior que a observável na fotografia. A professora mostra a diferença existente.

Os alunos começam a se dispersar e Giovana chama a atenção de Taline e Diego.

Giovana com os alunos reunidos novamente pergunta se todos conseguiram marcar e eles respondem que sim.

Paramos em uma esquina e, depois de andarmos mais um pouco, Giovana pergunta se a escola localiza-se numa rua ou avenida. Os alunos olham no mapa e depois respondem: numa avenida.

A professora diz que se a rua de baixo era a rua três, então a rua em que estão, nesse momento, seria a rua quatro.

Os alunos apresentam dúvidas sobre como e onde marcar a rua quatro no mapa.

Giovana e a tutora Maria Silvia tentam mostrar para os alunos o melhor caminho para localizar o local onde estão parados.

Alguns alunos, apontando para o bairro (Bom Sucesso) localizado do outro lado da rodovia que separa os dois bairros, dizem que quando chove o campinho de lá fica alagado.

Continuamos caminhando até chegarmos em uma nova esquina. Giovana pergunta que rua seria aquela paralela a avenida em que nos encontramos e os alunos logo respondem: rua cinco.

Em uma casa está marcado: Rua 15, nº 330. Os alunos que notam isso mostram para a professora e imediatamente ela pergunta qual a avenida em que estamos parados e pede para que marquem no mapa.

Continuamos andando e os alunos mesmo sem parar nas esquinas já marcam no mapa as ruas seis e sete respectivamente.

Depois de andar dois quarteirões param no mercado do bairro, localizado na avenida quinze com a rua sete e sentam-se em alguns degraus ali existentes.

Alguns alunos mostram-se mais interessados e rodeiam a professora durante todo o trajeto, outros já se afastam, andando na frente de todo o grupo.

Na esquina da rua oito os alunos para marcarem no mapa, o que já demonstram fazer com facilidade, usam um muro para se apoiar.

Ao continuarmos a caminhada a aluna Taline pega alguns tomates de um pé localizado na frente de uma casa. Giovana diz para ela que são tomates sujos e que não devem ser comidos.

Viramos na rua nove e nela nos deparamos com um salão bonito, cuja pintura e obra destacam-se no bairro. Trata-se do templo da igreja “Salão do Reino Testemunha de Jeová”. Comento com a tutora Maria Silvia o cuidado com o prédio, tão diferente do resto do bairro.

Na rua dez, viramos e começamos em direção a escola.

Giovana chama a atenção de alguns alunos por estarem se afastando muito do grupo.

Na rua nove com a avenida onze todos param para marcar o local no mapa. Alunos e a professora começam novamente a subir em direção a rua dez e param na esquina, novamente, para marcar a localização.

Um grupo de alunos chega exaltado por haver encontrado uma cadela com filhotes escondidos entre uma construção do bairro. Todos se dirigem para lá.

Após a breve “visita” voltamos a percorrer as ruas do bairro.

Giovana para os alunos num grupo e mostra que as avenidas vão tendo seus nomes denominados por números e que estes estão numa seqüência: onze, nove, sete, etc.

Pergunta para eles que números são esses, se pares ou ímpares. Primeiramente os alunos respondem pares até que conseguem dizer ímpares.

Durante todo o trajeto os alunos vão encontrando conhecidos nas ruas, além de suas casas. Sempre param para tomarem água ou conversar com alguém e todos parecem conhecer a casa um dos outros.

Ao chegarmos ao final da rua encontramos um brejo que os alunos dizem ser perigoso, pois ao andar por ele as pernas vão afundando.

Paramos na rua atrás da escola. Giovana pergunta onde está o córrego que aparece na fotografia, e que é uma área com maior vegetação, onde existem muitas taboas, etc.

Os alunos têm dificuldade para localizarem e a professora diz que estão do lado do córrego e pergunta qual o lado dele.

Usando a escola como referência, os alunos apontam o lado.

Aproxima-se a hora do intervalo, o Sol já começa a esquentar demais e a professora encerra a atividade.

ANEXO 2

REGISTROS DE AULAS DA PROFESSORA DEISE

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA DEISE – 25/03/2003

A tutora Hélia, minha companheira nas observações, e eu chegamos na escola um pouco mais cedo que o horário previsto. Portanto, foi possível verificar diversas mudanças ocorridas entre um ano e outro. Notei que a escola se encontra mais organizada e limpa. As classes estão todas marcadas com a turma e a professora correspondente, sendo fácil, assim, a identificação das salas.

Uma outra “novidade” é o uniforme dos alunos, que mudou, passando de uma camiseta cinza para uma outra azul, esteticamente mais agradável. Outra mudança, que cabe citar, é o fato de que a professora Deise este ano está ministrando para todas as turmas da escola a disciplina de Educação Artística ficando apenas com as disciplinas de História e Geografia uma terceira série, para poder estar acompanhando o projeto.

A sala em que se encontra a professora Deise é utilizada somente por ela e pela professora de Educação Física.

Quando chegamos fomos muito bem recebidos, como sempre, pela professora e entramos na sala enquanto esta desenvolve, ainda, uma atividade de Educação Artística com uma terceira série. A sala me parece ser um antigo laboratório da escola, pois conta com a presença de duas grandes pias sob a janela.

Os alunos demonstram não se importar muito com a minha entrada e a da tutora, continuando com as atividades passadas pela professora, montando um desenho a partir de figuras recortadas de jornais e revistas. A sala, organizada na já tradicional forma de “U” com algumas carteiras em seu centro, muito utilizada pela professora Deise, permite que esta se locomova entre todos os alunos, sempre dedicando total atenção às argumentações dos mesmos.

Ainda sobre a sala de aula, esta se localiza no chamado “prédio velho” da escola, diferentemente da sala de 2002.

Ao término desta aula, a professora leva os alunos em fila para a sala de outra professora e retorna com a sua nova turma, dessa vez para as atividades de História e Geografia.

Deise realiza uma apresentação dos alunos para nós, observadores, e em seguida fazemos o mesmo com os alunos, relatando nosso objetivo de estar acompanhando aquela aula.

Os alunos se mostram muito receptivos conosco.

A professora inicia sua atividade lembrando, aos alunos, que estes haviam copiado o hino municipal de Ipeúna no caderno, e pedindo, então, esta cópia para a atividade.

Ela pergunta à sala se todos copiaram o hino, praticamente, todos afirmam que sim. Mesmo assim, Deise distribui o Atlas Municipal de Ipeúna para todos, pedindo que o abra na página 10, pois ali está presente o hino de Ipeúna.

Pede que todos leiam o hino, sem a necessidade de cantá-lo. Os alunos iniciam lendo, mas acabam cantando-o de uma maneira muito bonita e respeitosa. Esse momento se mostrou especial para todos.

Deise nota erros entre a letra contida no Atlas e a original e pede que os alunos façam a correção nos cadernos. São estes os erros apontados pela professora e marcados na lousa:

- Na primeira estrofe, deve-se trocar a palavra generoso por generosa;
- Na quarta estrofe, deve-se trocar a palavra “rearcada” por marcada;
- Na oitava estrofe, deve-se trocar o verso “que se projeta” por “se projeta” somente.

Deise agora questiona os alunos sobre o autor do hino, Pedro Racosta, trazendo questões como: “Alguém conhece o autor?”.

Uma aluna diz que seus parentes o conhecem. Deise pergunta para a aluna qual a cidade em que esta reside e ela responde ser Charqueada e a professora diz que, por esse motivo, os parentes da aluna conhecem o autor do hino, já que ele reside em Charqueada.

A professora diz aos alunos que terão uma semana para realizar uma pesquisa sobre o autor e escreve na lousa: “Pesquisa: Pedro Racosta”.

Ela pede aos alunos para pesquisarem dados sobre a vida do autor e passa questões como: Onde mora? Por que escreveu o hino de Ipeúna? Etc.

Agora ela pergunta para a turma se algum aluno gostaria de argumentar sobre o hino. Uma aluna diz que o estribilho possui muita significância para a cidade, pois Ipeúna seria uma mãe para o povo. Ela pede novamente aos alunos para que falem sobre o hino, mas estes parecem estar um pouco inibidos. Outra aluna acaba falando que o autor fez o hino para contar um pouco da história da cidade.

Deise imediatamente pergunta para a sala se todos concordam com a colega e a resposta é única: sim!

Um aluno nota que o desenho que existe na página do Atlas é o da estampa de sua camiseta. Deise pergunta para a sala o que é o desenho ali presente e poucos respondem ser o brasão de armas do município. Ela diz que o significado do desenho e das figuras que o compõe serão vistos mais adiante.

Ela continua falando que no hino existem palavras que não são muito utilizadas no dia-a-dia e pergunta para os alunos se estes possuem dúvidas sobre o significado de algumas palavras presentes no hino.

Os alunos dão uma relida muito rápida no hino até uma aluna dizer a palavra *generosa*. Deise explica para ela que a palavra tem um sentido de algo simples. A mesma aluna ainda diz que não é de Ipeúna, mas Deise diz que a cidade não possui hospital e que todos nascem em outras cidades, portanto, você acaba pertencendo à cidade em que mora.

Outra palavra surge: *Irmandade*. Deise pergunta primeiro para a sala o que eles acham que significa a palavra colocada. Um aluno responde que é “a vontade de todos viverem contentes”. A professora complementa falando que seria no sentido de todos serem irmãos, já que, no hino, a palavra família é utilizada.

Ipojuca é a palavra em questão agora. Um aluno logo vai falando que a palavra significa uma estrada que existia e que levava à casa do Juca e que, Ipeúna, antes de possuir o nome atual, se chamava Ipojuca. A professora não diz nada a respeito para a sala ou para o aluno.

A palavra *afinco* é apontada por uma aluna. Deise agora começa a ler o trecho que contém a palavra no hino e explica que, segundo o hino, a palavra possui o sentido de perseverança e de empenho e, também, no sentido de todos estarem fazendo o melhor.

A professora lê a quarta estrofe do hino, pois uma aluna cita *invernada* e Deise diz que o hino contém nomes da cidade antes da mesma se chamar Ipeúna. Deise pergunta para a sala o porquê de invernada e como nenhum aluno sabe responder ela pede para a tutora Hélia, autora do Atlas Municipal, explicar para os alunos e que estes perguntem para ela o significado da palavra. Hélia explica que invernada seria uma região de mato para o gado se alimentar. Uma área natural de pastagem localizada nessa área, onde hoje se situa Ipeúna.

Um aluno pergunta o que significa *bonança*. E um outro o que seria *vinco*.

Deise sempre lê os trechos do hino onde as palavras perguntadas estão inseridas e procura explicar pelo contexto da letra, tentando assim, fazer com que os alunos entendam de uma maneira mais fácil o significado das palavras.

A palavra *prosa* é questionada pelos alunos. Deise novamente lê o trecho da palavra no hino e explica se tratar de conversa, contar algo.

Uma nova palavra aparece: *frondoso*. Ela pergunta para a sala o que eles acham que significa. Nenhum aluno responde. Explica que árvore frondosa é uma grande árvore, que possibilita muita sombra para as pessoas.

Deise alterna sua forma de responder as perguntas dos alunos, respondendo direto em algumas e pedindo que eles próprios respondam a outras, consultando a opinião da sala.

Os alunos agora questionam sobre *descortinando*. Deise lê o trecho do hino e diz se tratar de algo relacionado com a serra e o céu, no sentido de avistar o céu através da serra e do horizonte.

Quando a palavra *alma* é levada para as questões, um aluno logo diz se tratar do espírito das pessoas. Mas Deise, lendo o trecho no hino, pergunta para a sala o que seria alma rica e generosa. Uma aluna responde rapidamente que seria uma pessoa boa e generosa, que traz coisas boas para os outros.

Ao comentar a palavra *arado* Deise acaba voltando a falar sobre vinco, que seria uma marca forte, para explicar o sentido da palavra. Seria, para ela, marcar o solo, vincar o chão.

Ela diz aos alunos que sua explicação está vindo do sentido e da interpretação que ela está dando ao hino.

As palavras começam a se repetir. Noto que os alunos chamam a professora pelo seu primeiro nome, sem qualquer adjetivo antes.

Ela pergunta aos alunos: “O que será que o autor quis dizer com cada estrofe do hino?”.

Eles lembram que é para as pessoas saberem mais da história da cidade.

Deise lê o estribilho e pergunta: “O que será que o autor quis dizer com essas quatro linhas?”. Os alunos pensam e ela pede que os mesmos releiam o trecho e, realizando esta atividade, acabam cantando novamente o hino.

Ela pergunta se eles sabem o porquê do autor ter se utilizado de família e, também, de árvore, tronco, ramos e flores. Os alunos respondem que seria para demonstrar grandeza, pois Ipeúna seria uma grande família.

Uma aluna pergunta à professora se, mesmo tendo nascido em Piracicaba, ela seria Ipeunense. Recebe uma resposta afirmativa da professora.

Os alunos agora começam a comentar sobre seus locais de nascimento.

Deise decide parar, por um tempo, a atividade, pois se aproxima o intervalo.

Ao voltarmos, Deise distribui folhas para desenhos. Após entregar as folhas, ela explica que todos deverão realizar um desenho baseado no hino do município, pedindo que representem o que este significou para cada um.

Deise se mostra dinâmica, andando sempre de um lado ao outro da sala para ajudar seus alunos.

Estes desenham de uma maneira descontraída, mas com muita atenção.

As conversas entre eles são constantes, noto que são relacionadas à atividade. Circulando pela sala observo que a maioria dos desenhos se relaciona a temas da natureza.

Os alunos vão terminando a atividade e Deise recolhe os desenhos, pois o período da aula está para acabar.

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA DEISE – 22/04/2003

Os alunos, trazidos pela professora, entram na sala e se acomodam rapidamente. Neste dia, por falta de carteiras disponíveis, me sento ao lado direito da sala. Deise diz bom dia para os alunos que respondem à gentileza de uma maneira muito descontraída.

Ela vai até o armário de aço localizado no fundo da sala, do lado esquerdo e, apanha os Atlas e distribui para os alunos.

A professora começa a atividade dizendo que irá lembrar um pouco da atividade desenvolvida na última aula referente às disciplinas de História e Geografia. Ela relata que havia pedido para os alunos escreverem um pouco sobre Ipeúna (história, mudanças, etc.). Deise lembra que eles leram as pesquisas realizadas e pergunta se já conseguiram alguma pessoa para vir na aula contar um pouco da história da cidade. A maioria dos alunos responde que não conseguiram tal pessoa ainda e a professora pergunta para todos se eles realmente não conseguiram ou se esqueceram de procurar, não havendo resposta para essa pergunta. Somente uma aluna diz que está para trazer alguém para realizar essa tarefa.

A professora prossegue a aula pedindo para os alunos abrirem o Atlas na página 24 que aborda o início do povoamento do município e inicia a leitura do texto dizendo para os alunos acompanharem a leitura.

Ao ler os parágrafos do texto, Deise realiza pausas para explicar, de maneira detalhada, os trechos. Pára no trecho que relata a fundação do município, que recebe, com isso, uma certidão do município de São João do Rio Claro e pergunta à sala o “porquê” disso. Prossegue a aula, sem esperar uma resposta dos alunos, dizendo que será realizada uma conta para determinar a idade de Ipeúna. Para isso, chama dois alunos à frente da lousa e um deles resolve a questão matemática: $2003 - 1898 = 175$ anos. A professora, em seguida, pergunta se é possível uma pessoa estar viva tendo a idade escrita na lousa. Os alunos respondem que não é possível porque “faz muito tempo”.

Quando surge a data 1833 no texto uma aluna pergunta à professora se já se passaram 180 anos deste a data em questão e Deise pergunta para a sala toda se é realmente isso, e todos respondem que não, pois o correto é 170 anos.

Continuando a leitura, no termo *imigrante*, a professora pergunta se eles sabem responder o que significa tal palavra. Um aluno diz que imigrante é gente brasileira. Novamente a professora questiona a sala, dessa vez perguntando se alguém possui outra idéia do que possa ser imigrante. Nenhuma resposta é ouvida.

Deise pede à Hélia (tutora que acompanha suas atividades e autora do Atlas de Ipeúna) para explicar essa parte aos alunos, já que ela também escreveu a história de Ipeúna.

A tutora retoma a leitura do texto, e vai explicando frases como “investigar o passado”. Retorna em trechos já explicados pela professora. Diz aos alunos que a história não volta, é fato passado e, portanto, foi necessário perguntar aos mais idosos e investigar em documentos antigos, que são as fontes de pesquisa.

Pergunta à turma qual a utilidade de um documento. Um aluno responde que é para guardar a data de nascimento e Hélia responde que para isso também, mas que serve para registrar.

Continuando a leitura do texto a tutora volta aos trechos mais importantes e explica calmamente aos alunos o real significado de cada frase destacada. Os alunos se mostram extremamente interessados nas explicações que são sempre articuladas com histórias reais dos lugares e épocas citadas no texto. A tutora conta a história como um conto.

Um aluno diz que a fazenda Serra D’água ainda existe e a tutora complementa explicando que esta possui tal nome porque existia uma força na água que movimentava máquinas para serrar a madeira.

É observado, por uma aluna, que na época, em que a leitura do texto remete a todos, Piracicaba se chamava Vila Nova Constituição e que ela nasceu em Piracicaba.

Hélia relata que muitas histórias sobre Ipeúna ela ouviu de um velhinho, o “seu” Pedro, e fala que este ouviu as histórias de seu avô quando ainda tinha a idade dos alunos.

Deise salienta a importância de ouvir os pais e os avós contarem histórias. [*Deise observava tudo com muita atenção, fazendo muitas anotações em seu caderno, como uma aluna*].

Todos os alunos estão concentrados nas explicações da tutora. [*De fato, a explicação que a tutora deu sobre o texto contido na Atlas, foi muito interessante devido à maneira didática e a riqueza de detalhes que ela possui sobre toda a história do município*].

Explica sobre o povoamento das fazendas, os trabalhadores e imigrantes, com grande interação com toda a turma. Explica quem eram os imigrantes usando de uma comparação com as novelas, inclusive a diferenças entre eles e os escravos, dizendo as palavras calmamente, fazendo uma comparação entre escravos e assalariados, mas os alunos demonstram não compreender muito bem e a tutora comenta com Deise que eles “são muito novos para saber”, se referindo a determinados termos.

Pede para os alunos olharem no mapa contido na página 24, que se refere ao sítio Invernada. Hélia explica que este mapa é da divisão da fazenda após a morte do primeiro proprietário, datada de 1896.

Ela explica que o povoado representado no mapa é o atual centro de Ipeúna, observando que as características urbanas não mudaram muito desde aquela época.

Mostra para a sala uma fotocópia ampliada do mapa e fornece aos alunos uma outra fotocópia somente do trecho do povoado em grande ampliação.

A professora Deise assume novamente o comando da aula e pergunta a turma se eles sabem o quanto é importante saber história e todos respondem que sim.

A professora relembra que “seu” Pedro ficou sabendo da história da cidade quando ele tinha a idade dos alunos e diz que o que aprenderam hoje na aula poderá ser contado para seus filhos e netos no futuro.

Deise fala que assim como ela pediu para uma pessoa contar a história de Ipeúna pode ser que, no futuro, alguém peça para eles contarem tudo que sabem sobre isso.

Pergunta a importância de saber a história, pois somente com documentos não é possível conhecer uma história completa e diz que muitos pais não sabem a história de Ipeúna e deveriam contar o que sabem, já que cada pessoa sabe coisas que mais ninguém sabe.

Ela volta na pergunta, sobre imigrantes, explicando, juntamente com a tutora, que estes eram pessoas vindas de outros países e os alunos dizem se tratar dos italianos, fato confirmado pelas professoras.

Ao ser lido o trecho sobre Patrimônio no texto, a tutora comenta que não se deve dar muita importância para ele, já que o conteúdo é difícil, ficando para os alunos de sexta série.

A atividade pára, pois o intervalo se aproxima. A professora comenta comigo e com a tutora que está aprendendo muito com as explicações de Hélia. [*Volto a salientar que a professora se comportou como uma aluna durante as explicações da tutora acerca do conteúdo do Atlas*].

Voltando do intervalo, após ir buscar sua turma no pátio, Deise deixa Hélia dizer a turma que o conteúdo do “quadradinho” azul contido na página xx será explicado mais para frente, já que o importante para todos é a história de Ipeúna.

Hélia pede que primeiro todos observem as fotos e vai explicando em detalhes cada fotografia/imagem contida na página. A primeira a ser explorada é uma imagem representativa de um tropeiro. Os alunos participam muito da atividade e quando a figura de um mascate é comentada, uma aluna diz que sabe o que é mascate, respondendo a uma pergunta feita pela tutora, dizendo que estes são pessoas que vendem coisas nas ruas já que o pai do namorado de sua mãe é mascate.

As duas fotografias contidas na página 25 do Atlas foram conseguidas com o padre Jamil de Rio Claro, segundo a tutora. Hélia conta a história da reconstrução da capela, lembrando como conseguiu a imagem da capela e a entregou para “seu” Sílvio, morador de Ipeúna, que contribui muito para a pesquisa de construção da história do município, e de sua emoção ao rever a imagem do local onde ele havia se casado. [*Hélia se emociona toda vez que conta esta história que é muito comovente*].

Uma aluna fala que na página 35 há uma foto da igreja atual e que é possível realizar uma comparação entre as duas. A tutora pede que eles falem sobre toda a história que eles acabaram de saber, sobre o município e eles ficam quietos. Nesse momento Deise retoma perguntando se eles preferem falar ou escrever. Imediatamente, todos respondem que preferem a segunda opção.

Deise fala para a sala que seu pai contava histórias sobre tropeiros e ela conta para a sala uma das histórias que ele contava, pois ele foi um tropeiro.

Deise após contar a história distribui uma folha para cada aluno e pede que escrevam sobre a história de Ipeúna e do que entenderam sobre a aula.

Como o tempo para encerramento da aula está se aproximando a professora pede que eles levem para casa e entreguem durante o decorrer da semana.

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA DEISE – 20/05/2003

Sentado no ponto de ônibus, que é o local onde a tutora Hélia me apanha para irmos até Ipeúna, percebo que observar as atividades da professora Deise me coloca em dois mundos distintos toda terça-feira. O meu mundo cotidiano e pessoal dá lugar ao mundo de muitas indagações, dúvidas e descobertas que surgem quando entro no universo escolar riquíssimo dessa professora.

Hoje trago comigo grandes incertezas e expectativas sobre a atividade que irá se desenvolver, já que Deise cederá seu lugar na frente da sala de aula para uma senhora, servente da escola, que contará um pouco da história de Ipeúna, uma história vivida por ela. Será interessante observar uma pessoa simples, tomar conta de uma aula, mostrando, sem dúvida, uma inversão de papéis. Tomando-se por base que, quem ensina carrega consigo um grande conhecimento acadêmico.

Percebo que logo Hélia chegará com seu caloroso bom dia e um único brilho nos olhos. Vejo, toda semana, expectativa em seus olhos, afinal são poucos que podem sentir tal sensação que é escrever uma história de um lugar tão pequeno, mas ao mesmo tempo tão rico de experiência vividas como Ipeúna.

São 8:20 horas e, pontualmente Hélia chega e iniciamos nosso percurso até a escola “azul”. Noto que a tutora cortou o cabelo, curto. O trajeto transcorre tranquilo, mas lentamente, devido há trechos de neblina na estrada.

8:45 horas. Chegamos a escola e logo nos dirigimos para a sala de aula da professora Deise que se encontra vazia. Deise havia ido buscar sua turma. *[a escola possui uma dinâmica muito interessante, onde ocorrem trocas constantes de sala e de professores, movimentando a escola].*

Encontramos Deise vindo no corredor e esta nos cumprimenta com um sorriso caloroso e receptivo.

Após os alunos se sentarem (sempre diversificando as posições que ocupam), Deise distribui os Atlas para todos.

Os alunos perguntam em que página deve-se abrir o Atlas e a professora, no mesmo instante, pede para Heloísa ir chamar Dona Margarida e avisa que a página 31 deve ser aberta e que todos devem aguardar.

Dona Margarida chega e entra muito timidamente na sala, olhando para todas as direções com seus grandes olhos verdes. Hélia logo diz que ela tem muito que ensinar para todos ali presentes e, Deise diz a classe que Dona Margarida irá contar sobre a caixinha das lavadeiras e, também, para que prestem muita atenção, pois irão aprender muito.

Dona Margarida faz uma pergunta: “Por onde eu começo?”.

A professora diz para ela explicar sobre as caixinhas e tudo que sabe sobre isso, uma vez que, tudo que ela contar será muito importante.

Hélia explica para Dona Margarida que tudo o que sabe sobre as caixinhas ela ouviu de dois senhores e que, agora, com o depoimento dela poderá ter uma opinião feminina, de alguém que realmente utilizou as caixinhas *[Deise e Hélia procuram deixar Dona Margarida calma e segura de tudo que irá dizer, soa brilhantes ao fazerem isso, procurando dar atenção e importância à experiência dela. Os alunos percebem isso, e se entusiasmam para ouvirem].*

Dona Margarida começa falando que era uma menina quando começou a ir até as caixinhas e, a partir disso, vai contando toda uma seqüência de lembranças sobre as caixinhas das lavadeiras. Deise se senta em sua meda e realiza inúmeras anotações enquanto Dona Margarida conta seu depoimento. Os alunos acompanham a professora e, com igual entusiasmo, fazem anotações e ficam entretidos com as palavras da senhora.

Hélia intermediava perguntas para Dona Margarida, puxando assuntos e recordações e a senhora conta coisas muito interessantes *[mesmo sentada Deise demonstra pela expressão fácil muita confiança e entusiasmo com sua aula, ela está “radiante”. Percebo agora que cometi uma falha ao não trazer o gravador para essa aula, pois não consegui acompanhar a fala de Dona Margarida].*

Uma aluna ergue o braço e fica com ele nessa posição por um tempo, mas depois o abaixa.

Deise ia com Dona Margarida para as caixinhas e ela sempre recorda isso para a sala. A senhora toda vez que se refere a sua pessoa utiliza a palavra “tia”.

Os alunos interagem com a “tia” realizando muitas perguntas sobre a localização, atual e antiga, das caixinhas e Hélia também realiza perguntas, ligadas a datas.

Dona Margarida diz que veio para Ipeúna com 12 anos e que nasceu em 1939 e Deise pergunta para sala qual seria o ano em que ela teria vindo para o município. Uma aluna rapidamente responde o ano de 1951. Hélia, nesse momento, fala que a data deve estar errada, pois em 1951 ainda não existiam

as caixinhas. As duas moradoras da cidade afirmam que já existia. Após alguns argumentos das duas partes Hélia acaba concordando com vários “ta certo”.

A aluna que falou a data diz que viu a mesma conta ontem na aula de matemática e que, por isso, conseguiu responder rapidamente para Deise.

Hélia pede para Dona Margarida contar como é levava roupa no rio. Um aluno fala que sua avó contava que lavou roupa no rio, mas que ele ainda não era nascido.

Dona Margarida conta de forma brilhante sua experiência de lavar roupa em um rio, sempre procurando a aprovação das duas professoras sobre sua fala.

Ela fala que nunca teve infância e que hoje está tendo, devido ao contato com os alunos. Eles fazem perguntas, reparo que, geralmente, são sempre os mesmos em todas as aulas.

Conforme Dona Margarida vai contando experiências sobre as caixinhas os alunos procuram a imagem destas que estão contidas no Atlas.

Em determinado momento. Deise entrega uma foto das caixinhas para Dona Margarida perguntando, com um grande sorriso, se ela se lembrava deste lugar. Dona Margarida fica profundamente emocionada com o gesto e com a imagem. Vejo lágrimas em seus olhos.

Uma aluna acha a fotografia contida no Atlas e diz um sonoro “página 34” para toda a sala.

Dona Margarida com a fotografia nas mãos começa a passar de carteira em carteira, explicando para os alunos a imagem e contando mais histórias sobre as caixinhas.

Hélia a segura um bom tempo em sua carteira e faz várias perguntas para a mesma e Deise acompanha tudo ao lado e Dona Margarida.

Deise pede silêncio para o restante da sala.

Hélia interage muito bem com os alunos, conversando com eles durante as explicações de Dona Margarida.

Esta explica com a fotografia que possui e a contida no Atlas como era o processo de distribuição das águas nas caixinhas, de uma forma muito clara.

Os outros alunos conversam alto e Deise pede novamente silêncio, mas quando Dona Margarida chega perto, todos se reúnem para ouvirem atentos.

Ela diz para Deise que está com muita vergonha e a professora volta a frente da sala e pergunta para os alunos se eles sabem onde ficavam as caixinhas. Os alunos dizem que sim e falam que é onde está o campo de futebol.

Deise diz que o campo também mudou de lugar e que ficava onde hoje é a creche e o ginásio.

Uma aluna pergunta se havia “aquela” rua para passar. Deise e Dona Margarida dizem que não. *[referências como “aquele” ou “aquele” são muito utilizadas nas aulas. Vejo que, por se tratar de um lugar pequeno, tudo é de conhecimento de todos].*

Deise quando vai localizar determinado local sempre utiliza a casa de algum conhecido ou aluno para fácil compreensão da turma.

A professora mostra uma foto do local, e percebo que ela sta com muitas fotos guardadas em seu caderno. Os alunos fazem um “Ahhhhh!” coletivo quando localizam, na fotografia, onde ficava o antigo campo de futebol.

09:38 horas. O sinal para o intervalo toca. Os alunos saem rapidamente da sala e Deise os barra na porta pedindo para agradecerem. Todos se voltam e dizem “Obrigado Dona Margarida”. Saem. *[geralmente os alunos começam a se preparar para o intervalo alguns minutos antes, mas hoje ninguém na sala se deu conta de que o horário se aproximava].*

10:00 horas. Voltamos a sala. O intervalo foi maior do que os vinte minutos habituais em razão de uma conversa entre os professores a diretora.

Deise entrega para os alunos irem passando entre si a fotografia das caixinhas.

A professora pergunta o que os alunos acharam e se gostaram da presença de Dona Margarida. Eles respondem que sim. Logo pergunta se aprenderam bastante e eles dizem que sim novamente.

Hélia pergunta o que foi diferente na presença de Dona Margarida na aula. Ela antes da resposta explica que uma pessoa possui conhecimentos, como um livro e pergunta o que os alunos acham sobre isso.

Silêncio.

Deise retoma falando que o que eles conhecem sobre as caixinhas eles viram no Atlas e pergunta o que Dona Margarida veio fazer ali.

Um aluno diz que para contar a história de quando ela foi à caixinha.

Foi diferente porque ela contou e não tirou de um livro, é falado pelos alunos.

Deise diz que ela viveu e passou por isso. Hélia comenta e pergunta se a infância deles foi diferente da de Dona Margarida. Os alunos dizem que sim, pois ela está vivendo a vida agora. Uma aluna diz que hoje eles só fazem serviços básicos como lavar louça, arrumar a cama e passar vassoura na casa.

Deise do prosseguimento e pede que os alunos voltem nas páginas 30 e 31 do Atlas e observem novamente as fotos ali presentes.

“Quais as diferenças entre as fotos que estão ali e as atuais?”. Pergunta a professora.

Os alunos falam que as fotos eram em preto e branco, não havendo cor como na TV. Deise marca na lousa os apontamentos dos alunos e diz para observarem as diferenças entre as pessoas nas fotos. Um aluno diz que antigamente havia carro de boi e hoje não existem mais. Alefi fala que o rio Passa Cinco era diferente. Os alunos falam que parecia ser mais fechado e que havia mais mato nas margens do rio.

Deise pergunta para a sala o porquê de o rio estar ficando mais estreito e os alunos falam que é porque o rio vai secando e hoje muitas coisas caem nas águas.

A professora quer saber agora o que foi retirado das margens do rio que a terra pode cair livremente nele. Os alunos falam que é a mata, já que ela segura a terra juntamente com suas raízes.

Deise fala que o rio está mais estreito, pois se retirou a mata ciliar.

Uma aluna pergunta para Hélia se ela trouxa a lista de chamada e ela responde que sim e que também trouxa mais alguns documentos.

Deise e Hélia perguntam e pedem para olharem com atenção nas pessoas das fotos já que, na hora, percebemos que a foto é antiga.

Uma aluna fala que hoje os professores vão trabalhar com qualquer roupa e que na época era diferente assim como a vestimenta dos alunos que eram uma espécie de terninho. A aluna quando diz isso aponta para as roupas da professora e fala que as roupas dela são básicas e simples.

Os alunos vão apontando várias diferenças.

Falam que hoje quase ninguém mais usa. Somente os homens mais velhos ou quem trabalha no Sol.

Deise pergunta: “E Terno? Quem usa hoje em dia?”.

Os alunos dizem que usam em casamentos, para ser padrinho, em empregos e para apresentarem programas de televisão.

Deise comenta que antigamente todos os homens possuíam terno e que hoje existem pessoas que não têm e que alugam quando precisam, dizendo também que até os meninos possuíam ternos.

Os alunos falam que nas empresas de hoje ainda se usa uniforme.

Alefi nota e Hélia expõe para a sala a diferenças encontradas entre as duas fotografias da banda, tiradas em datas diferentes. Em uma, todos os homens fazem uso do chapéu e na outra, mais recente não. A mais antiga data de 1922 e a outra de 1925.

Hélia diz que ao interpretar os motivos dessa diferença estão fazendo suposições, já que a verdade não é possível saber. Ela diz que poderiam haver tirado, em virtude de determinadas regras, um ritual do chapéu, etc. Ela fala que nem tudo se pode responder quando se olha o passado e mostra que Ferreirão, figura conhecida da história da cidade, está na foto de 1922 e não é presente na de 1925. Se ele nasceu em 1856, como ela pode afirmar com certeza, e a foto é de 1922, quantos anos ele deveria ter na foto, pergunta a sala. Um aluno responde 72 anos rapidamente. A conta está errada e Deise pede que um aluno vá a lousa mostrar a conta. O aluno Felipe vai até lá e realiza a conta, mostrando dificuldade para realizar tal operação.

Demora um pouco até conseguirem realizar a operação e descobrirem que Ferreirão tinha 66 anos na fotografia, como Eduardo fala para a sala.

Os alunos falam que ele não era tão idoso quanto aparenta na fotografia.

Hélia fala que passará o xerox dos documentos que trouxe.

Os alunos vão observando os documentos, dando mais atenção a lista de chamada. Além dela Hélia trouxe um passaporte de um imigrante, o mapa contido na página 31 do Atlas e a primeira folha de um processo envolvendo o município de Ipeúna.

Hélia fala um pouco de cada documento e a aula chega ao fim, rapidamente. 10:40 horas.

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA DEISE – 27/05/2003

8:15 horas. Novamente espero no ponto combinado com a tutora Hélia. Está difícil de escrever devido ao frio. Hoje o que me intriga é saber como Deise dará andamento na brilhante atividade desenvolvida, semana passada, com a presença de Dona Margarida.

Hélia chega às 8:18 horas.

Chegamos na escola quinze minutos após a saída de Rio Claro. Como sempre fomos muito bem recebidos pela professora, com beijos e abraços calorosos. Isso, aliado ao calor da sala de aula transmite uma sensação agradável de conforto.

Uma outra terceira série ainda e encontra na sala, tendo atividades de Educação Artística.

Deise conversa com a tutora sobre o relatório e a narrativa, que ambas deverão entregar na próxima semana.

Soa o sinal e Deise acompanha a turma da sala até o local onde a próxima professora desenvolverá atividades com eles e apanha a 3ª série “A”, a turma cujas atividades são acompanhadas.

8:45 horas. Os alunos chegam e vão se acomodando pelas carteiras da sala. Eu me sento do lado direito da sala enquanto Hélia no esquerdo, ambos em carteiras localizadas na frente da sala.

Algumas alunas já deixam o lugar reservado para a tutora Hélia que se integra muito bem com todos os alunos.

Os lugares do centro da sala ficam vazios e Deise pede que dois alunos sentem-se ali.

Parada na frente da sala a professora começa a aula recordando, com os alunos, o tema da aula passada perguntando se todos se recordavam do que se tratava.

Os alunos respondem que a aula foi sobre as “caixinhas” das lavadeiras e a história de Dona Margarida. Uma aluna comenta que sua mãe lhe contou que ia com a mãe (avó) até o local comentando. Outros alunos também contam que seus familiares lhes contaram histórias sobre as “caixinhas”.

Deise pergunta aos alunos se seria possível através do texto, das informações, das fotos e da fala de Dona Margarida construir uma maquete das “caixinhas” das lavadeiras. Todos dizem que sim.

Ela diz que irá distribuir os Atlas para que as fotos sejam revistas e tentar, com isso, achar quais materiais devem ser trazidos para a confecção das maquetes. Os Atlas são distribuídos a todos e a professora apaga a lousa.

Deise pergunta para a sala se, durante o tempo em que frequentam a escola, já realizaram alguma atividade como essa, de construção de uma maquete. Os alunos respondem que não, exceto Eduardo, Jaqueline e Giovani. Deise pede que os três transmitam aos colegas informações sobre o que é uma maquete.

Nesse momento Dona Margarida entra na sala e entrega para a professora três grandes folhas de isopor, os alunos a cumprimentam e vice-versa.

Após a saída de Dona Margarida o aluno Giovani fala que primeiramente deve-se pensar o que realmente será feito, como a maquete de uma casa que ele já realizou, com os materiais disponíveis (cola, caixas, tinta).

A aluna Jaqueline comenta que uma maquete é uma demonstração pequena das “caixinhas”, por exemplo.

O aluno Luiz Felipe chega atrasado na sala e muito afoito. Rapidamente se senta e a professora diz para ele que estão discutindo sobre maquetes.

Ana Carolina fala que uma maquete seria uma demonstração menor das coisas e Heloísa diz que podem ser construídas maquetes de casas e, com isso, você divulga a construção. Explica, também, que isso é possível utilizando-se caixas de sapatos, folhas de isopor, etc., e que, somente quando tudo se encontra no lugar a pintura dos objetos da maquete é feita.

Outros alunos vão contando experiências que já tiveram com maquetes ou algo do gênero.

Deise pergunta para a sala se entenderam o que é maquete através das falas dos colegas.

Os alunos dizem que sim.

A professora diz que maracá na lousa o que é necessários para a construção da maquete e que os alunos devem ajudar citando os objetos.

Escreve na lousa: **Caixinha das Lavadeiras**; e fala que eles já disseram que para fazer as caixinhas seria necessário possuírem caixinhas. Deise pergunta se alguém recorda a quantidade de caixinhas que existiam na época das caixinhas.

Alguns alunos respondem 24, sendo 12 de cada lado.

Os alunos dizem que poderiam representar as caixinhas com caixas de fósforos e a professora, apanhando folhas de isopor, responde que primeiro deverá ser construída a maquete para posteriormente decidirem pelo uso das caixas de fósforo. A grande maioria dos alunos debate entre si até que decidem pelo uso das caixas de fósforo para representar as caixinhas das lavadeiras.

Os alunos continuam a dizer quais matérias serão necessários para a construção das maquetes e, dessa vez, dizem ser necessário o uso de tinta e de cola.

Deise expõe que existia um tanque maior que ficava no meio de todas as caixinhas das lavadeiras, que eram de menor tamanho. Imediatamente a aluna Carolina diz para a professora que existem caixas de fósforos maiores do que as convencionais e que para a representação do tanque poderão ser utilizadas.

Os alunos parecem se entusiasmar cada vez mais da idéia da confecção da maquete e, novamente, debatem entre si, expondo idéias e organizando como cada um poderá contribuir.

Alguns alunos dizem, para a professora, que será necessário o uso de papelão para a confecção do telhado e, em seguida, inicia-se um debate sobre o melhor suporte de sustentação para ele, até que decidem pelo uso de palitos de churrasco.

O aluno Lucas diz para que a volta da maquete seja pintada de verde para que se dê a impressão dos “matinhos” que havia em volta da caixinha das lavadeiras e, de imediato, outros alunos sugerem o uso de papel crepom da cor verde para essa representação. A professora sugere a confecção de algumas árvores também.

Um grupo de alunos debate sobre a origem da água utilizada na caixinha das lavadeiras, com um consenso geral de que era originária do rio, mas a tutora Hélia ao ouvir a conversa diz que não. Deise aproveita e explica que a água utilizada ia para o rio, mas vinha de uma mina através de canos. Os alunos empolgados comentam da necessidade da utilização de canudos para bebida para realizar a representação desses canos.

Deise comenta que alguns materiais a escola possui e que o restante deverá ser trazido pelos alunos. A aluna Caroline diz possuir os palitos de churrasco e os demais alunos sugerem que cada um traga uma caixa de fósforos, pois, assim, o número será certo, uma vez que foram contados 24 alunos, ficando de responsabilidade do aluno Giovani trazer a caixa de fósforos de tamanho maior.

Caroline fala que trará os canudos também

Acontece um alvoroço na sala devido ao entusiasmo dos alunos em participar.

A professora sugere que peguem o caderno para anotar na seqüência o que deve ser trazido para a próxima aula, enquanto o aluno Lucas sugere que se façam bonecos para representar as pessoas que iam até as caixinhas para lavarem roupa.

Deise escreve na lousa ao lado das anotações dos materiais necessários para a maquete:

Para a próxima aula – dia 03/06

1 caixa de fósforos.

Palito para churrasco.

Canudinho.

Os alunos falam que o certo seria escrever palito “de” churrasco e não palito “para” churrasco.

A aluna Heloísa mostra para Deise algumas fotos antigas e Hélia pede para verifica-las e começa a conversar com ela.

09:05 horas. A professora faz algumas anotações em seu caderno de plano de aulas e, logo em seguida, diz que já está combinado para a próxima aula de se realizar a confecção da maquete.

Explica para os alunos que irá distribuir uma folha e que, através de desenhos, história em quadrinhos ou textos escritos, eles deverão contar para alguém sobre a caixinha das lavadeiras e continua explicando que existem informações no Atlas, através da professora Hélia, de suas falas, das explicações de Dona Margarida e dos colegas e das imagens que ele observaram.

Pede que passem para o papel tudo que os alunos saibam sobre as caixinhas, e que essas informações não são para ela e sim para alguém que nunca ouviu falar das caixinhas, já que levará na quinta-feira para Rio Claro, onde será mostrado para as outras professoras do projeto.

Hélia explica para os alunos que ela e eu já sabemos a história e que agora será a vez das demais professoras do grupo.

Terminada a distribuição das folhas os alunos iniciam a atividade com o Atlas aberto sobre as carteiras. O aluno Eduardo diz que não entendeu a atividade e a professora Deise começa a explicar novamente para a sala toda. Após a nova explicação os alunos retomam a atividade. Deise e Hélia conversam, em pé, na frente da sala.

Os alunos trabalham calmamente e com vontade, havendo muita troca de idéias entre eles.

Um aluno chama Deise duas vezes e ela não ouve.

Levanto-me e vou conversar com a professora. Ela me diz que o pai do aluno Luiz Felipe faleceu no sábado.

Hélia comenta com a classe que tem uma dúvida e a expõe dizendo que não sabe para onde ia a água que era utilizada pelas caixinhas. Deise pega o Atlas e mostrando a localização de onde se situavam as caixinhas explica que a água ia para o córrego das lavadeiras.

09:30 horas. Soa o sinal do intervalo.

09:50 horas. Retornamos para a sala de aula e todos os alunos retomam suas atividades.

Deise vai passando pelas carteiras dos alunos e vai conversando com eles sobre os desenhos. Somente um aluno não está desenvolvendo a atividade através de um desenho e sim por meio de um texto, é o aluno Alefi.

A professora diz para sala que eles terão que fazer uma análise e ver se a atividade pode ser compreendida por alguém que não conhece a história das caixinhas das lavadeiras.

Os alunos perguntam para Deise algumas datas exatas sobre as caixinhas.

A sala está calma, os alunos realizam as atividades com o mesmo entusiasmo de antes do intervalo.

Deise e Hélia conversam.

Surge uma dúvida sobre o nome do município de Ipeúna na época das caixinhas, alguns alunos acham que o município chamava-se Ipojuca, mas a professora explica que não, pois na época das caixinhas já se chamava Ipeúna e lê no Atlas um trecho que explica as datas e os nomes que estão contidos na página 34.

10:10 horas. Batem na porta da sala e Deise vai atender. É um senhor com um grande bigode que a professora parece conhecer. Enquanto conversa com o senhor uma professora da escola, Dirlane chega a porta e pede para falar com Hélia que vai atende-la de imediato e retorna de forma rápida para dentro da sala.

O aluno Lucas diz que seu desenho está feio e pede outra folha para começar um novo. Deise insistiu com ele dizendo que não está feio, mas ele permanece irredutível e, por fim, a professora entrega outra folha para ele.

Os alunos chamam Hélia para ler os trabalhos, já que a grande maioria além de desenhar produziu um texto durante a atividade.

As duas professoras andam pela sala observando as atividades dos alunos, dizendo que existem muitas coisas para serem escritas.

Alguns alunos observam os trabalhos dos colegas sentados próximos.

Lucas pergunta a data exata em que surgiram as caixinhas e Deise explica retomando a fala de Dona Margarida que disse que em 1951 quando se mudou para Ipeúna já existiam as caixinhas. Então a professora apontando no Atlas diz que foi em 1950.

Os alunos vão terminando as atividades e Deise vai recolhendo-os.

10:40 horas. A aula se encerra.

ANEXO 3

REGISTRO DE AULA DA PROFESSORA LUCIANA

REGISTRO DE AULA – PROFESSORA LUCIANA – 21/09/2006

Chego na escola por volta de uma hora da tarde desse dia nublado e quente. A escola localiza-se no final da Avenida Rebouças, uma das mais importantes do município de Sumaré.

A escola é dividida em dois grandes pavilhões (blocos), feitos de blocos de concreto, recebendo um revestimento amarelo e marrom, em tons claros. A primeira impressão é de ser uma escola muito limpa e organizada, visto que os alunos, em quase sua totalidade, apresentam-se uniformizados, mesmo aqueles que se encontram fora do seu período de aulas e ainda andam os arredores da escola.

Encontro a professora Luana no pátio de entrada da escola, onde está localizada a secretária e a sala da direção da unidade escola. Ela me apresenta para a Vice-diretora que me leva para dar uma circulada pelo prédio. Os alunos concentram-se no pátio principal da escola, que possui televisão e muitos ventiladores por ser bem quente. Luana me explica que cada professor busca sua sala, que ficam enfileiradas em demarcação no chão (feitas com fita adesiva), totalizando doze, que é o número de salas de aula e turmas da escola, neste período da tarde.

Vou junto com os alunos e a professora Luana para a sala de aula desta turma, uma quarta série. Os alunos mostraram-se pouco curiosos com minha presença, e percebo que são muito argumentativos.

A sala de aula situa-se no segundo bloco de aulas, um novo, construído depois da inauguração da escola, segundo a professora, que abriga também uma pequena biblioteca, outras salas de aula e uma parte administrativa da escola (secretária e sala da direção), próximo da entrada da escola. Lembro que, esta entrada não é utilizada pelos alunos nos horários de entrada e saída das turmas, ficando destinado, para isso, um outro portão lateral no outro bloco de salas da escola.

Percebo que a sala é organizada de forma tradicional, sendo que cada aluno possui sua carteira, em número exato ao de alunos freqüentantes (38 alunos). Por sorte, ou não, alguns alunos faltaram e me sobrou um conjunto de carteira e cadeira para me sentar, no fundo da sala. Os alunos que se sentam próximos a mim, conversam e fazem algumas perguntas e, também, avisam a professora que trouxeram as atividades pedidas.

A sala é bastante heterogênea na sua formação de alunos, mas de certa forma, todos aparentam ser muito participativos na aula e cuidadosos com seus materiais escolares.

Cada aluno cobre sua mesa com um plástico quadriculado.

Luana posiciona-se na frente da sala de aula, junto à lousa e inicia a atividade do dia, colocando no suporte para giz da lousa dois mapas da área de influência da escola, fixado num isopor. Começa chamando os alunos para fazer a marcação no mapa, com alfinetes, dos lugares novos e/ou errados que encontraram neste mapa. A professora comenta com os alunos que a própria escola estava localizada erroneamente no mapa, perguntando a razão de estar localizada assim e como descobriram este erro.

Os alunos apontam lugares que ainda faltam no mapa, como a construção mais antiga do bairro, a própria escola, localizada em local errado, a creche Raio de Luz, o batalhão da polícia militar, recém inaugurado e um grêmio esportivo. Todos os lugares são marcados pelos alunos no mapa que são chamados pela professora para irem até a lousa. Os alunos aparentam certa dúvida para localizar no mapa os pontos exatos, mas a professora os auxilia de forma clara e objetiva.

Luana (L): Agora está correto?

- Alunos (A): Está.
- L: Marcos eu marquei que estava faltando o seu condomínio, o Parque das Orquídeas. E o fundo do dele é na rua do Jonathan. Venha ver se eu marquei.
- A: Foi marcado lá do outro lado.
- L: Isso. Foi marcado lá do outro lado.
- L: Ivan, você que falou da falta do edifício, aqui do prédio mais antigo. Vem ver se a marcação está correta. Vem Marcos, que a sua mãe contou a história de que sempre morou perto do único prédio que tinha aqui em Sumaré.
- L: Olha, o prédio está marcado de preto.
- L: Correto?
- L: Vem a Mariana, Stefânia e a Andressa ver se está marcada corretamente a Creche e a Associação de Moradores.
- L: Está certo?
- A: Está correto, professora.
- L: Isabel e a Milene que mostram pra mim que estava faltando marcar o Batalhão da Polícia Militar. Vocês comentaram que fica perto da casa de vocês. Vem ver se está marcado certo
- A: Professora é perto da minha casa também.
- L: Então vem ver também Marcos.
- L: Está correto?
- A: Está.
- L: Olha só. O Ivan falou uma coisa. Ele disse que nesse mapa que nós marcamos não tem o novo Batalhão, que começou faz uns dez dias Ivan?
- A: É.
- L: É ali perto do Clube Recreativo não é?
- A: É.
- L: Anota pra mim Ivan. Eu vou te dar o papel e você faz a anotação que está faltando o novo batalhão que foi feito aqui né. Perto do Clube.
- A: É a Primeira Cia. de PM.
- L: Isso. É a Primeira Cia. de PM.
- A: Luana, você não vai usar o objeto antigo que você pediu pra gente?
- Luana faz sinal para que o aluno aguarde. Ela vai até o armário no fundo da sala de onde retira uma folha de papel e a entrega para o aluno Ivan.
- L: Ivan, anota.
- A: Qual que é o Batalhão professora?
- L: Qual é o nome do batalhão que ele falou?
- A: Primeira Cia da PM.
- L: Primeira Cia. da PM. Anota aí.
- A: Professora coloca só Primeira Cia. da PM.
- L: Isso. Coloca que está faltando.
- L: Ah quem mora ali é a Gisele, que faltou. Ela falou pra mim que estava faltando a marcação da Guarda Municipal com o Bombeiro. A Guarda Municipal está aqui de azul e os Bombeiros de vermelho. Só que o que eu descobri? Aqui é uma área verde no mapa, mas não é. Na verdade já estavam construídos a Guarda e os Bombeiros.
- Alunos debatem entre si e Luana conversa com alguns perto do mapa que está na lousa.
- L: Então hoje, para a gente conhecer melhor o bairro, nós vamos... Porque o Jonatas trouxe, junto com o Juliano a história de uma das casas mais antigas do bairro Jardim Eldorado. Antigamente tudo aqui era plantação de algodão. Hoje vai vir a avó da Marcela contar a história e o tio do José para contar a história já que ele sempre trabalhou nas plantações.
- E o pai do Juliano, nós vamos tentar remarcar novamente, porque o pai dele ia trabalhar hoje. Porque ele trabalha com o dono de todas essas terras aqui. Então a gente vai trazer também o pai do Juliano pra contar essa história. Não é Juliano? Então a gente vai marcar porque hoje ele vai trabalhar.
- A: Professora, o filho do seu Antonio Palioto vai vim também?
- L: Isso. O filho do Antonio Palioto já está marcado para semana que vem e ele vai contar a história da escola né. Não da escola. Do Seu Antonio Palioto e vai acabar contando a história de quem era trazendo fotos também dele. Eu sei que a maioria já trouxe os objetos antigos que eu pedi.

Alunos se manifestam dizendo o que trouxeram e perguntam quando será mostrado.

L: Semana que vem. Só falta confirmar o dia também. E amanhã Paulo a professora de Educação Física, aproveitando toda essa ênfase que está dando ao projeto Atlas, amanhã ela vai trabalhar com mapas também na Educação Física.

A: É assim Paulo, ela vai dar um papelzinho aí vai ter as pistas e o grupo vai ter que correr e pegar e vai estar assim, no papel vai ter uma pergunta. Primeiro ela falou assim pra nós que as perguntas vão ser mais ou menos assim, tudo pegadinha.

L: Então amanhã que ela vai trabalhar e falou que se você quiser vir assistir a aula. Eu sei que é difícil. Mas ela falou que vai fazer um relatório, um registro, de todas as atividades que ela está trabalhando.

L: Então agora nós vamos fazer a visita. Peguem o caderninho de recados.

Alunos se manifestam com a professora e vão se organizando para sair da sala de aula.

Uma aluna vem falar comigo:

A: Os alunos trouxeram muitos objetos antigos, boneca, ferro, manivela, e uma boneca com mais de cem anos.

Os alunos saem da sala e vão se arrumando em uma fila no lado de fora.

L: Ah é oh! No mapa está faltando o assentamento, porque nós temos muitos alunos do assentamento e o mapa não mostra. Está vendo? Esses que ficam nessa região só existe um do assentamento, um da Estância Árvore da Vida, esses dois moram no alto do Sumaré, então eles passam na linha do trem com a perua e todos esses daqui não moram na área de influência, moram em outra região. São dez.

Comento que o assentamento não aparece em nenhum mapa e a professora comenta que não está pronto ainda por problemas de acordo financeiros com a gráfica, que não liberou todos os mapas para o projeto.

L: Esse daqui nós fizemos a marcação de onde cada um mora. Cada um achou sua rua aqui e marcou e eles foram arcando os erros, anotando e eu montei aquele ali e eu fiz, também, uma pesquisa de campo para ver realmente se as informações eram verdadeiras ou não. O que está aqui já está tudo correto e anotado. Você viu que hoje já apareceu mais uma coisa que eles acharam falta que é o Batalhão que abriu novo.

Os dois mapas se encontram apoiados na lousa e são da área de influência da escola Palioto. Cada aluno é marcado com um alfinete com cabeça colorida e os que não moram dentro da área de influência estão marcados e agrupados no local por onde entram nesta área, que é um pontilhão sob uma linha férrea.

O outro mapa contém, também, a área de influência da escola e nele estão marcados os locais que estavam marcados erroneamente nesta primeira impressão do mapa, para depois ser levado ao grupo de pesquisa para correções futuras.

Enquanto isso os alunos se preparam para sair da escola no passeio. Muitos perguntam se podem encher suas garrafas plásticas com água e todos levam consigo um caderno para anotações. Luana se mostra tranqüila e muito segura para lidar com eles.

Uma funcionária da escola irá nos acompanhar no passeio pelo bairro.

Vamos saindo da Escola. Luana orienta todos para prestarem atenção no que será dito e fazerem anotações. Vão fazendo o caminho até a casa mais antiga do bairro anotando o nome das ruas em cada esquina que aparece uma placa. Os alunos ficam muito atenciosos com os detalhes dos nomes e perguntam para a professora várias vezes o nome da rua da escola para iniciarem a anotação.

L: Hoje na escola nós temos outro evento. Os pais irão vir as três e meia, é sobre o trânsito. Ontem vieram os agentes conversarem com as acrianças e hoje haverá um chá da tarde com os pais. Os alunos terão aula normal e hoje só virão os pais.

Eu pergunto o que vai acontecer quando depois do passeio e a professora me responde que assim que terminar e voltar para a sala ela dará continuidade na atividade.

Os alunos prestam muita atenção para atravessar a primeira rua.

L: Nós vamos atravessar agora a avenida Joaquim Ferreira Gomes, mas ela tem esse nome só até ali embaixo perto dos predinhos.

A: Professora, aqui minha vó falou que essa rua era toda cheia de terra.

L: Exatamente.

L: Essa rua tem esse nome só ali até os predinhos. Está vendo ali os predinhos? É onde o Marcos falou que estava faltando no mapa. É o condomínio Parque das Orquídeas. Não é Marcos? Dali pra lá é Teodoro Condieve.

L: Esse semáforo é tão demorado.

Nos encontramos numa avenida que passa atrás da escola. Os alunos esperam pacientemente o semáforo abrir para atravessar, sempre atentos as explicações da professora. Os alunos contam para a professora que atravessam por um outro lado para não esperarem tanto quando vêm para a escola. Os alunos se preocupam uns com os outros para atravessarem a avenida quando o semáforo abre.

Ao chegar do outro lado Luana mostra para os alunos a construção do SENAI, que será ao lado da escola e diz que a inauguração está prevista para novembro. Um aluno diz que fará faculdade ali. Luana explica que ali não terá faculdade e só segundo grau. Ele diz que fará então o segundo grau ali.

L: Essa Rua chama Júlio de Albuquerque.

Já estamos descendo uma rua que fica paralela a rua da escola.

Os alunos vão anotando no caderno os nomes das ruas e alguns fazem um esboço do caminho. Luana diz que uma nova rua que encontramos se chama Ângelo Panaro. Um aluno pergunta se precisa anotar. Luana responde: Você acha importante anotar?

Os alunos perguntam diversas vezes o nome da rua para, então, anotarem em seus cadernos. Sendo que alguns alunos ajudam outros.

A: Professora qual o nome dessa rua?

L: Essa rua se chama Júlio de Albuquerque.

L: Prestem atenção. Nós vamos virar na rua Antônio Jorge Chebab e a casa está logo ali. Então agora eu quero silêncio, um atrás do outro.

Os alunos encontram dificuldade para anotar o último nome. Luana mostra um local murado e explica que ali é da prefeitura e que antes ali funcionava a coordenação do asfalto, mas que não sabe se ainda ali se faz asfalto, pois, antigamente, havia uma caldeira para fazer asfalto. Um aluno diz que ainda faz.

Os alunos vão andando junto com a professora pela rua que permeia uma grande área de mato e pasto. Luciana mostra que ainda existe a caldeira no local para se fazer asfalto. Luana pede silêncio aos alunos e explica que as pessoas que residem na casa não gostam de barulho e que eles já haviam sido informados disso. A casa é uma construção bem antiga e mal preservada, de tijolos aparentes e janelas e portas em madeira. Luana para com os alunos na frente da casa, que se encontra bem dentro do terreno, estando afastada do contato de todos nós.

L: aqui é a casa mais antiga que nós temos na região. Moram duas pessoas que até o Jonas trouxe que é o Moraes e o Salgadinho. Eu já vim aqui duas vezes, bati palmas e não atendeu e eles nos disseram que eles não gostam de ser incomodados. Pelo que parece não foi mexido em nada na casa. É a casa mais antiga que nós temos aqui na região.

A: Qual o nome das pessoas professora?

L: É Moraes e salgadinho que moram nessa casa, não é isso?

L: Juliano, o que o Moraes faz mesmo que você falou?

A: Ele corta capim e o Salgadinho também.

L: Lá onde está a Mina Jonatas a gente desce por aqui?

Um pouco mais adiante da casa nos deparamos com uma trilha que leva a parte baixa do terreno, onde se encontram muitas árvores e aparentemente existe um riacho.

L: Está muito barro?

A funcionária da escola responde que provavelmente está com bastante barro a trilha.

Um aluno diz que é melhor tentar ir por um outro caminho.

L: A mina é para lá?

A: Tanto faz, vai chegar do mesmo jeito.

Luana explica que ali, naquela região, era tudo plantação de algodão.

Neste momento, Lú, a funcionária da escola, explica um pouco sobre o lugar.

Funcionária (F): Há trinta anos atrás, vinha gente de Nova Odessa, Americana, muita gente, meu marido contou. Nesta casa morava o senhor Salgado com a família, agora ele é falecido, mas existem os filhos, os netos.

L: Os parentes que moram aqui, por isso o Salgadinho.

F: Então, antes de ter asfalto e tudo, havia uma rua de terra que era só eucalipto de fora a fora, que era só pra transporte de pessoas a pé ou de carroça que vinha para se benzer. Trazer crianças ou adultos para se benzer no Pito salgado, como ele era conhecido. Então vinha gente de muito longe e ele era muito conhecido e, tirando essas plantações de eucalipto que dava o caminho para as pessoas passarem era só algodão. Lá embaixo era sítio e até meu cunhado morou nesse sítio. E era só algodão mesmo e depois que veio a plantação de tomate e berinjela.

L: Anotaram aí?

F: Depois que terminou a plantação de algodão foi plantado tomate e berinjela, que o povo trabalhou muitos anos com isso.

Os alunos anotam o que foi explicado.

Luana explica que para tentar entrar na mina é necessário atolar o pé na lama. Os alunos se empolgam e dizem que eles iriam atolar o pé no barro.

Lú explica um pouco da história da mina e Luana chama os alunos para ouvirem.

F: Antigamente eles só usavam essa água. Há trinta anos atrás era só essa água que o povo bebia. Só tinha isso, não tinha outra há trinta, trinta e oito anos atrás. Só depois, que o povo foi usando muito, foram construindo e fazendo outras coisas, a mina realmente foi diminuindo.

L: Dizem que um senhor pegou uma boa parte da água da mina e levou para a plantação dele.

A: Desviou.

F: Isso. Desviou. Hoje tem, comparado com aquela mina de antigamente, uma bica d'água, branquinha, onde muita gente utiliza ainda.

L: Muita gente utiliza a água?

F: Muita gente.

L: A Lú é uma moradora muito antiga daqui, o marido dela trabalhou na plantação. É o seu cunhado que vem?

F: Vem três e meia.

L: Ele vai vir contar também e a avó da Maira é uma moradora antiga.

A: Professora, ela já morou do lado de casa.

L: Eu acho que é melhor a gente vir até aqui.

Luana analisa que será melhor voltar para a escola.

A: Alá professora, é aquele que manda pedra na cabeça da gente.

O aluno aponta para a professora mostrando um morador da casa mais antiga do bairro que aparece na porta e a professora comenta que ele não gosta de visitas e que ontem nem a havia atendido.

L: Vamos formar uma fila para voltar.

Próximos da escola já, uma aluna comenta que a avó dela, antiga moradora do bairro, disse para ela que ali era só terra e que depois que veio o asfalto, mas que era um asfalto ruim e cheio de buracos e que era melhor que tivesse permanecido terra.

Os alunos são muito participativos.

A: se você reparar agora vai ver a casa que minha avó morava. Agora ela mudou e mora perto da EDUCATIVA.

L: Quando sua avó estudou com a minha amiga eu lembro que agente vinha aqui.

L: Observe bem essa casa aqui, porque quando a avó da Maira vir contar pra gente ela vai contar modificações aqui dessa região dessa casa aqui, porque ela morava aqui.

A: Quando teve rodeio aqui, caiu o poste bem na frente dessa casa aqui e dá pra ver bem essa casa aqui.

Voltamos para a escola. Os alunos vão beber água e depois se dirigem para a sala de aula.

Já na sala, quando todos estão novamente acomodados Luciana explica o que será feito depois de ir até um armário que fica no fundo da sala de aula para pegar folhas de sulfite e pede que os alunos peguem uma e passe o restante para os colegas detrás.

A: professora, para que isso aqui?

L: Vocês vão fazer a margem na folha e vão desenhar para mim o trajeto que nós fizemos da escola até a casa.

A: Como assim?

L: Você vai desenhar as quadras que você marcou para chegar até lá. Então da escola até a casa. Qual foi o caminho que você fez para chegar até lá.

O aluno Mateus diz que não é possível fazer esse desenho pois não haverá espaço na folha .

Luana diz que podem usar outras folhas e o aluno Juliano pede uma também e a professora diz que deixará as folhas sobre a mesa para poderem ir pegando. Uma aluna pergunta se pode fazer em quadrinhos Luana responde que ela quem deverá escolher. Os alunos vão tirando dúvidas com a professora sobre o que deverá ser feito. Percebo uma certa confusão dos alunos em relação ao espaço da folha e o tamanho do desenho.

Os alunos, em sua maioria, utilizam réguas para realizar os desenhos e, por enquanto, não vão até o mapa que continua na lousa para consultarem a região que visitaram. Quando argumentada pelos alunos sobre o desenho, a professora responde: O que você acha?

Alguns alunos dizem que farão um rascunho e alguns pedem mais folhas para a professora sendo que, um aluno, utiliza uma fita colante para emendar as folhas.

Um aluno pergunta se é necessário fazer a escola e uma outra aluna responde que sim, afinal ela faz parte do bairro. Alguns alunos desenham as casas e dizem que faz parte do desenho e do trajeto, outros consultam o caderno que levaram para anotações e tentam mentalizar o caminho percorrido.

O aluno Juliano diz para a professora que errou o desenho e ela pergunta o que exatamente ele errou. A resposta é tudo.

Os alunos perguntam o que será feito com os desenhos e ela explica que serão colocados em exposição na escola. Um aluno diz que colocará até os nomes das ruas em seu mapa.

L: Agora vocês vão mostrar os caminhos que vocês fizeram com o mapa.

A professora chama o aluno Ivan na frente da sala para explicar seu desenho.

O aluno vai à frente da sala e a professora pergunta qual o caminho que ele percorreu para chegar até a casa mais antiga do bairro e explica que não é a mais antiga de Sumaré e sim do Bairro Eldorado.

O aluno, mostrando seu desenho para a sala, vai descrevendo os caminhos que percorreu para chegar até a casa. Seu desenho está bem detalhado e contido em uma folha apenas.

A professora explica o trajeto novamente para a sala utilizando o desenho de Ivan. Descreve com os alunos o nome das ruas que percorreram e o número de quadras que andaram.

Luana chama agora a aluna Larissa.

A aluna explica seu desenho e Luciana pergunta para Ian o nome da rua da casa. O aluno responde corretamente.

A aluna mostra para a sala um desenho bem colorido.

L: O que mais te chamou a atenção nesse caminho?

A: A casa mais antiga.

Luana chama a aluna Maira.

Maira realizou um desenho com quatro folhas e bem detalhado. Percebo que os desenhos maiores são dos alunos que moram perto da escola e na região da casa mais antiga.

A professora continua chamando diversos alunos para explicar e mostrar seus desenhos e sempre perguntando o que mais havia chamado atenção deles. As respostas variam entre a casa e a fábrica de asfalto. Os alunos, a pedido da professora, antes das explicações dizem qual bairro moram e apontam, quando podem, o local no mapa da área de influência que está na lousa.

Enquanto os alunos apresentam uma funcionária vem avisar que o Tio de um aluno já se encontrava na escola para dar seu depoimento. Luana diz para os alunos e explica que depois será a vez dele falar.

Praticamente todos os alunos mostram seus desenhos e explicam, em sua maioria, muito bem o caminho percorrido, mesmo que o desenho não se apresente detalhado.

O sinal para o intervalo soa. Na escola os intervalos são seqüenciados pelas séries, sendo um horário reservado para cada aluno.